

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO

Caren Simone Freitas da Costa

ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA SINONÍMIA
E ANTONÍMIA EM LIBRAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FLORIANÓPOLIS
2016

Caren Simone Freitas da Costa

**ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA
SINONÍMIA E ANTONÍMIA EM LIBRAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Caren Simone Freitas da
ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS SINONÍMIA E
ANTONÍMIA EM LIBRAS / Caren Simone Freitas da Costa ;
orientador, Rodrigo Rosso Marques Marques - Florianópolis,
SC, 2016.
160 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação Multidisciplinar em Saúde.

Inclui referências

1. Saúde. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3.
Interpretação em Libras. 4. Estratégias de Interpretação
Semânticas Sinonímia e Antonímia em Língua Brasileira de
Sinais (Libras). 5. Sala de aula. I. Marques, Rodrigo
Rosso Marques. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Saúde. III.
Título.

Caren Simone Freitas da Costa

**ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA
SINONÍMIA E ANTONÍMIA EM LIBRAS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 14 de abril de 2016.

Prof. Dr^a. Andreia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Fabíola Sucupira Ferreira Sell
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.Dr.Deonísio Schmitt
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.Dr.Markus Johannes Weininger
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (Capes) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Pget) pelos auxílios que possibilitaram esta pesquisa.

As instituições de ensino que, através de seus gestores, professores e intérpretes de Libras contribuíram para a realização desta pesquisa, e também àqueles que se dispuseram a auxiliar, mas que, por outros motivos, acabaram não fazendo parte da coleta de dados.

Às instituições: Faculdade Municipal de Palhoça (FMP)/SC, Faculdade Estácio de Sá da unidade de São José/SC, Unisul, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e ao Colégio de Aplicação da UFSC.

Aos profissionais e colegas Silvana Nicoloso, Mariane Rodrigues Souza, Paula Maria Markewicz, Mariah Pereira, Priscilla Monteiro, Rafael Dallagnol, Paula Michels, Gabriela de Carvalho, Janice Mileni Bogo, Denilson Sell, Salete Cecília de Souza, Viviane Barazzutti, Liliane Carvalho, Débora Casali, Bárbara Peres, Júnior Cunha, Leonardo Valenza, Sandra Mendonça, Rachel Sutton Spence, Markus Weininger, Neiva de Aquino Albres, e ao Fernando, secretário da Pget.

Aos professores da banca examinadora, que auxiliaram pontualmente com suas sugestões, Fabíola Sell, Janine de Oliveira e Ronice Müller de Quadros, Deonísio Schmitt e Markus Johannes Weininger.

A todas as pessoas que não estavam no contexto acadêmico, entretanto, de outras formas, puderam me auxiliar nesta caminhada: Elisandra Facio Pinheiro, Meira e Zélia, Raphael Mocelin Segal e Damien Segal.

Ao meu orientador, Rodrigo Rosso Marques. Quero expressar toda a gratidão pelo acolhimento, dirigido a mim, em todos os momentos pela oportunidade de eu alcançar mais um objetivo em minha trajetória profissional.

RESUMO

A presente pesquisa visou a analisar as estratégias semânticas sinonímias e antonímias presentes na atividade de interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) em sala de aula. Os objetivos são: investigar se as estratégias de interpretação semântica sinonímia e antonímia contribuem para interpretações em Libras em sala de aula, analisar as interpretações produzidas em Libras e verificar para quais palavras em Língua Portuguesa foram utilizadas as estratégias semântica sinonímia e antonímia. Esta dissertação foi construída com fundamentação em Krings (1986) e em Chesterman (1997 e 2000), pois, a partir desses autores, foi possível compreender didaticamente as possibilidades de interpretação passíveis de serem aplicadas em situações diversas. A investigação tem abordagem de cunho qualitativo e quantitativo mediante uma pesquisa descritiva, em que o procedimento adotado foi o estudo de caso. A coleta de dados se deu no ano de 2015, em que foi filmada a atuação de dois intérpretes de Libras, para análise de 15 minutos. Houve a transcrição e a análise dos discursos, os quais foram divididos em duas categorias: as estratégias semânticas sinonímias e as estratégias semânticas antonímias. As estratégias semânticas antonímias, por sua vez, apresentaram três subcategorias: negação com o dedo indicador, negação através do sinal de NÃO-TER em Libras e negação por meio dos movimentos da cabeça. Dentro dessa categoria, foi exposta a estratégia de omissão de acordo com a pesquisa de Barbosa (2014). A análise e as discussões acerca dos dados permitiram concluir que as estratégias semânticas sinonímias e antonímias contribuem para as interpretações em Libras, em sala de aula, inclusive bastante recorrentes, o que foi possível comprovar pela quantificação demonstrada em gráfico. As palavras elencadas nas sinonímias foram: roteiro, expressam, entendendo, solicitação, mesmo, privado, retomando, últimas, potencial, agrava, paralelos, ideia, natural, potencial, severa, motivados, seguir, grandeza e glória. Já para as estratégias semânticas antonímias foram: regras, semestre, matricular, satisfação, convênio, urgência, conhecimento, América e pontos. Assim, foi possível comprovar que há a presença de elementos negativos agregados nas estratégias semânticas antonímias em Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais. Interpretação em Libras. Estratégias de Interpretação Semânticas Sinonímia e Antonímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sala de aula.

ABSTRACT

The present research aimed to analyze the synonym and antonym semantic strategies present in the activity of interpretation in Língua Brasileira de Sinais (Libras – Brazilian Sign Language) in the classroom. The Aims are: To investigate if the synonym and antonym semantic interpretation strategies contribute to the interpretations in Libras in the classroom, and to analyze the interpretations produced in Libras and to check which Portuguese words were used in synonym and antonym semantic strategies. This research was created based on Krings (1986) and Chesterman (1997, 2000), for by these authors, it was possible to didactically understand the possibilities of acceptable translation/interpretation which can be applied in different situations. The investigation has a qualitative and quantitative approach through a descriptive study, based on a case study. The data collection was carried out in the year Two Thousand and Fifteen (2015), in which the interpreting of two Libras interpreters was filmed, for an analysis of fifteen minutes. There were transcriptions and analyses of speeches, which were divided into two categories: the synonym semantic strategies and the antonym semantic strategies. The antonym semantic strategies in turn, presented three subcategories: denial using the index finger, denial through the use of the “DO NOT HAVE” signal in Libras, and denial through use of head movements. Within this category the default strategy was exposed, as according to the research of Barbosa (2014). Analysis and discussion of the data allow us to conclude that the synonym and antonym semantic strategies contribute to the interpretations in Libras, in the classroom, including recurring quite often, which was possible to prove by quantification as shown in the chart. The words listed in synonymies were: script, express, understand, request, even, private, resuming, latest, potential, worsen, parallels, idea, natural, potential, severe, motivated, following, greatness, and glory. As for the antonymic semantic strategies, there were: rules, semester, enroll, satisfaction, agreement, urgency, knowledge, America and points. Thus, it was possible to prove the presence of aggregated negative elements in antonymic semantic strategies in Libras.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language. Interpretation in Libras. Synonym and Antonym Semantic Interpretation Strategies in Brazilian Sign Language (Libras). The classroom.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Laranja (fruta e cor).....	51
Figura 2 - Sábado	51
Figura 3 - Verde	52
Figura 4 -Frio	53
Figura 5 - Velho/A	53
Figura 6 -Velho/ B	54
Figura 7 - Novo	55
Figura 8 - Jovem.....	55
Figura 9 -Passado/presente/futuro	56
Figura 10 -Passado	56
Figura 11 -Presente.....	57
Figura 12 - Fácil/difícil	57
Figura 13 - Fácil	58
Figura 14 - Difícil.....	58
Figura 15 - Laranja.....	59
Figura 16 - Aprender.....	59
Figura 17 - Tabela de Barbosa (2014) segundo as demandas nas interpretações em Libras	66
Figura 18 – Localização do Professor	97
Figura 19 - Sala de aula A/sinonímia (ROTEIRO/PROGRAMA/PLANO)/ELAN.....	105
Figura 20 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (ROTEIRO/PROGRAMA/PLANO).....	105
Figura 21 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (EXPRESSAR/MOSTRAR/APRESENTAR)	106
Figura 22 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (ENTENDER/PERCEBER/COMPREENDER)	107
Figura 23 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (SOLICITAR/PEDIR/REQUERER).....	108
Figura 24 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (MESMO/IGUAL/SEMELHANTE/ANÁLOGO).....	109
Figura 25 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (PRIVADO/PARTICULAR)	110
Figura 26 - Sala de aula A/Antonímias/CONVENIO/ELAN.....	112
Figura 27 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/CONVÊNIO	113
Figura 28 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador).....	114

Figura 29 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/URGENTE	115
Figura 30 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador)	116
Figura 31 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/REGRAS	117
Figura 32 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação através do sinal de NÃO-TER)	118
Figura 33 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/FREQUENTAR (Negação através do movimento da cabeça)	119
Figura 34 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/MATRICULA (Negação através do movimento da cabeça)	120
Figura 35 - Sala de aula B/Sinónimas/(REINICIAR/RECOMEÇAR/VOLTAR)/ELAN	125
Figura 36 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (REINICIAR/RECOMEÇAR/VOLTAR).....	125
Figura 37 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (ÚLTIMA/PASSADA/PRECEDENTE/ANTERIOR/ANTECEDENTE)	126
Figura 38 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (POTENCIAL/EFICIÊNCIA/CAPACIDADE/RENDIMENTO)	127
Figura 39 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia	128
Figura 40 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (PARELELO/IGUAL/SIMULTÂNEO/CONCOMITANTE)	129
Figura 41 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (IDEIA/PENSAMENTO)	130
Figura 42 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (PRÓPRIO/ESPECÍFICO/INERENTE)	131
Figura 43 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (POTENCIAL/POSSÍVEL/POSSIBILIDADES)	132
Figura 44 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (SEVERO/RIGOROSO/RÍGIDO)	133
Figura 45 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (MOTIVAR/INFLUENCIAR/INSTIGAR/PROVOCAR)	134
Figura 46 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (CONTINUAR/AVANÇAR/SEGUIR)	135
Figura 47 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (GRANDEZA/SUPERIORIDADE/SUPREMACIA)	136
Figura 48 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (GLÓRIA/FAMA/RECONHECIMENTO/NOTORIEDADE)	137

Figura 49 - Sala de aula B/Antonímias/CONHECIMENTO/ELAN...	140
Figura 50 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/ CONHECIMENTO.....	140
Figura 51 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador).....	141
Figura 52 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/AMÉRICA	142
Figura 53 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/AMÉRICA (Negação através do sinal de NÃO-TER)	143
Figura 54 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/PONTOS (Negação através dos movimentos da cabeça)	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modelos técnicos de tradução	62
Quadro 2 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Novais (2009)	64
Quadro 3 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Novais (2002) complementadas por Hortêncio (2005)	65
Quadro 4 - Modalidades de tradução/interpretação de Heberle e Nicoloso (2015) com base em Aubert (1998)	69
Quadro 5 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Krings (1986)	73
Quadro 6 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Chesterman (1997).....	78
Quadro 7 - Análise comparativa das estratégias de tradução/interpretação segundo os autores estudados nesta pesquisa ...	86
Quadro 8 - Elementos adicionais de negação relacionados às estratégias semântica antonímia	100
Quadro 9 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/Sinonímias	103
Quadro 10 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/Antonímias	111
Quadro 11 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/antonímias	122
Quadro 12 - Transcrição dos enunciados da sala de aula B/sinonímias	123
Quadro 13 - Transcrição dos enunciados da sala de aula B/Antonímias	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language
Capes – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior
CAS – Centro de Atendimento ao Surdo
Cepsh – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CM – Configuração de Mãos
FADERS – Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul
IES – Instituição de Ensino Superior
IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina
LA – Língua-Alvo
LF – Língua-Fonte
Libras – Língua Brasileira de Sinais
M – Movimento
MEC – Ministério da Educação e Cultura
O – Orientação
PA – Ponto de Articulação
Prolibras – Proficiência no uso e no ensino de Libras e para a certificação de Proficiência na tradução e interpretação de Libras/Português/Libras
TA – Texto-Alvo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 JUSTIFICATIVA	24
1.2 OBJETIVOS	31
1.2.1 Objetivo Geral	31
1.2.2 Objetivos específicos.....	31
1.3 HIPÓTESES.....	31
2 TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO	33
2.1 TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS	33
2.2 TIPOS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO	36
2.3 A FIDELIDADE NA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS.....	40
2.4 A INVISIBILIDADE E A NEUTRALIDADE EM LIBRAS.....	43
2.5 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS	44
2.6 SEMÂNTICA	45
2.6.1 Sinonímia e antonímia.....	46
2.7 A SEMÂNTICA DA LIBRAS.....	50
3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO	61
3.1 MODELOS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE BARBOSA (1990)	61
3.2 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO NOVAIS (2009)	63
3.3 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE NOVAIS (2002) COMPLEMENTADAS POR HORTÊNCIO (2005)	64
3.4 AS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS.....	65
3.5 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO KRINGS (1986)	72
3.6 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO CHESTERMAN (1997)	74
3.6.1 Estratégias de tradução/interpretação semânticas.....	79
3.6.2 As estratégias de tradução/interpretação pragmáticas	79
3.6.3 As estratégias de tradução/interpretação sintáticas	80
3.7 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SISTEMATIZADAS POR CHESTERMAN (1997)	

RELACIONADAS COM AS TRADUÇÕES/INTERPRETAÇÕES EM LIBRAS	81
3.8 ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO OS AUTORES ESTUDADOS NESTA PESQUISA	85
3.9 APRENDIZAGEM DAS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS.....	88
4 METODOLOGIA	91
4.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA	91
4.2 A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	92
4.2.1 Os cenários da pesquisa	93
4.2.2 As salas de aula, as disciplinas e os temas	94
4.2.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	94
4.2.4 Instrumentos de análise	95
4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	98
4.3.1 Das estratégias semânticas sinonímias	99
4.3.2 Das estratégias semânticas antonímias.....	99
4.3.3 Obtidos na coleta A.....	100
4.3.4 Obtidos na coleta B	101
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	103
5.1 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS SINONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA A.....	104
5.2 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS ANTONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA A.....	110
5.2.1 Negação com o dedo indicador	112
5.2.2 Negação através do sinal de NÃO-TER.....	116
5.2.3 Negação através do movimento da cabeça.....	118
5.3 SINALIZAÇÃO DE DOIS ELEMENTOS DE NEGAÇÃO REALIZADOS SIMULTANEAMENTE.....	120
5.4 PRESENÇA DE ELEMENTOS DE NEGAÇÃO	121
5.5 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS SINONÍMIA EM LIBRAS NA SALA DE AULA B.....	124
5.6 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS ANTONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA B.....	137
5.6.1 Negação com o dedo indicador.....	139
5.6.2 Negação através do sinal de NÃO-TER.....	141
5.6.3 Negação através do movimento da cabeça.....	143
5.7 Sinalização de dois elementos de negação realizados simultaneamente	144
5.8 Presença de elementos de negação.....	145

5.9 Estratégias de omissão	145
5.10 Discussão dos resultados	146
CONCLUSÕES	149
REFERÊNCIAS	153

1 INTRODUÇÃO

Em sua estrutura, esta pesquisa – que consiste em um estudo sobre a tradução e a interpretação em Libras – foi dividida em cinco capítulos.

O primeiro capítulo explicita a justificativa, os objetivos e as hipóteses da pesquisa.

O segundo capítulo refere-se à tradução/interpretação, quanto às suas diferenças e semelhanças, aos tipos de tradução/interpretação, à legitimidade e fidelidade na tradução/interpretação, à fidelidade na tradução/interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras), à invisibilidade e à neutralidade em Libras, às modalidades de interpretação, à semântica, à sinonímia e antonímia, e à semântica da Libras.

No terceiro capítulo, discorre-se acerca dos modelos técnicos de tradução/interpretação de Barbosa (1990), as estratégias de tradução/interpretação segundo Novais (2009), complementadas por Hortêncio (2005), com estratégias de tradução/interpretação em Libras, as estratégias de tradução/interpretação de Krings (1986), as estratégias de tradução/interpretação empregadas por Chesterman (1997), as quais apresentam os seguintes subtipos: as estratégias de tradução/interpretação semânticas, as estratégias de tradução/interpretação pragmáticas e as estratégias de tradução/interpretação sintáticas, assim como as estratégias de tradução/interpretação, também sistematizadas por Chesterman (1997), que se relacionam com as interpretações em Libras; por fim, faz-se uma análise comparativa das estratégias de tradução/interpretação segundo esses autores mencionados e os que foram estudados nesta pesquisa.

No quarto capítulo, é apresentada a metodologia utilizada na presente investigação, quanto à abordagem e ao tipo de pesquisa, à seleção do *corpus*, ao cenário de pesquisa e ao tratamento.

No capítulo cinco, são transcritos os enunciados e, em seguida, categorizados, a fim de realizar as análises dos dados obtidos, quanto às estratégias que foram empregadas nas interpretações.

O capítulo seis versa sobre as conclusões obtidas nesta pesquisa, assim como sobre as perspectivas que poderão surgir dentro dessa temática de estratégias de tradução/interpretação na área de Libras.

Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre o estudo e as referências que foram consultadas e utilizadas durante seu desenvolvimento.

O tema desta pesquisa é: “As estratégias de interpretação semântica sinonímia e antonímia utilizadas em sala de aula”, a qual buscou investigar se as estratégias de interpretação semânticas sinonímia e/ou antonímia são utilizadas em sala de aula.

1.1 JUSTIFICATIVA

Para fins deste estudo sobre a tradução e a interpretação, optou-se pela denominação atividade de tradução/interpretação, tendo em vista que as estratégias utilizadas em ambas as atividades – tanto na tradução quanto na interpretação – possuem os mesmos objetivos, ou seja, os objetivos são aplicáveis na forma de registro escrito, na tradução e na interpretação. Nesse sentido, compreende-se que utilizar tradução/interpretação não irá prejudicar a compreensão quanto à finalidade que ambas exercem, ou seja, a transformação de uma língua para outra. Após, foram definidas as diferenças e as semelhanças entre ambas. No momento das relações das estratégias com a Libras, foi utilizada apenas interpretação, a fim de que fique claro que não se tratou do Português Escrito para Libras, e sim do Português Oral. Na parte do tratamento e análise dos dados e suas relações com as estratégias semânticas, quando no momento da interpretação em Libras, empregou-se apenas a denominação interpretação.

Nesse sentido, são feitas algumas reflexões acerca das estratégias de compreensão, que são aquelas que se referem à busca pelo entendimento daquilo que é dito na Língua-Fonte (LF), que são de fundamental importância para que seja possível fazer o uso das estratégias de produção. As estratégias de produção são vistas como ferramentas essenciais para o profissional na atividade de tradução/interpretação e são aprendidas pelas observações dos estudantes, iniciantes, em contato com colegas mais experientes. Para que seja possível o uso das estratégias, há a necessidade das experiências práticas (KRINGS, 1986).

Ter o conhecimento de que essas estratégias existem, possibilita ao profissional ter a consciência do que está realizando em sua atividade, ou seja, permite que haja um elo entre a teoria e a prática, o que oportuniza a sustentação de seu trabalho visto com caráter profissional, logo, calcado em teóricos da área da tradução.

Quanto mais conhecimento por parte dos profissionais de quais estratégias ele está utilizando em sua prática, pela percepção de sua atuação, mais isso trará as possibilidades de escolhas no momento da

atividade de tradução/interpretação da informação na LF¹ para a LA², o que gerará segurança para si e confiança para o público que utiliza o serviço.

Saber quais estratégias existem gera a alternativa de autoavaliação pelo profissional, visto que tem a viabilidade de rever sua tarefa e buscar os mesmos caminhos ou outros caminhos que ocasionam o êxito no resultado do trabalho.

Trazer as contribuições de Krings (1986), Barbosa (1990), Chesterman (1997, 2000), Novais (2009), Hortêncio (2005), Heberle e Nicoloso (2015) e Barbosa (2014), para a área dos estudos da interpretação em Libras colaboraram para o avanço da área, assim como tem o propósito de buscar a qualidade nas interpretações para o público que dela usufrui, que são os surdos.

Este estudo, portanto, tem como pretensão fazer o uso de uma linguagem acessível, para aqueles que entram em contato com esta leitura que não são da área dos estudos da interpretação em Libras, para que, através deste, possam compreender e despertar o interesse pelo tema. Ademais, pretende colaborar com os profissionais que atuam no contexto educacional e se veem contemplados por essa temática a fim de analisar e confrontar esses dados com sua prática.

Sugere-se que pesquisas voltadas à interpretação para Libras sejam realizadas futuramente, observando-se as estratégias sintáticas e/ou pragmáticas em outros tipos de interpretação seja a interpretação jurídica ou interpretação de conferência, assim como em outras modalidades, como consecutiva, pois serão relevantes e favoráveis para a área. Conhecer as estratégias de interpretação semânticas sinonímia e antonímia e as suas relações com a utilização em sala de aula, frente a palavras na Língua Portuguesa, que, em um primeiro momento, parecem não ter relação direta com o sinal, é o foco desta pesquisa. Pretende-se mostrar um panorama das estratégias semânticas sinonímia e/ou antonímia que são utilizadas pelos profissionais que atuam em sala de aula, bem como um apanhado teórico das estratégias sintáticas, pragmáticas e a contribuição dos estudos de outros autores que tratam sobre estratégias de tradução/interpretação.

Nesse sentido, faz-se mister, tratar em princípio da legislação sobre a Libras, que a partir da aprovação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual

¹ Língua Fonte (Krings, 1986)

² Língua Alvo (Krings, 1986)

regulamenta a lei (BRASIL, 2002, 2005), para discutir acerca da interpretação em Libras, e compreender como o aspecto jurídico vem se consolidando ao longo dos anos. Assim, a interpretação em Libras em diversos contextos como: da saúde, jurídico, midiático, e o educacional, passa a ser obrigatória, a fim de contribuir na acessibilidade dos surdos por meio da comunicação em Libras.

Com relação ao contexto educacional, de acordo com o Capítulo VI do referido decreto que trata da Garantia do Direito à Educação das Pessoas surdas ou com Deficiência Auditiva³, no Artigo 23, § 2º:

As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva acesso à comunicação, à informação e à educação. (BRASIL, 2005).

Todavia, a acessibilidade com o intuito de desfazer a barreira comunicativa, no contexto educacional vem de longa data. Logo, a homologação da Lei e do Decreto produziu um efeito jurídico para a prática dos profissionais.

A interpretação em Libras era reconhecida, pela legislação citada, como também pelo Código de Ética do tradutor/intérprete de Libras, documento adaptado pela Feneis, do Código de Ética dos tradutores/intérpretes da Língua Americana de Sinais, que passou a valer no ano de 1992 (QUADROS, 2004).

A Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, de acessibilidade também contribui com o reconhecimento da atividade de tradução/interpretação em Libras, em seu capítulo VII, artigo 18 (BRASIL, 2000). Logo, a Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010, veio homologar a profissão de tradutor/intérprete de Libras no sentido de que passa a ter um valor jurídico, através de uma sentença, de reconhecimento em território nacional (BRASIL, 2010). E, mais recentemente, a aprovação da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

³ PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

(Estatuto da Pessoa com Deficiência), abordando, também, a atividade de tradução/interpretação do tradutor/intérprete de Libras como “recurso humano” para colaborar na “mediação comunicativa” para os surdos na mídia e outros espaços sociais (BRASIL, 2015).

Assim, a formalidade da profissão no sentido de um ato amparado juridicamente ocorreu no momento em que o exercício dessa atividade passa a ser amparado por leis, embora o empenho por parte da comunidade surda para que o intérprete de Libras estivesse presente como mediador da comunicação entre surdos e ouvintes venha de longa data.

A projeção do alunado surdo no contexto educacional foi e está sendo construída em nossa sociedade brasileira. Com isso, a Libras, língua que emergiu da necessidade de comunicação entre seus usuários surdos, que outrora perpassava o meio informal, atualmente transita nos espaços educacionais. Essa língua transforma-se, amplia-se e passa a incorporar novos sinais contemporâneos a fim de possibilitar o acesso a conceitos científicos, teorias e concepções inerentes ao meio acadêmico e de pesquisa, estes que, por sua vez, também estão em constante transformação.

O interesse em realizar tal estudo parte da necessidade enquanto profissional atuante na área há mais de dez anos, inclusive no contexto educacional, tendo em vista o avanço da ciência e a necessidade da ampliação da Libras no que se refere ao léxico. Diante do exposto, muitas situações desafiadoras ocorreram e continuam surgindo, como a busca por estratégias de tradução/interpretação diante de palavras que não possuem uma relação direta na interpretação do Português para a Libras; afinal, no momento da atividade de tradução/interpretação, procurava-se novas maneiras, ou melhor, estratégias que se poderia utilizar para, de fato, conduzir de um lado ao outro o conhecimento científico para os surdos.

Como fazer? Que caminhos percorrer? Como proceder? Estas são angústias que habitam o imaginário de todo intérprete, e são, sem dúvida, compartilhadas em grupo ou em muitos momentos isoladamente em suas reflexões.

Decorrente de transformações e da sucessão desse fenômeno social, a atividade de tradução/interpretação e suas estratégias estão imbricadas nessa sucessão de fatos atrelados a Libras, no contexto educacional, mais especificamente em sala de aula.

Nesta pesquisa, pretendeu-se, com relação às estratégias de interpretação, expor de que se tratam tais estratégias, tendo como fundamento teórico principal que sustenta esta investigação não somente

a elaboração do estudo realizado por Chesterman (1997, 2000) mas também as estratégias de tradução sinonímia e antonímia, as quais Chesterman (1997) fundamentou com base em estudos de Steiner (1988), Kiraly (1995), Jääskeläinen (1993), Séguinot (1989), Gile (1992), Catford (1965), Vinay e Darbelnet (1958), Malone (1988) e Leuven-Zwart (1989,1990).

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de buscar, a partir de estudos realizados na área da tradução, a sua aplicabilidade e as contribuições tanto teóricas quanto práticas para a área dos estudos da interpretação em Libras, principalmente, para as pesquisas voltadas aos estudos da interpretação do Português para a Libras, que é um campo altamente proveitoso, tendo em vista que pesquisas nesse sentido têm se ampliado nos últimos períodos; todavia, ainda carecem de mais contribuições de investigações nesta área.

Assim, deseja-se auxiliar com transformações que tragam benefícios para a sociedade, para os sujeitos envolvidos e, também, para os intérpretes que estão em constante busca pelo aperfeiçoamento profissional, o que resultará, sem dúvida alguma, na qualidade do serviço que é prestado. Logo, a sua aplicabilidade trará benefícios predominantemente para o público que utiliza o serviço, que são as pessoas surdas.

Esta investigação almeja mostrar a riqueza na diversidade de sinais que a Libras possui. Assim, pretende-se, ainda, romper com alguns pré-conceitos, são eles: a concepção de que nas interpretações para a Libras a relação ocorre sempre através de correspondência da palavra falada para o sinal em Libras, em uma linha unilateral, ou seja, a pesquisa aspira mostrar que, quando se trata de interpretações para Libras, há inúmeras possibilidades e muitos caminhos que o intérprete pode percorrer.

É importante ressaltar que, para a compreensão do público-alvo, não há sempre a necessidade de sinalizar somente os sinais que são conhecidos na região de atuação. O uso de sinais que demonstram a variedade linguística de outras localidades possibilita mostrar a diversidade linguística presente na língua, e contribui com a diversidade linguística. A variedade linguística, a qual a sociolinguística se ocupa em estudar, possibilita visualizar a multiplicidade de sinais que podem ser utilizados para uma mesma palavra. Isso ocasiona o enriquecimento para a comunicação, possibilita a pluralidade de sinais para a compreensão e as trocas linguísticas que favorecem outros sinais da Libras, logo, outras formas de sinalizar que se remetem a um mesmo referente.

E o tema desenvolvido tem como perspectiva fomentar mais investigações, como auxiliar no avanço social de seus usuários, que tratam da atividade de interpretação em Libras, para além deste tipo e desta modalidade de interpretação. Busca-se estimular a transformação educacional, para que possa ser aplicada igualmente pelos tradutores e intérpretes surdos, quando envolver outras línguas de sinais de outros países ou a tradução de textos, que podem ser orais, escritos e sinalizados.

Dessa forma, as traduções/interpretações são fundamentais e imprescindíveis aos acadêmicos surdos; sem elas, torna-se impossível a inserção destes no contexto educacional, mais especificamente em sala de aula, que é o que trata esta pesquisa, visto que existem conhecimentos que são a base para outros, que se relacionam à medida que os alunos avançam na academia.

Também é interessante tratar da formação acadêmica para o exercício da profissão de tradutor/intérprete de Libras em nível de graduação no Brasil, já que iniciou a partir do ano de 2008 quando foi incluído o bacharelado, dois anos após a oferta da licenciatura em Letras/Libras, a qual começou no ano de 2006, inicialmente a distância. Não obstante, havia outras formações, inclusive para aqueles que possuíam alguma graduação e realizavam pós-graduação em tradução/interpretação em Libras. Como a graduação que forma o tradutor/intérprete de Libras é recente, o número de profissionais disponíveis no mercado de trabalho ainda não atende a necessidade urgente do trabalho de tradução/interpretação a ser realizado no contexto educacional – onde se encontra a grande demanda, devido ao crescente número de alunos surdos matriculados nas instituições de ensino em nosso país. Por isso, a oferta de formação acadêmica é primordial, tendo em vista que muitos tradutores/intérpretes possuem a formação prática, entretanto ainda lhes falta a fundamentação teórica.

Nesse sentido, segundo Tardif (2002), o saber teórico e a atividade profissional não são separados, eles se complementam, porque ambos se transformam e se influenciam mutuamente. De acordo com Tardif (2002, p. 257), “O trabalho não é primeiro um objeto que se olha, mas uma atividade que se faz, e é realizando-a que os saberes são mobilizados e são construídos”. Logo, a formação acadêmica irá agregar conhecimentos para aqueles que pretendem atuar na profissão ou para aqueles que já atuam, visto que prática e teoria se complementam.

Desse modo, a formação para o exercício profissional é fundamental; porém, o saber fazer vem através de sua prática constante. A oferta de formação no Brasil dispõe de um leque amplo, pois os

tradutores/intérpretes também podem ter o ensino médio completo e o Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no ensino de Libras (Prolibras) e para Certificação de Proficiência na tradução/interpretação de Libras/Português/Libras emitido pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura). Há a possibilidade, também, da formação em curso técnico em tradução/interpretação em Libras oferecido em instituições de ensino formadoras de tradutor/intérprete, inclusive uma dessas instituições que realiza a oferta deste curso é o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus bilíngue, na cidade de Palhoça.

Tendo em vista a formação de tradutores/intérpretes, se reflete sobre a grade curricular e as competências que visam a formar e preparar o profissional a fim de que consiga mediar a comunicação através da Língua Portuguesa para Libras e vice-versa.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar sobre as estratégias de tradução/interpretação que poderão estar presentes na grade curricular da formação dos tradutores/intérpretes de Libras, e que, todavia, poderão estar imbricadas nas atividades de tradução/interpretação através da experiência profissional. Afinal, trata-se de recursos presentes na área dos estudos da tradução, os quais poderão ser aplicados na interpretação simultânea do Português para Libras ou vice-versa.

Chesterman (1997), com base em outros autores já citados anteriormente, estudou as estratégias de tradução e sistematizou seu estudo em três categorias, que são: estratégias de tradução sintáticas, estratégias de tradução semânticas, e estratégias de tradução pragmáticas. Diante da leitura realizada para a presente pesquisa, optou-se pelas estratégias semânticas utilizadas pelos intérpretes de Libras quando na atividade de tradução/interpretação frente a palavras que, em um primeiro momento, parecem não ter uma relação direta com o Português utilizado em sala de aula, a fim de estabelecer um ponto de partida, pois os aspectos semânticos estão imbricados com a pragmática, e terão implicações na estrutura sintática.

Sabe-se que a Libras raramente transitava na academia, pois ela faz parte de uma minoria linguística. Entretanto, com a inserção dos surdos no contexto educacional, essa língua passou a percorrer os espaços de ensino, necessitando se manifestar e, para isso, expandir-se, reinventar-se e caminhar ao lado das transformações da ciência. Diante da problematização apresentada, questiona-se: “Quais as estratégias de interpretação semântica sinonímia e/ou antonímia são utilizadas em sala de aula?”

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

- Investigar se as estratégias de interpretação semânticas sinonímia e/ou antonímia contribuem nas interpretações em Libras em sala de aula.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar as interpretações produzidas em Libras na sala de aula.
- Verificar para quais palavras na Língua Portuguesa foram utilizadas as estratégias semânticas sinonímia e/ou antonímia em sala de aula.

1.3 HIPÓTESES

Com fundamento na prática da interpretação simultânea do português para a Libras e vice-versa, bem como pelas observações realizadas através de anos de atuação e estudos, pesquisas e leituras na área, pode-se levantar duas hipóteses com relação às estratégias de tradução semânticas sinonímia e antonímia utilizadas diante das palavras em sala de aula:

- A estratégia semântica como a sinonímia é utilizada na atividade de tradução/interpretação.
- E a utilização da estratégia semântica antonímia por meio de um elemento negativo agregado é uma opção de interpretação.

2 TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

Neste segundo capítulo, inicialmente, será importante refletir brevemente sobre as diferenças e semelhanças entre traduzir e interpretar, especificando-se a atividade que envolve ambas. Em seguida, definem-se os tipos de tradução/interpretação, para refletir acerca da legitimidade e fidelidade em tradução/interpretação, assim como as interpretações em Libras. Após, classificam-se as modalidades da interpretação. Em um terceiro momento, define-se a semântica como um dos aspectos relevantes para que se possa compreender a informação contida nas mensagens que envolvem a tradução e a interpretação entre duas línguas diferentes. Por fim, são analisadas a sinonímia e a antonímia e a semântica da Libras.

Por muitos anos, a Libras não tinha um valor enquanto língua, e existiram muitas lutas em busca do reconhecimento desta no Brasil e no mundo. Nesse sentido, foram realizadas muitas pesquisas com vistas a estudar e comprovar seu valor linguístico. Com o seu reconhecimento, passou-se a utilizara Libras como língua de comunicação e formação dentro do meio acadêmico, e isso proporcionou a sua visibilidade e a sua notoriedade nos espaços educacionais através de seus usuários. Logo, a atividade de tradução/interpretação da Libras tornou-se uma necessidade a fim de garantir comunicação e a acessibilidade dos alunos surdos, predominantemente em sala de aula.

2.1 TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Primeiramente, na concepção de Souza (1998), a palavra tradução pode assumir diferentes perspectivas dentro da área dos estudos da tradução, que são: produto, processo, atividade e disciplina. Quanto ao produto, refere-se à tradução pronta, e o processo está ligado ao ato de realizar a tradução, a atividade é relacionada à profissão de tradutor; quanto à disciplina está dirigida ao ensino da tradução. Assim, a perspectiva de tradução, nesta pesquisa, envolve a atividade de tradução/interpretação, tendo em vista que se buscou investigar a interpretação em Libras, através do ofício, da profissão exercida pelos intérpretes de Libras.

A origem da palavra tradução, como explicam Polchlopek e Zipser (2011), vem do latim, e se refere a “levar algo de um espaço ao outro”.

É necessário, também, pontuar a diferença entre tradução e interpretação. Para Schleiermacher (2001), além da tradução, há a interpretação. Este autor realiza uma diferenciação entre ambas, comentando que “[...] se entende a parte oral por interpretação e a parte escrita por tradução [...]” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 29).

Dando continuidade às diferenças, Viana (2006) assevera que o notório entre a tradução e a interpretação é o tempo para o preparo da atividade de cada profissional. Para essa autora, o tradutor poderá realizar pesquisas e tomar decisões com mais tempo, inclusive retomar o trabalho e analisar, ao ponto de poder realizar algumas mudanças. Já o intérprete, em vários momentos, tem como apoio a sua própria experiência, devido à agilidade que precisa ter diante do tempo e da demanda que é urgente. Viana (2006) acrescenta que o profissional intérprete, através do exercício da atuação, acaba aprendendo o que é imprescindível interpretar e o que se faz necessário omitir, tendo em vista que a omissão pode ser uma estratégia de interpretação quando se esclarecem quais são os objetivos daquela mensagem, diante, por exemplo, de uma carga lexical densa.

Pagura (2003) cita que outro aspecto de desigualdade é que a demanda de trabalho de tradução é solicitada pelos clientes com urgência. No entanto, Seleskovitch (1978 apud PAGURA, 2003) defende que a atividade de interpretação ocorre 30 vezes mais rápida que a atividade de tradução, e expõe que a outra diferença é que a atividade de tradução poderá passar por um revisor antes de ser entregue aos leitores; já a atividade de interpretação é oferecida ao público-alvo sem que haja possibilidade de uma correção ou revisão antes.

Outro ponto destacado por Pagura (2003) é que a tradução normalmente é uma atividade isolada, realizada pelo tradutor, enquanto a interpretação é realizada em dupla ou equipe. Isso se aplica à interpretação em Libras também; por isso, o trabalho em equipe é fundamental, mas nem sempre é possível quando a atividade é realizada em sala de aula, em que se constata um aluno em uma turma em toda a instituição, e há a contratação de um intérprete para atuar junto a este educando.

Outro fator importante é que a atividade da tradução ficará registrada, mas a interpretação pode não ter um registro; logo, esta poderá se perder. Analisando a reação do público-alvo, na interpretação

é possível obter este *feedback* no mesmo momento; já na atividade de tradução isso ocorrerá após um período mais distante (PAGURA, 2003).

Com relação a Libras, percebe-se que há as filmagens que estão atualmente ganhando mais espaço com relação à divulgação e ao registro das traduções/interpretações que são realizadas. Assim, tornam possível uma preparação, avaliação e correção antes das filmagens ou durante a edição do vídeo.

Pagura (2003) menciona que a atividade de interpretação simultânea é outro aspecto que se diferencia da tradução, pois envolve analisar e memorizar o conteúdo. Assim, na interpretação simultânea é preciso estar atento à mensagem transmitida na LF, também se deve transformar a mensagem para a LA e, em seguida, observar o que está sendo transmitido na LF na sequência. O intérprete precisará ter uma condição de memória muito boa a fim de que consiga articular o conteúdo e dar-lhe a coesão e coerência necessárias, ao passo que na tradução o texto fica à disposição para ser consultado e revisto inúmeras vezes pelo tradutor.

Com relação às semelhanças, Pagura (2003) explica que, tanto na tradução quanto na interpretação, o objetivo se assemelha. Portanto, na tradução e na interpretação o que se busca é transformar a informação que é transmitida na LF, a qual é desconhecida da comunidade pertencente a LA. Outro aspecto para o autor em que tradução/interpretação se parecem é que os profissionais, tanto os tradutores quanto os intérpretes, devem ter domínio das línguas as quais estão envolvidas em ambas as atividades.

De acordo com Pagura (2003), outra questão que se parece nas duas atividades de tradução/interpretação é que os profissionais precisam realizar traduções ou interpretações que envolvem temas que são totalmente desconhecidos para ambos, ou seja, precisam lidar com áreas específicas do conhecimento e com terminologias que podem ser específicas de áreas para as quais tais profissionais não possuem formação.

Com relação à interpretação em Libras, ao tratar do tema, Sobral (2008) aduz que os sinais são criados e recriados constantemente ao longo da história, porque a língua está sendo utilizada sempre em diversos contextos por seus usuários, isto é, através do discurso, os sinais surgem e se transformam sucessivamente ao longo do tempo. Assim, para além de seu significado, os sinais adquirem sentidos que são revelados no uso da língua.

De acordo com Sobral (2008), o conceito de dizer o “mesmo” é dizer “outra” coisa, pois esta “outra” coisa depende de quem disse,

como disse, e onde disse e em que situação disse. Sobral (2008, p. 132-133) menciona:

Daí minha afirmação de que interpretar em Libras também é dizer o ‘mesmo’ a outros, ou seja, dizer uma coisa de acordo com a situação em que se diz, com a intenção de quem diz e com as características daquele a quem se diz.

Portanto, para esse autor tanto a tradução quanto a interpretação são atividades de desconstrução, que se parecem. Sobral (2008, p. 103) destaca que:

No nível da linguagem, o tradutor descobriu o modo de ser do original e o reconstrói noutra língua, e, assim, cria outra obra, se parte de um original, nem por isso é menos original na língua em que veio a existir pelas mãos do tradutor.

Portanto, as formas de modificar a mensagem transitam por inúmeras possibilidades de compreensão e ressignificações, e essa questão é a essencial que torna a atividade de tradução/ interpretação similares. Logo, os objetivos da tradução e da interpretação se aproximam e são parecidos. Por isso, utiliza-se, nesta pesquisa, atividade de tradução/interpretação. Todavia, os caminhos e as formas de fazer é que vão se diferenciar entre ambas. Assim, quanto se tratar da questão prática, de sala de aula, e não envolver textos na Língua Portuguesa, utilizar-se-á somente a classificação “interpretação em Libras”.

2.2 TIPOS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

Quanto aos tipos de tradução/interpretação, há algumas particularidades que estão presentes em cada tipo.

Para Jakobson (2007), as traduções foram didaticamente separadas por três tipos que são a intralingual, a interlingual e a intersemiótica. O autor diz que a tradução intralingual é a compreensão da mensagem em uma língua, e a sua transmissão do entendimento desta mensagem dá-se através da mesma língua, porém com outra forma de explicação. A tradução interlingual trata-se da transformação da informação que envolve duas línguas diferentes, isto é, a mensagem

transmitida na LF é modificada e transformada para outra língua diferente, ou seja, para a LA. E a tradução intersemiótica é aquela cujo sentido de compreensão da informação de uma LF é transformada para signos não verbais. Neste caso, da tradução intersemiótica, poderá ocorrer também a atividade contrária, em que se utiliza teatro, cinema, artes plásticas, desenhos, símbolos e outros, havendo a modificação ou a releitura de uma linguagem para outra.

Os tipos tratados por Jakobson (2007) são aplicáveis a interpretações, inclusive em Libras.

Segala (2010) complementa, através de sua pesquisa, os tipos de tradução/interpretação, em que ele trata da tradução/interpretação intermodal. O pesquisador comenta que há mais estudos voltados para a língua inglesa e a Língua de Sinais Americana ou American SignLanguage (ASL), pois este tipo de tradução envolve pares linguísticos que são de modalidades diferentes. De acordo com este autor, pesquisas de modalidades intramodais, são semelhantes as pesquisas de modalidades diferentes.

De acordo com este autor, as pesquisas voltadas ao inglês e a ASL os estudos voltados a modalidades intramodais – tradução/interpretação de mesma modalidade de língua–.

Segundo Segala (2010), outro fator observado em pesquisa é de que existe uma divisão na tradução intermodal, o primeiro trata-se da passagem da língua oral para a escrita da língua gestual-visual; o outro é observar os sinais da língua gestual-visual e registrá-los e sintetizá-los na escrita da língua gestual-visual; e o último é de que existe uma complexidade empregada, devido ao registro, ao sistema de escrita da língua gestual-visual.

De acordo com Segala (2010), pode-se relacionar a tradução/interpretação intermodal à tradução de Jakobson (2007) interlingual, com a complementação de que, além de haver pares linguísticos diferentes, há mais a modalidade diferente. Quanto à tradução intersemiótica, o pesquisador diz que o registro da língua gestual-visual não se dá somente pelo sistema de escrita, *signwriting*, mas também pela filmagem em língua de sinais. Assim, o autor apresenta, em sua pesquisa, a tradução intermodal e intersemiótica/interlingual, em que ao termo intermodal, como consta anteriormente, são línguas de modalidades diferentes envolvidas na atividade de tradução. No caso da pesquisa do referido autor, trata-se do português para a Libras. Quanto ao termo intersemiótico, envolve o Português Escrito e a Libras, por meio de filmagem. E o interlingual trata de línguas diferentes.

Dentro da interpretação, há algumas particularidades. Pagura (2003) expõe que as interpretações podem se diferenciar quanto ao local onde ocorrem, que são: de conferência, médica, de tribunal, midiática, de acompanhamento ou ligação, entre outras.

Para Metzger (2010), quando se trata de especificar a interpretação de línguas faladas e a interpretação de línguas sinalizadas, um dos aspectos é que, na interpretação consecutiva, a atividade interpretativa em língua sinalizada dificulta as anotações, o que para os intérpretes de línguas faladas não gera empecilho. Assim, o público das interpretações das línguas sinalizadas pode questionar as estratégias de interpretação.

Quanto às especificidades nas interpretações, o que se assemelham é que, nas interpretações de línguas faladas e nas interpretações de línguas sinalizadas, para Metzger (2010) tanto uma quanto a outra passam pelas mesmas etapas, que são: observar as informações que são transmitidas na LF, processar e reformular para a LA.

Quanto à atuação dos profissionais intérpretes de línguas vocais, termo utilizado por Pereira (2008), essa autora defende que as interpretações são de línguas orais ou para línguas orais, o público são pessoas que ouvem, de diferentes regiões do mundo; logo, são encontros que envolvem eventos internacionais. Já as interpretações de língua de sinais ocorrem para língua de sinais ou da língua de sinais, e o público são pessoas surdas e não surdas. Assim, a atividade de interpretação em língua de sinais torna-se bastante ampla segundo a demanda de seus usuários.

Quanto ao campo de atuação, Pereira (2008) ainda relata que a ordem se inverte, pois, para as interpretações de língua vocais, ocorre mais a tradução escrita, seguida das conferências, após trâmites e acompanhamentos e por último na área do ensino, se existir este trabalho. Já as interpretações de língua de sinais ocorrem mais na área de ensino, pois há uma legislação que determina a inserção de alunos surdos no ensino. Depois, há trâmites e acompanhamentos, pois é necessária a interpretação devido à inserção social dos surdos em entrevistas, reuniões, consultas. E, após em conferências, que são em sua grande parte nacionais; por último, a tradução escrita.

Pereira (2008) destaca, também, outros aspectos que estão envolvidos na interpretação das línguas de sinais que são peculiares e que não estão presentes nas interpretações das línguas vocais, citando, por exemplo, que os barulhos no ambiente podem dificultar a inteligibilidade da mensagem, bem como a prosódia da fala do

interlocutor ouvinte, visto que transmitem emoções as quais, no momento da atividade interpretativa, são observadas e repassadas para o público surdo.

Bélangier (2000 apud PEREIRA, 2008) relata que, com relação às interpretações em língua de sinais, podem ocorrer diferentes atuações dos intérpretes de Libras que são as seguintes: a interpretação relé, onde há uma língua estrangeira, por exemplo, o inglês, em que ocorre a interpretação para a Libras, e após a interpretação para o Português Oral, logo a interpretação da Libras para o português será interpretação relé. A interpretação tátil, em que ocorre o uso da Libras tátil para pessoas surdo cegas. Outra situação é a mediação do intérprete surdo, aquele que realiza a mediação comunicativa entre o intérprete ouvinte e outra pessoa surda, sendo esta última não fluente na Libras, por isso o apoio do intérprete surdo. Há, também, o comunicador *pidgin*⁴, em situações em que a interpretação é realizada através de uma interpretação literal. Outra forma é o espelhamento da interpretação em que um intérprete copia a sinalização do outro intérprete. E a última atuação descrita é a de duplicador, pois é utilizada mais para pessoas que querem realizar a leitura labial e não utilizam a Libras, não sendo considerada uma interpretação interlinguística.

Silveira (2004 apud LACERDA, 2013) traz um ponto importante na questão da tradução/interpretação com relação às transformações que as línguas sofrem. Assim, pode acontecer de o tradutor/intérprete não ter conhecimento da língua em um século passado em que as palavras são diferentes das palavras atuais. Ou o oposto, não estar familiarizado com palavras contemporâneas e ser especializado em um vocabulário utilizado em um determinado período no passado. Logo, o perfil do tradutor/intérprete e da obra e a situação a qual irá traduzir/interpretar devem ser considerados. Portanto, este pensamento se refere não só a traduções/interpretações interlinguísticas mas também a traduções/interpretações intralinguísticas.

Diante deste cenário, tem-se almejado que a atividade da interpretação seja primada por qualidade, assim decorrem avaliações do desempenho do profissional, embora esta atividade esteja suscetível a equívocos.

Para Magalhães (2007, p. 170): “Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E, com isso, naturalmente nos

⁴ COUTO, H.H. Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

arriscamos ao erro”. Logo, o autor explicita que a atividade de interpretação é compreender ideias que não são do intérprete, bem como sentimentos, isso leva em muitos momentos o profissional a se expor a críticas de aprovação ou reprovação.

Nesse sentido, a atividade de interpretação está envolvida por muitos fatores que influenciam o momento. A interpretação envolve visão de mundos distintas, de interpretação de culturas diferentes, assim como de um contexto a outro contexto, como uma recriação em que a palavra carrega a realidade cultural, os interesses, os valores, os fatores estéticos e morais (MALINOWSKI, 1965).

Por isso, na interpretação do Português para a Libras tornar claro as informações e os conhecimentos, é transformar aquilo que, em alguns momentos, é próprio da cultura não surda para a cultura surda.

Jakobson (2007, p. 44) afirma que toda língua pode ser traduzida porque sempre haverá estratégias para que a comunicação ocorra: “Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios”.

Existem muitos tipos de tradução/interpretação, principalmente voltados para as interpretações em Libras; assim, torna-se relevante ter estas especificidades didaticamente elucidadas a fim de se ter clareza de qual prática está se utilizando em um determinado momento e as suas possíveis realizações, a fim de se buscar uma prática adequada a um determinado contexto.

2.3 A FIDELIDADE NA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

Um fator que está implicado na atividade de tradução/interpretação é a fidelidade, um tema de discussão e investigação por muitos pesquisadores. De acordo com Aubert (1989), a mensagem traduzida/interpretada possui três tipos: a mensagem pretendida, a mensagem virtual e a mensagem efetiva. A mensagem pretendida é a intenção do emissor da informação, aquilo que ele quis transmitir. A mensagem virtual é aquela que o emissor produziu de fato. E a mensagem efetiva é a compreensão que o receptor tem da mensagem que ele recebeu.

Assim, Aubert (1989) revela que, a partir desta atividade tradutória/interpretativa, surge uma nova mensagem pretendida, pelo sujeito que realiza a atividade de tradução/interpretação; por sua vez,

esse profissional gera uma mensagem virtual, e conseqüentemente uma mensagem efetiva recebida e compreendida pelo receptor da mensagem traduzida/interpretada.

Nesse sentido, Aubert (1989) expõe que as condições a esse entendimento por parte do profissional tradutor/intérprete são singulares e jamais poderão ser repetidas, pois dependem de alguns fatores como o tempo, o espaço, o conhecimento linguístico, conhecimento de mundo e outros saberes do tradutor/intérprete. Assim, o autor traz a reflexão sobre a fidelidade, e de que ela trata. Em um âmbito geral Aubert (1989) esclarece que a fidelidade se trata de ter uma responsabilidade com relação à ideia transmitida pela mensagem original, para com o receptor, o expectador ou leitor e, também, da busca pela aproximação da compreensão da mensagem original. Logo, a identificação com as línguas e as culturas envolvidas na atividade de tradução/interpretação se faz necessária, bem como a diversidade que está implicada em ambas.

Com relação à tradução/interpretação que envolve o par linguístico Libras/português, os aspectos de legitimidade e fidelidade foram tratados por Nobre e Pires (2004), e a questão da modalidade diferente presente neste par linguístico foi levada em conta. Assim, as autoras colocam que a legitimidade envolve possíveis semelhanças entre o par linguístico na tradução/interpretação, que poderão ser fatores linguísticos ou culturais. Elas dizem que no caso da Libras/português, por se tratar de modalidades diferentes, não há legitimidade. No que se refere à fidelidade, devem-se manter na tradução/interpretação as ideias que estão de acordo com as informações presentes na mensagem original, o que propicia um entendimento pelo público surdo.

Quadros (2004) também trata sobre a fidelidade na tradução/interpretação em Libras, que envolve Libras para Português ou vice-versa, quando menciona sobre o papel do tradutor/intérprete de Libras. Essa autora assevera que ser fiel é não alterar a mensagem em hipótese alguma, independentemente da intenção de auxiliar o expectador surdo ou de querer emitir algum palpite acerca do assunto, pois a tradução/interpretação deve primar em transmitir o conteúdo o qual foi expresso de fato.

Weininger (2009) afirma que falar de "fidelidade" ou "equivalência" na interpretação é um tema bastante amplo e complexo, e diz que orienta seus alunos a não colocarem este termo em suas dissertações e teses. O autor trata da "equivalência" através da visão de pesquisadores mundialmente consagrados na área da tradução. Até que discorre sobre a teoria funcionalista, da qual ele adota, para tratar da "equivalência", em que ele define o funcionalismo alemão dizendo que:

"[...] a função do texto traduzido determina as decisões tradutórias, decididamente ‘destronando’ o texto original da sua posição dominante." Ele encerra sua discussão de forma sucinta e incisiva acerca da teoria funcionalista, que tem como elemento norteador a "fidelidade" ou "equivalência".

Weininger (2009, p. XXVII):

Assim, vejo a equivalência como estrela guia que indiretamente orienta a ação do tradutor e, ao mesmo tempo como utopia inalcançável que serve, como todas as utopias, à superação de um estado atual passível de aperfeiçoamento e não como destino que realmente precisa ser alcançado. A discussão sobre a equivalência é o telescópio que ajuda a ampliar a visão até o ponto que seja possível unir os dois pólos, apenas aparentemente antagônicos.

A "equivalência" ou "fidelidade" da qual se busca ou da qual se trata é com relação ao objetivo da comunicação e não uma equivalência linguística. A busca pela "equivalência" ou "fidelidade" será da intenção da comunicação. E esta intenção será adaptada a cultura de chegada.

Silva (2011) também traz, em seu estudo, discussões acerca da fidelidade. Inicialmente, esse autor realiza um breve resgate histórico de onde provêm o conceito da fidelidade, explicando que esta, primeiramente, vem através do conceito de tradução palavra-por-palavra e o conceito de sentido-por-sentido, oferecendo contribuições do debate acerca das escrituras sagradas no catolicismo, de traduções na sociedade romana, no Egito, na Europa e sobre visões de Bakhtin (1998), Coracini (2005) e outros.

Bakhtin (1998 apud SILVA, 2011) compreende a tradução como um discurso bivocal, isto é, a ideia é de que as palavras de outra pessoa são transformadas e transmitidas através das palavras do tradutor. E nesse sentido há o chamado relato bivocal. Assim, Bakhtin (1998, p. 127 apud SILVA, 2011, p.62) expõe que: “O discurso bivocal é sempre internamente dialogizado”, ou seja, são as palavras do locutor que entram em contato com as palavras do tradutor e, nesse processo, possibilita um discurso interno e dialógico. Assim, a semântica das palavras não é estática, e sim sempre possível de adquirir novos sentidos em inúmeros contextos.

Coracini (2005 apud SILVA, 2011) traz dois questionamentos que são: ser fiel para quem? Ou ser fiel para o quê? E a perspectiva é de

que a tal fidelidade é impossível de ser medida, tendo em vista que a mensagem traduzida ou interpretada vai adquirir um novo significado na cultura de chegada, e pode assumir o papel de original dentro deste novo contexto.

Em Bakhtin (1997), a concepção de linguagem é tratada como um processo social que ocorre através das interações. Ela se constitui por um determinado grupo social, em um contexto histórico e geográfico. Logo, o enunciado se dá através do dialogismo entre as vozes do locutor e do destinatário. E o locutor, por sua vez, não tem o controle da linguagem, porque a linguagem é o resultado de várias vozes que a constituem anteriormente. Assim, as palavras têm seus significados como também adquirem vários sentidos a depender das condições na qual foram produzidas.

Portanto, para Bakhtin (1997) as palavras são anteriores a quem as pronuncia, e serão posteriores a quem as pronunciou, pois se dirigem a um destinatário. Nesse sentido, diz Bakhtin (1997, p. 121):

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.

Portanto, a tradução/interpretação é o momento em que se formam o diálogo entre inúmeras vozes, ou seja, o que está compreendido é que a linguagem é construída por todos os discursos anteriores, assim como aquilo que o tradutor/intérprete compreende, também depende do discurso produzido pelo emissor da mensagem.

2.4 A INVISIBILIDADE E A NEUTRALIDADE EM LIBRAS

Silva (2011) trouxe um debate sobre a invisibilidade do tradutor. De acordo com o autor, a invisibilidade do tradutor é um tema que se origina da ideia da fidelidade, em que o tradutor possui o domínio nas línguas envolvidas; então, apenas traduziria, fielmente aquilo que é enunciado pelo autor. Nesse sentido, o tradutor é “[...] um sujeito social e, portanto, necessariamente produtor de sentidos. Consequentemente, não existe tradução que é espelho do original” (SILVA, 2011, p. 69).

No contexto educacional, em sala de aula, os alunos surdos dependem das traduções/interpretações para que ocorra a aprendizagem. Para Deleuze (1992 apud MARTINS, 2013) a aprendizagem se dá através dos signos. Os signos podem ser transmitidos também através do encontro dos corpos, em uma relação, por exemplo, de mestre e aprendiz. A decifração do signo ocorre por parte do aluno. Assim, Martins (2013) defende que, no momento da atividade de interpretação em Libras, ocorre a aprendizagem por parte do aluno surdo, pois este está naquele momento decifrando signos, e estes ganham sentido conforme o contexto do discurso enunciado pelo intérprete.

Essa visão de invisibilidade tem seu reflexo nos estudos da interpretação em Libras, quando Martins (2013) trata em sua tese, entre outros aspectos, sobre a invisibilidade do intérprete de Libras. Na análise de falas dos profissionais, estava presente a neutralidade, como forma de invisibilidade do corpo do intérprete em sala de aula, através de sua roupa que precisa ser altamente discreta, sem chamar atenção, ou por não poder usar acessórios e outros adornos, por exemplo os intérpretes que iniciaram seu trabalho no contexto religioso. Os intérpretes se veem como transmissores da mensagem e, portanto, com uma suposta neutralidade, e conseqüentemente uma invisibilidade na passagem da informação.

Logo, o corpo do intérprete é a interpretação. Nesse sentido, Martins (2013, p. 176) cita que: “[...] em seu corpo operam inúmeras significações, ressignificações e produções de sentidos”. Portanto, a invisibilidade e a neutralidade na interpretação em Libras não se aplicam, pois o intérprete marca a sua interpretação através da ressignificação e da cocriação na interpretação, ao passo que igualmente a neutralidade não ocorre, ou seja, a interpretação se efetiva na língua viva e dinâmica e por meio das escolhas e dos sentidos que são construídos durante a atividade de tradução/interpretação.

2.5 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

Para Pagura (2003), a interpretação tem três modalidades que são: consecutiva, simultânea e intermitente. Quando a interpretação é consecutiva, o autor diz que se refere àquela em que o intérprete ouve a mensagem um longo tempo, realiza algumas anotações e, em seguida, toma a palavra e transmite a mensagem. Já a interpretação simultânea acontece normalmente em dupla, pois os intérpretes se revezam no trabalho. O intérprete primeiro compreende a mensagem na LF; após

alguns instantes, transmite a mensagem na LA. Sendo assim, as duas são aplicáveis às línguas orais e, também, para a Libras.

Pagura (2003) menciona que, normalmente, nas conferências ocorre a interpretação simultânea em cabines, com a utilização de fones de ouvido. A atividade que o intérprete realiza de ouvir a mensagem na LF e transmiti-la na LA, de acordo com o autor, chama-se “*décalage*” que é um termo francês. De acordo com Pagura (2003), na própria interpretação simultânea, há uma outra forma que se chama “interpretação cochichada” ou “*cuchotage*”, termo de origem francesa, que significa cochichar próximo a poucas pessoas o que está sendo dito pelo emissor da mensagem e interpretá-la para a LA. Já a interpretação intermitente é normalmente confundida com a interpretação consecutiva. Entretanto, ela se diferencia, pois na interpretação intermitente o intérprete transmite sentença por sentença do que é dito na LF para a LA.

Desse modo, convém explicitar que todas as modalidades descritas são utilizadas nas atividades de interpretação em Libras.

2.6 SEMÂNTICA

Uma das inúmeras investigações que é possível traçar com relação a Libras, trata-se das traduções/interpretações que envolvem as estratégias semânticas sinonímia e antonímia, as quais são o foco da presente pesquisa.

Conforme Lyons (1987) a semântica formal é um termo utilizado para se referir à semântica da condição da verdade, utilizada para pesquisas voltadas a línguas naturais. Então, trata-se de estudar o significado dentro de um contexto e não isolado; nesse sentido, vem complementar a pragmática.

Grande parte das palavras não tem um significado que possa abranger e caracterizar toda a extensão do que ela significa. E a própria palavra “significado” pode ter um uso em vários contextos que passará a ter diferentes entendimentos.

A semântica, conforme Lyons (1987), ocupa-se de estudar o significado. Porém, quanto ao entendimento sobre o que é a palavra significado, há três perspectivas. Assim, explica que é possível considerar as seguintes: descritiva, expressiva e social.

Para Lyons (1987), o significado descritivo é quando a língua não só tem como objetivo comunicar, através de informações propositivas, mas também possui a função descritiva, ou seja, quando se descreve e se

afirma através das informações propositivas aquilo que é verdadeiro ou falso, a língua se declara. Já o significado expressivo, é sobre aquilo que não é descritivo. Quando se trata de não descritivo, pode assumir o caráter de expressivo, isto é, não é propositivo, não quer dizer se é uma verdade ou não. Por significado expressivo, entende-se tudo aquilo que o emissor tem como objetivo em se auto expressar, que poderá ter um significado emotivo. Outro aspecto que envolve o significado é o significado social, em razão do uso da comunicação para manter as relações sociais e as funções sociais dos sujeitos.

Assim, quanto ao significado das palavras ou ao significado lexical e o significado de sentença, Lyons (1987) afirma que, para compreender o significado das sentenças, é necessário compreender o significado dos lexemas; já para compreender os lexemas, estes dependem, por sua vez, do significado da sentença. E, para compreender o significado dos lexemas, ainda é necessário se ocupar da descrição dos sistemas linguísticos, que são: os significados das sentenças, a gramática e o léxico.

Quanto ao significado lexical, Lyons (1987) explica que há em todas as línguas um vocabulário, chamado de “léxico”, havendo regras quanto à sintática e também à morfologia. Entretanto, “nem todos os lexemas são palavras”, pois há os lexemas que são “sintagmáticos”, ou seja, que têm como função substituir palavras anteriormente citadas em uma fala. Estes são, por sua vez, de uso imprevisível a depender das palavras às quais eles se referem. Entretanto, para definir e distinguir os lexemas sintagmáticos não há uma regra fixa, pois eles podem variar e assumir um caráter literal ou um sentido figurado.

2.6.1 Sinonímia e antonímia

Conforme Lyons (1987), o significado de um lexema possui aspectos descritivo, expressivo e social, como já foi definido anteriormente. Todavia, dois ou mais aspectos podem estar presentes em um mesmo lexema. Assim, para se considerar que um lexema é um sinônimo, é preciso que seja contemplado por todos os aspectos: descritivo, expressivo e social, em diferentes contextos. “Poderão ser descritos como absolutamente sinônimos se, e somente se, tiverem a mesma distribuição e forem completamente sinônimos em todos os seus significados e contextos de ocorrência” (LYONS, 1987, p. 143).

Assim, a sinonímia absoluta é rara de se encontrar, ou quase que inexistente, pois poderá ser vista em um vocabulário especializado, por

exemplo, em uma área médica. Logo, para Lyons (1987, p. 145), a sinonímia pode estar presente ao se considerar apenas um dos aspectos do significado, como a sinonímia descritiva, por exemplo: “‘banheiro’, ‘toalete’, ‘sanitário’, ‘WC’ etc.”.

Com relação à antonímia, outro aspecto a ser analisado nesta pesquisa, importa explicar que se trata de lexemas que possuem uma oposição de sentidos, através de uma visão mais limitada. E se for analisado o conceito através de uma visão mais ampla, então seriam todos os lexemas que possuem incompatibilidade de sentidos. Assim, é possível afirmar que se trata da “incompatibilidade de sentidos mais a oposição de sentidos”; afinal, a antonímia é utilizada para substituir sentidos (LYONS, 1987).

Sobre a sinônimas, Geraldi e Ilari (2001) comentam que sinônimas são as palavras que poderão ser substituídas por outras, desde que não alterem o significado da expressão, seja de afirmação ou de negação em nenhum outro contexto; logo: “A sinonímia lexical – uma relação estabelecida entre palavras – aparece assim como um dos fatores possíveis pelos quais duas frases se revelam como paráfrases” (p. 43).

Nesse sentido, há alguns pressupostos para serem considerados a fim de compreender de que se trata a sinonímia. Geraldi e Ilari (2001) elencaram cinco pressupostos para ser sinonímia: o primeiro é que duas palavras sinonímias não podem ter somente a mesma extensão, isso significa que não é suficiente apenas que as palavras sinonímias façam parte do mesmo conjunto de objetos, pessoas, coisas, animais etc; o segundo pressuposto a ser considerado é que, para que palavras sejam consideradas sinônimas, é preciso que tenham a mesma identidade de sentido – ou seja, palavras que são sinônimas não podem alterar o sentido da frase; o terceiro, é que palavras que são sinônimas podem ser utilizadas em qualquer frase sem alterar o sentido de negativo para afirmativo ou de afirmativo para negativo; entretanto, o quarto pressuposto pode romper com o terceiro quando, embora duas palavras sejam consideradas sinonímias, uma delas apresentar um sentido pejorativo ou que agregue um juízo de valor – isto é, estão relacionadas ao contexto em que são utilizadas, assim, observa-se que as palavras consideradas sinônimas estarão sempre dependentes ao contexto ao qual estão atreladas; e o último critério é de que o emissor da mensagem irá buscar utilizar palavras que são sinônimas, entretanto, poderá avaliar, em sua mensagem, o nível de linguagem que pretende utilizar, ou seja, poderá usar, ao invés de uma linguagem técnica, uma palavra que seja sinônimo, porém empregando uma forma mais acessível de compreensão ao receptor da mensagem, adotando uma linguagem

informal. Além da sinonímia lexical, esses autores tratam da sinonímia estrutural, que se refere a paráfrases, que não serão discutidas neste estudo. Por este motivo, optou-se por tratar de palavras, não lexemas na presente pesquisa.

Além disso, de acordo com Geraldi e Ilari (2001), é preciso se ater a duas observações quanto à antonímia: dificilmente as palavras antonímias possuem a mesma igualdade, quando se refere a perguntas e não é possível utilizá-las para retomadas no texto, ou seja, as anáforas; e a segunda observação é de que não é possível colocar mensagens contraditórias juntas, por exemplo, realizar uma combinação de duas expressões que são contrárias. Salvo quando é uma linguagem que utiliza figura de linguagem, como a poesia, por exemplo.

Segundo Azeredo (2011), o que é importante para a semântica é como o significado é construído dentro de uma sentença e suas relações com as pessoas, os objetos, o momento e os aspectos extralinguísticos. Nessas relações, é que se geram os significados. Assim, o que importa para a significação são as diferentes perspectivas sobre um objeto. Logo, a língua auxilia a organizar os temas para que se possa tratar sobre eles.

Bolinger (1968 apud AZEREDO, 2011) trata da forma como a língua pode representar o mundo através dos signos que são finitos, entretanto estes possibilitam inúmeras abordagens. Para que isso ocorra, há quatro requisitos necessários para os signos: a segmentação, a repetitividade, a ambiguidade e a memória. Segmentar significa separar um elemento dos demais, a fim de compreender de que ele trata, buscar suas oposições e aquilo que há de semelhante em comparação com outros elementos, ou seja, é necessário isolar o elemento para que possa ser nomeado. Logo, será necessária a repetitividade dessa palavra, a fim de que seja memorizada. Quanto à ambiguidade da palavra, sempre que houver dúvida com relação a ela, deve-se explicá-la, visto que poderá surgir em diferentes contextos. Já com relação ao requisito memória, é essencial que se utilize o signo em outros contextos em que se fixou o seu lexema/conceito/significado.

Azeredo (2011) comenta sobre outra questão relacionada às palavras: o fato de passarem a ideia de sucesso ou não, pois a palavra traz consigo um valor subentendido; por conseguinte, há um valor semântico que pode ser positivo, negativo ou neutro. E, inclusive, valores agregados às palavras poderão ser utilizados em contextos diferentes, com o objetivo de transmitir o valor semântico implícito. Mas construir esse valor semântico dependerá do contexto sociocultural. Portanto, ele poderá, em um dado momento da história, ter um valor neutro, e depois ser utilizado em outro contexto e obter um valor

negativo. Assim, o emissor da mensagem poderá utilizar determinadas palavras com o objetivo de transmitir aprovação ou desaprovação em sua fala.

Já com relação aos sinônimos, um dos focos da pesquisa de Azeredo (2011) afirma que é impossível a existência de sinônimos perfeitos, porque alguma diferença – ainda que bastante sutil – pode ocorrer entre um termo e outro. Nesse sentido, as variações entre os sinônimos podem se efetivar conforme quatro aspectos, que são: variantes regionais ou geográficas, variantes estilísticas ou discursivas, variantes psicológicas ou expressivas, e variantes etárias ou históricas.

Azeredo (2011) define que as variantes regionais ou geográficas tratam-se de sinônimos que são utilizados de acordo com a região geográfica em nosso país, por exemplo, os termos macaxeira e aipim. As variantes estilísticas são sinônimos utilizados por diferentes grupos sociais ao se referirem ao mesmo referente, como exemplo, o autor traz o par “operação”, expressão utilizada para o senso comum, e “cirurgia”, utilizada pelos médicos, ou o termo “bandido”, utilizado comumente, e “meliante”, falado pelos policiais. Com relação aos sinônimos que envolvem variantes psicológicas, há a presença de carga afetiva, por exemplo, o autor traz o par “lento” e “lerdo”, em que o segundo, dependendo do contexto e da forma como é expresso pelo emissor, poderá dar um tom depreciativo ao sujeito que recebe esta denominação. Por fim, há variantes etárias, as que definem que os sinônimos se diferem quanto à faixa etária de seus usuários. O autor traz como exemplo, se referir a um homem bonito como um homem que é um “pão” ou a um homem que é um “gato”, sendo pão pertencente a uma faixa etária anterior a que utiliza o termo gato.

Já a antonímia, segundo Azeredo (2011), para algumas palavras apresenta oposições bem definidas, como: frio e calor, grande e pequeno, dia e noite, sorte e azar, feio e bonito. Assim, em um determinado contexto, um par de antônimos precisa ter um traço semântico compartilhado, ou seja, falar de um curso a distância e de um curso presencial, o traço em questão é a presença, se é negativa ou positiva. Outro exemplo trazido pelo autor são as expressões “homem” e “garoto”: se for para se referir ao sexo masculino, tornam-se sinônimos ao definir uma criança que nasceu, entretanto; se for para se referir a idade, já não seriam sinônimos, pois homem é um sujeito com mais idade e garoto se refere a alguém com idade inferior. O autor trata, também, de palavras que são polissêmicas; nesse sentido, podem existir várias palavras opositoras de acordo com o contexto. Por exemplo:

“perder” poderá ter como contrário “ganhar um jogo”, “achar um objeto” ou “vencer um campeonato”.

Azeredo (2011) defende que a antonímia pode se apresentar de quatro modos que são: complementar, polar, distributivo e reverso. O complementar implica ocorrer algo, e conseqüentemente não ocorrerá o seu inverso, por exemplo: falar e calar, condenar e absolver, falso e verdadeiro, larga e estreita. O modo polar envolve características, estados ou situações, como: perto/longe, frio/quente ou largo/estrito; mas, também, poderão ambos serem negados, como uma frase em que se diz que a rua não é larga nem estreita, assim como poderão existir graus, muito perto e menos quente. Quanto ao modo distributivo, ambas as palavras se encontram em relação de dependência uma com o outra, por exemplo: responder/perguntar, dar/aceitar. Logo, para responder, é necessário perguntar; para aceitar é preciso dar. Também são consideradas de modo distributivo as relações de empregado e patrão, pai e filho; pois para existir um, é necessária a existência do outro. O último modo se refere à relação de movimento e direção contrária no tempo e no espaço, em que os exemplos são entrar/sair, aproximar/afastar e, também, antônimos que têm o prefixo *des*, como cobrir/descobrir, montar/desmontar.

2.7 A SEMÂNTICA DA LIBRAS

Para Karnopp e Quadros (2004), a semântica estuda o significado tanto das palavras quanto das sentenças; por isso, um discurso poderá ter uma descrição semântica. Com relação às palavras, há a sinonímia e a antonímia, pois as palavras poderão se aproximar quanto ao seu significado ou serem opostas.

Uma pesquisa realizada por Cruz e Lima (2014) sobre alguns aspectos semânticos da Libras tratou de polissemia, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia. Esses autores constataram que a polissemia em Libras implica a presença de sinais de mesma origem; porém, dentro de contextos diversos, terão significados distintos, como é o exemplo do sinal que se refere à laranja (fruta), laranja (cor), e ao sábado (dia da semana), pois todos esses termos possuem PA (Ponto de Articulação), M (Movimento) e CM (Configuração de mãos) iguais. Assim, a polissemia em Libras trata-se do traço de compartilhamento de significados entre os sinais polissêmicos.

As figuras inseridas para exemplificar a pesquisa de Cruz e Souza (2014), neste estudo, são do dicionário de Libras do Centro de

Atendimento ao Surdo (CAS) da Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS), pois permite uma visualização mais nítida. As outras imagens são do material dos próprios autores.

A Figura 1, conforme explicam Cruz e Lima (2014), refere-se tanto para a fruta quanto para a cor. Ademais, a Figura 2 mostra que o sinal é semelhante para definir a palavra sábado em Libras.

Figura 1 -Laranja (fruta e cor)



Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 2 - Sábado



Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Quanto à homonímia, Cruz e Lima (2014) perceberam que diferenciar a polissemia da homonímia é uma tarefa bem complexa; entretanto, como exemplo, citam o sinal de verde e o sinal de frio, explicando que, na homonímia, a forma é diferente. Logo, para o sinal de verde e de frio, o que se diferenciou foi o M das mãos e a expressão facial.

Na Língua Portuguesa, a homonímia pode ser de três tipos, as palavras que são homógrafas, com grafia igual e som diferente, as palavras que são homófonas, com grafia diferente e mesmo som e as palavras que são homônimos perfeitos, com grafia e som iguais.

Nesse caso, pode-se realizar um paralelo de que, na Libras, não seriam os seguintes sinais homônimos perfeitos, pois se considera o sinal em sua completude e não só na CM, conforme ilustram as Figuras 3 e 4, apresentadas a seguir:

Figura 3 - Verde



Verde

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 4 -Frio



Frio

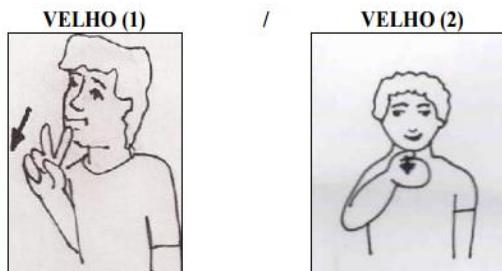
Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Com relação à sinonímia, Cruz e Lima (2014) citaram, como exemplo, em sua pesquisa, os sinais de “velho”, com a CM em V, de número 49, de acordo com Pimenta e Quadros (2006) com PA no queixo, M duas vezes de fora para dentro, deslizando no queixo e O (Orientação) de fora para dentro em sentido ao rosto. Conforme aparece na Figura 5, na imagem à esquerda da página.

O que se questiona é esse sinal que aparece em “velho” (Figura 5), pois, até o presente momento, além deste exemplo, tal sinal não foi visto em lugar algum, nem foi utilizado em outro contexto.

Figura 5 - Velho/A



Fonte: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0367-1.pdf>

O sinal de velho, com CM de número 60, é seguido do número sete, de acordo com Pimenta e Quadros (2006). Com PA no queixo, a Oé de cima para baixo no queixo e o M se faz duas vezes, quando entra em contato com o queixo. O primeiro sinal, de acordo com os autores, refere-se a objetos velhos; o segundo sinal se refere a animais e pessoas idosas. A Figura 6 representa outro exemplo:

Figura 6 -Velho/ B



Velh@

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Outro exemplo que foi mostrado pelos pesquisadores são os sinais de novo e jovem. Que são sinais em Libras diferentes, no entanto, tem significados semelhantes no sentido de que têm pouco tempo de existência. O sinal de novo é para objetos; o sinal de jovem, para pessoas, isto é, são utilizados em contextos diferentes, conforme mostram as Figuras 7 e 8. Todavia, questiona-se este resultado, pois sinônimos é quando é possível usar um em lugar do outro.

Figura 7 - Novo

Novo⁹⁹

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 8 - Jovem



Jovem

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Para a antonímia, Cruz e Lima (2014) trazem como exemplo o sinal de jovem e o sinal de velho em Libras, para explicarem sobre sinais que são diferentes e que tem significados opostos, bem como os

sinais de passado, presente e futuro, segundo a Figura 9. Já as Figuras 10 e 11 ilustram, respectivamente, o significado de passado e de presente.

É importante salientar que o sinal de presente também é utilizado para “hoje” e “atualmente”. No dicionário da Fadersgs, está definido como hoje.

Figura 9 -Passado/presente/futuro



Fonte: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0367-1.pdf>

Figura 10 -Passado



Passado

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 11 -Presente



Hoje

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Cruz e Lima (2014) comentam que, na Língua Portuguesa, há o prefixo *in* em algumas palavras para indicar oposição como infeliz que se opõe a feliz. Já o prefixo *des* indica oposição. No caso da Libras, os sinais serão distintos. Exemplos de antonímia são apresentados nas Figuras 12, 13 e 14.

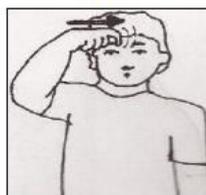
Figura 12 - Fácil/difícil

(VIII)

FÁCIL

/

DIFÍCIL



Fonte: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0367-1.pdf>

O sinal para fácil/difícil, exemplificado no estudo de Cruz e Lima (2014), apresenta uma variedade regional. Com relação ao PA realizado na testa na Figura 12, a imagem à esquerda é que se diferencia do PA da Figura 13, realizado no queixo.

Já no desenho da Figura 12, a imagem à direita da figura ilustra o sinal de difícil, igual ao da fotografia apresentada Figura 14.

Figura 13 - Fácil



Fácil

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 14 - Difícil



Difícil

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Quanto à paronímia, em português são palavras que possuem sentido diferente e forma semelhante. Em Libras, Cruz e Lima (2014) exemplificaram através do sinal de laranja (fruta) e do sinal de aprender, visto que ambos possuem a mesma CM, M e O semelhantes, no entanto com PA diferentes. Os pesquisadores alegam que na Língua Portuguesa tais palavras não são consideradas parônimas. Conforme mostra a Figura 15.

Figura 15 - Laranja



Laranja

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

Figura 16 - Aprender



Aprender

Fonte:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf

As reflexões elencadas anteriormente visaram a esclarecer, brevemente, algumas discussões que estão presentes nos estudos envolvendo a Libras. Consequentemente, trazem reflexos para a atividade de tradução/interpretação em Libras, no contexto educacional, em sala de aula, acerca dos sinais que são utilizados a fim de colaborar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos.

Assim, pretende-se levantar alguns tópicos inerentes à atividade de tradução/interpretação, a respeito das estratégias usadas como propostas de solução diante de desafios encontrados na atividade de tradução/interpretação, temática que será desenvolvida no capítulo a seguir.

3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

A partir dos tópicos pontuados no capítulo anterior, utilizados para definir aspectos que envolvem as traduções/interpretações, o presente capítulo irá tratar das estratégias de tradução/interpretação.

Nesse sentido, são apresentadas as contribuições para a atividade de tradução/interpretação de acordo com Barbosa (1990), Krings (1986), Chesterman (1997, 2000), Novais (2009), Hortêncio (2005), Barbosa (2015) e Heberle e Nicoloso (2015) e suas relações com as interpretações em Libras.

3.1 MODELOS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE BARBOSA (1990)

Vinay e Darbelnet (1977 *apud* BARBOSA, 1990) propõem o termo modelos técnicos de tradução. Barbosa (1990) se fundamenta nestes autores porque foram os primeiros estudiosos que pesquisaram acerca dos procedimentos de tradução. A autora, a partir do estudo de Vinay e Darbelnet (1977) reformulou e categorizou em quatro grandes eixos os procedimentos: convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo; divergência do sistema linguístico; divergência do estilo e divergência da realidade extralinguística; além disso, esses quatro grandes eixos possuem seus procedimentos. Já quanto à convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo pode ser palavra-por-palavra e tradução literal. Quanto à divergência do sistema linguístico, há: transposição, modulação, equivalência e omissão/explicação. Para a divergência do estilo, existe: compensação, reconstrução de períodos e as melhorias. Com relação à divergência da realidade extralinguística, há: transferência, explicação, decalque e adaptação (BARBOSA, 1990).

Assim, o quadro 1 auxilia a visualização:

Quadro 1 - Modelos técnicos de tradução

Convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo	Divergência do sistema linguístico	Divergência do estilo	Divergência da realidade extralinguística
Palavra-por-palavra	Transposição	Omissão/ Explicitação	Transferência
Tradução literal	Modulação	Compensação	Explicitação
	Equivalência	Reconstrução de períodos	Decalque
		Melhorias	Adaptação

Fonte: Adaptado de Barbosa (1990).

Para Barbosa (1990), o procedimento técnico de tradução palavra-por-palavra, trata-se de a LA ter tradução de estrutura sintática igual a LF. Já a tradução literal, ocorre quando a LF possui uma fidelidade semântica igual a LA. A tradução palavra-por-palavra e a tradução literal são modelos que a autora sugere utilizar quando houver semelhanças do sistema linguístico, de fatores que são extralinguísticos e também de estilo, entre as duas línguas.

Com relação à divergência do sistema linguístico, Barbosa (1990) define que, com a transposição, ocorre uma troca de uma palavra que era substantivo na LF para uma palavra que se torna verbo na LA. A modulação envolve as mudanças de abstração. E a equivalência representa as mudanças de figuras de linguagem.

A divergência do estilo gera procedimentos técnicos, como: a omissão/explicação, a compensação, a reconstrução de períodos e as melhorias. Quanto à omissão/explicação, as informações transmitidas na LF poderão deixar de ser expostas na LA, isto é, omitidas. A explicação aparecerá na LA – itens na mensagem que serão mais detalhados do que foram expostos na LF. A compensação implica trocadilhos que são realizados na LF, e que poderão ser substituídos por outros trocadilhos pertencentes e em conformidade com a LA. A reconstrução de períodos prevê reorganizar os períodos na LA. As melhorias referem-se a falhas que o tradutor encontra na obra do autor no texto original na LF; e, a partir dessa constatação, o tradutor realiza modificações a fim de melhorar o texto na LA (BARBOSA, 1990).

Barbosa (1990) segue discorrendo sobre os modelos e trata das divergências da realidade extralinguística, que são: as transferências, a

explicação, o decalque e a adaptação. Nesse caso, há uma diferença entre as línguas. É necessário introduzir na LA um termo da LF exatamente igual. Na transferência, podem ocorrer quatro situações: estrangeirismo, estrangeirismo transliterado, estrangeirismo aclimatado e estrangeirismo mais a explicação. O primeiro estrangeirismo é quando a palavra da LA permanece igual a LF, seguido no texto em destaque, através de aspas ou itálico ou sublinhado. O estrangeirismo transliterado é quando os signos são diferentes de uma língua para outra, são transformados, como do japonês para o inglês. O estrangeirismo aclimatado pode ser a troca de nomes próprios, assim a palavra poderá sofrer modificações na LA com nomes de escritas semelhantes ou totalmente diferentes da LF. E a transferência com explicação ocorre com a inclusão de uma nota de rodapé, em que o termo permanece o mesmo na LA igual ao da LF.

De acordo com Barbosa (1990), o modelo decalque é a tradução de sintagmas, por exemplo, através de uma análise, percebe-se que existe a relação de dependência de um segmento com outro. Na adaptação, há fatores que são extralinguísticos, pertinentes, por exemplo, a inexistência de comportamentos na LF – que não existem na cultura da LA –, e que terão de ser adaptados ou transformados por outras ações, mas que possuem um significado parecido.

Para Barbosa (1990), são utilizados modelos técnicos de tradução; entretanto, pode-se afirmar que tais modelos são vistos também como estratégias, pois possuem os mesmos objetivos que estas, embora apresentem uma denominação diferenciada. Assim, como Barbosa utiliza a palavra tradução, pois se referiu a textos, esse conceito pode ser aplicado igualmente para as interpretações.

3.2 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO NOVAIS (2009)

Novais (2009) sistematizou sete estratégias de tradução/interpretação: simplificação, omissão, discurso indireto, ratificação, padronização, síntese e a explicitação.

Quadro 2 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Novais (2009)

ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO
Simplificação
Omissão
Discurso indireto
Ratificação
Padronização
Síntese
Explicitação

Fonte: Adaptado de Novais (2009).

A simplificação ocorre, segundo Novais (2009), quando é necessário utilizar uma linguagem mais simples, menos complexa, do que a da LF para a LA. A omissão é uma estratégia que busca ter objetivos na LA, considerando-se que alguns itens serão omitidos, pois não são diretos. O discurso indireto é o uso da terceira pessoa ao se referir ao emissor da mensagem na tradução/interpretação. A ratificação é certificar-se da fala de ambos os interlocutores. A padronização é adaptar uma fala de uso cotidiano para a norma padrão da linguagem. A síntese é resumir a fala do emissor da mensagem. Já a explicitação é adicionar palavras ou informações para que a mensagem fique mais clara.

3.3 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE NOVAIS (2002) COMPLEMENTADAS POR HORTÊNCIO (2005)

Hortêncio (2005) acrescentou mais três estratégias além das propostas por Novais (2002), que são: a repetição, o uso de recursos visuais e o uso de perguntas retóricas, o que pode ser visualizado no quadro a seguir:

Quadro 3 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Novais (2002) complementadas por Hortêncio (2005)

ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO NOVAIS (2009) COMPLEMENTADAS POR HORTÊNCIO (2005)
Simplificação
Omissão
Discurso indireto
Ratificação
Padronização
Síntese
Explicitação
Repetição
Recursos visuais
Perguntas retóricas

Fonte: Adaptado de Hortêncio (2005).

Para a presente pesquisa foi utilizada a tese de Novais (2009), todavia quando Hortêncio (2005) realizou a sua investigação, este se fundamentou na dissertação de Novais (2002).

A repetição evidentemente tem como objetivo dar ênfase a uma ideia. O uso de recursos visuais é considerado o uso de filmagens e vídeos de traduções/interpretações— ambos são expostos na TV – e o uso de soletração. E a utilização de perguntas retóricas serve para enfatizar uma parte da mensagem – anunciar um acontecimento futuro, por exemplo.

A pergunta retórica, em alguns momentos, é utilizada na interpretação em Libras como uma estratégia para dar um tempo para ouvir o restante da fala, para prosseguir com a interpretação e, também, quando se quer dar ênfase a uma parte importante da mensagem.

Assim, neste estudo, é adotada a denominação “estratégias”, visto que, de acordo com Krings (1986), representam propostas que têm por fim encontrar uma ou mais alternativas diante dos desafios que estão presentes na atividade de tradução/interpretação.

3.4 AS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

Dean e Pollard (2001 apud BARBOSA, 2014) realizou pesquisa voltada as estratégias de omissão na atividade de interpretação em Libras, no contexto de conferência, e categorizou dez tipos de omissões. Essas omissões foram inicialmente pesquisadas por Karasek (1979) e,

depois, adaptadas por Dean e Pollard (2001), que trataram das omissões não como estratégias, porém como consequência do cansaço físico e cognitivo de intérpretes sem revezamento.

A figura apresentada a seguir é uma síntese das omissões apresentadas pelos sujeitos de pesquisa, durante a interpretação em Libras em eventos, de acordo com a demanda, ou seja, conforme os fatores que influenciam as omissões.

Figura 17 - Tabela de Barbosa (2014) segundo as demandas nas interpretações em Libras

Tipo de Demanda	Fonte	Especificidade
Linguística	Competência Linguística	L1 e L2 do ILS Modalidade da Língua
	Competência Tradutória	
	Competência Referencial	
	Tradução Cultural	
	Expansão da Interpretação	
	Concentração	
	Julgamento sobre o Discurso	
	Discurso do Palestrante	Sotaque Incompreensão da Fala
	Densidade Lexical	
Ambiental	Recepção Auditiva Falha	
	Nervosismo	Contexto Público envolvido
Intrapessoal	<i>Lag Time</i>	<i>Lag Time – Excessivo</i> <i>Lag Time – Controle</i>

Fonte: Adaptada de Barbosa (2014).

O estudo de Barbosa (2014) apresenta três tipos de demandas: linguística, ambiental e intrapessoal. Elas são categorizadas segundo as seguintes fontes especificadas na linguística: competência linguística, competência tradutória, tradução cultural, expansão da interpretação, concentração, julgamento sobre o discurso, discurso do palestrante e densidade lexical.

A fonte competência linguística, por sua vez, apresenta duas especificidades: LF e LA do tradutor/intérprete de Libras. E, quanto à fonte discurso do palestrante, há também duas especificidades, que são: sotaque e incompreensão da fala. Quanto ao tipo de demanda ambiental, há duas fontes: recepção auditiva falha e nervosismo. E o nervosismo tem duas especificidades: o contexto e o público envolvido. A demanda intrapessoal possui: *lag time* – o qual apresenta duas especificidades, que são: *Lag time* excessivo e o *Lag time* controle (BARBOSA, 2014).

Barbosa (2014), no resultado de sua pesquisa, citou as omissões decorrentes da demanda de competência linguística em LF e LA do intérprete de Libras e de competência referencial. Quanto à competência linguística, trata-se de dúvidas que os intérpretes de Libras têm quanto ao significado das palavras e quanto à informação no todo. Sobre a competência referencial, ele comenta que se trata das palavras técnicas de uma área específica, as quais os intérpretes desconhecem.

A outra omissão encontrada por Barbosa (2014) é a por tipo de demanda de competência linguística devido à modalidade da língua, ou seja, a interpretação para a Libras em que o intérprete constrói um espaço de sinalização e, ao retomar o assunto e retornar para esse espaço, acredita que os itens da informação já estavam dispostos no mesmo local de sinalização. Nessa atividade de idas e vindas, muitas informações acabam sendo omitidas devido ao profissional pensar que ali já estavam dispostos os elementos da mensagem.

É pertinente, ainda, destacar que Barbosa (2014) encontrou um tipo de omissão que é decorrente da demanda de competência tradutória e expansão da interpretação. Sobre a primeira competência tradutória, o autor explica que se trata do foco que o intérprete realiza com relação a LA, deixando de se ater mais à recepção da informação da LF. E a segunda, envolve a expansão da interpretação, isto é, quando o intérprete decide realizar complementações na interpretação para a LA, o que ocasiona a omissão e a perda de elementos da informação na LF, pois esse profissional esteve mais focado em um aspecto da informação em específico em detrimento do restante das outras informações.

Para Barbosa (2014), as omissões por causa da demanda da concentração implicam produzir a interpretação em Libras buscando o

apoio dos intérpretes que são seus colegas, o que, também, ocasiona omissões, ou seja, significa focar demais na LF e não se atentar ao apoio dos colegas ou buscar o apoio nos colegas e perder partes importantes da mensagem na LF.

Barbosa (2014) descreve outra omissão oriunda da demanda do julgamento sobre o discurso. Se o intérprete realizou uma escolha, definindo qual informação é mais importante para o público surdo, omitiu as partes da informação que considerou prescindíveis.

Segundo Barbosa (2014), a omissão por causa da demanda de tradução cultural e expansão da tradução, em que o intérprete se aproxima mais de aspectos que são culturais da LA, faz com que se distancie da LF. E isso acaba omitindo alguns elementos da mensagem da LF.

Para Barbosa (2014), as omissões referentes à demanda do discurso do palestrante estão relacionadas com o sotaque do interlocutor e com as dificuldades na compreensão da articulação da fala do emissor da mensagem.

A demanda por causa da densidade lexical é exposta por Barbosa (2014) da seguinte forma: é quando o emissor da mensagem lê um texto, e o intérprete decide omitir algumas partes devido à quantidade de léxico ser muito grande.

Quanto às omissões referentes ao tipo de demanda ambiental são as omissões que envolvem recepção auditiva falha e nervosismo. Para Barbosa (2014), a primeira é devido à recepção auditiva falha e sobre a qualidade do som – questões técnicas que envolvem as conferências, por exemplo. A omissão pelo nervosismo deve-se à pressão emocional e avaliativa que o intérprete sofre do público surdo, que está em interação através do olhar direto com o intérprete.

Ressalta-se que Magalhães (2007) coaduna com esta reflexão de que, no momento da sua atividade, o intérprete pode se sentir inseguro. Por mais que tenha anos de prática, o nervosismo poderá atrapalhar o bom desempenho desse profissional.

E a última omissão do tipo intrapessoal (*lag time*) poderá ser de duas especificidades: *lag time* excessivo ou *lag time* controle. Barbosa (2014) descreveu que o tempo de transmissão da fala do emissor e o tempo de produção da interpretação na LA duram em torno de dez segundos, ou pode ter um intervalo mais extenso, em que o tradutor/intérprete tem mais tempo para processar a informação e transformá-la e repassar. Já um *lag time* controle é quando a fala do emissor é mais rápida, a interpretação ainda não acabou com relação à sentença anterior, e o intérprete não conseguiu controlar esse tempo,

devido a outros fatores que envolvem a palestra em conferência, como necessitar deslocar o olhar para os *slides*.

A pesquisa realizada por Barbosa (2014) é de suma importância para a área da interpretação em Libras porque traz inúmeras contribuições de entendimento acerca das omissões, suas causas e, inclusive, o seu uso de forma consciente e proposital a fim de cumprir com um objetivo na interpretação.

Nesse sentido, ganham relevância as ponderações feitas por outras pesquisadoras que realizaram investigação sobre as estratégias de interpretação em Libras: Heberle e Nicoloso (2015). Essas autoras se fundamentaram em modalidades de tradução com base em Aubert (1998), e concluíram ser aplicáveis nas interpretações em Libras. Também se fundamentaram em Segala (2010), pesquisador da área da interpretação em Libras. Segundo os estudos de Heberle e Nicoloso (2015), ao todo, existem treze modalidades de tradução: acréscimo, adaptação, correção, decalque, empréstimo, erro, explicitação/implicitação, modulação, omissão, tradução literal, tradução intersemiótica, transcrição e transposição.

Nesta pesquisa, a palavra modalidade é vista com o mesmo intuito de estratégias, assim como os modelos técnicos de Barbosa (1990), visto que as denominações se diferenciam, mas os objetivos e propostas são semelhantes, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 - Modalidades de tradução/interpretação de Heberle e Nicoloso (2015) com base em Aubert (1998)

MODALIDADES DE TRADUÇÃO/INTERPETAÇÃO DE HEBERLE E NICOLOSO (2015) COM BASE EM AUBERT (1998)
Acréscimo
Adaptação
Correção
Decalque
Empréstimo
Erro
Explicitação/Implicitação
Modulação
Omissão
Tradução literal
Tradução intersemiótica
Transcrição
Transposição

Fonte: Adaptado de Heberle e Nicoloso (2015).

O acréscimo tem como função, de acordo com Heberle e Nicoloso (2015, p. 206), “[...] acrescentar e complementar as informações emitidas no Texto-Alvo (TA)”. De acordo com as pesquisadoras, foi observado um acréscimo quando, na interpretação, foi adicionado o sinal de TEMA, que não estava presente na Língua-Fonte, na Língua Portuguesa. A profissional intérprete acessou o material impresso, antes da temática a ser interpretada.

A adaptação, para Heberle e Nicoloso (2015, p. 206), “[...] ocorre com a finalidade de estabelecer uma aproximação com a língua e a cultura de chegada [...]”. Na pesquisa, as autoras relatam que o intérprete fez uso do sinal em Libras, SINAL, para se referir à expressão: “quem somos nós” na Língua Portuguesa.

Heberle e Nicoloso (2015), sobre a correção, explicam que se trata de melhorar a interpretação para a LA, caso o intérprete perceba um equívoco na LF, ou de realizar uma autocorreção, caso tenha percebido uma falha em sua interpretação. Nas análises, as pesquisadoras encontraram uma autocorreção no momento da interpretação simultânea, em que o intérprete julgou que o sinal mais apropriado para o contexto deveria ser outro. Para a palavra cultura, o intérprete avaliou que de acordo com o contexto o melhor seria SURDO/SURDEZ, e realizou uma autocorreção, substituiu cultura por SURDO/SURDEZ.

Para Aubert (1998 apud HEBERLE; NICOLOSO, 2015, p. 211):

[...] *Decalque* refere-se a ‘uma palavra ou expressão emprestada da Língua-Fonte, mas que (i) foi submetida a certas restrições ou adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua-Alvo; e que (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes da Língua-Fonte’.

Na pesquisa em discussão, foi possível encontrar dados através da soletração de uma abreviação, e esta não consta nos principais dicionários de Libras, sendo utilizada, já que é DA, para se referir a deficientes auditivos.

Heberle e Nicoloso (2015) mencionam que, no caso do empréstimo, é a utilização da mesma palavra da LF utilizada igual na LA. O exemplo em Libras foi o uso do alfabeto manual para soletrar um

nome próprio de uma pessoa na interpretação, no caso foi soletrado o nome próprio S-A-M-S-U-P-A-L-L-A.

Aubert (1998 *apud* HEBERLE; NICOLOSO, 2015, p. 214) afirma que devem ser considerados como *Erro*, “[...] por sua vez, os casos perceptíveis de distorção do sentido a ponto de comprometer o contexto e a inteligibilidade do discurso”. Foi encontrado, na interpretação em Libras, a troca do sinal de SURDOS AMÉRICA, para HISTÓRIA DENTRO AMÉRICA. Neste caso, evidenciou-se um erro.

A explicitação/implicação, conforme Heberle e Nicoloso (2015) relatam, implica expor o que está contido na mensagem na LF de forma a detalhar mais o fato, explicitando-o ou na implicação, ao não se deter a uma situação da LF. Ademais, importa citar que, na pesquisa, essas autoras encontraram o seguinte enunciado na Língua Portuguesa: “[...] existem pelo menos dois tipos de pessoas: ‘nós’ e ‘eles’”. A interpretação em Libras ficou: NÓS ELE/DELES e mais o sinal de SURDO. Heberle e Nicoloso (2015) colocam que, para a implicação, foi um enunciado que ocorreu, não havendo a interpretação de algumas palavras, mas se manteve o sentido do enunciado, a ideia principal.

A modulação é a mudança semântica; porém, o sentido permanece o mesmo dentro do contexto. Assim, Aubert (1998 *apud* HEBERLE; NICOLOSO, 2015, p. 217-218) afirma: “Ou seja, os *significados*, são parcial ou totalmente distintos, mas mantêm-se, em termos genéricos, o mesmo sentido”.

Na pesquisa havia, na Língua Portuguesa, o seguinte enunciado de acordo com Heberle e Nicoloso (2015, p. 218) o seguinte enunciado: CRIANÇA SURDA IGUAL. Nos dados analisados, a omissão ocorreu na mensagem em Língua Portuguesa: foi dito que a história foi narrada por dois pesquisadores surdos, mas, na interpretação para Libras, essa informação foi omitida.

Heberle e Nicoloso (2015) defendem que na tradução literal deve-se seguir a estrutura sintática da LF, ou seja, ficará semelhante na LA. Na interpretação em Libras, isso se chama português sinalizado, uma modalidade que esteve presente na análise dos dados. Santiago (2012 *apud* HEBERLE; NICOLOSO, 2015) narram que, dentro de tradução literal, existe a possibilidade de topicalização em Libras. Significa que a estrutura sintática é transformada, porém a semântica é mantida, e um sinal fica disposto no espaço, enquanto a outra mão aponta para esse sinal, uma situação também encontrada na pesquisa.

Aubert (1998 *apud* HEBERLE; NICOLOSO, 2015) comenta sobre a interpretação intersemiótica, explicando que é possível utilizar os classificadores e os sinais icônicos. Assim como Luchi (2013 *apud*

HEBERLE; NICOLOSO, 2015), defensor do fato de que a descrição imagética é parte da interpretação intersemiótica, pois é possível descrever sinais altamente icônicos.

Dado o exposto, cabe analisar as duas últimas modalidades pesquisadas nas interpretações em Libras: a transcrição e a transposição.

Quanto à transcrição, Aubert (1998 *apud* HEBERLE; NICOLOSO, 2015) explica que trata-se do “Grau Zero” de tradução, ou seja, é deixar tal palavra ou no caso da Libras o sinal igual tanto na LF quanto na LA. Essa modalidade também aparece quando há uma terceira língua na qual foi citada uma palavra que não pertence ao par linguístico em questão na tradução. E outro exemplo é apresentado, pois, na investigação em questão, não foi encontrada tal modalidade: quando, na Língua Portuguesa, é dito sinal em Libras, e na hora da interpretação é realizado o sinal de SINAL em Libras.

Quanto à transposição, de acordo com Heberle e Nicoloso (2015, p. 228):

Para a interpretação da expressão, ‘processo de aculturação’, a intérprete faz um rearranjo morfossintático para o item lexical ‘aculturação’. Ou seja, ela desmembra uma palavra [aculturação] em mais de uma unidade lexical e em outras categorias gramaticais, a fim de atingir uma proximidade quanto à correspondência semântica, sinalizando: ‘PROCESSO MEDIAÇÃO AQUISIÇÃO TROCAR ADAPTAR CULTURA’.

Essas foram algumas das observações encontradas na análise e discussão da investigação de Heberle e Nicoloso (2015), que vem ao encontro das contribuições quanto a caminhos e alternativas de interpretação em Libras.

3.5 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO KRINGS (1986)

Há autores que tratam sobre a definição de estratégias, como por exemplo, Faerch e Kasper (*apud* KRINGS, 1986, p. 268): “[...]”

*potentially conscious plans for solving a translation problem*⁵”. Logo, serão expostas cada estratégia e sobre o que tratam, mas antes haverá uma definição, apresentada no Quadro5:

Quadro 5 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Krings (1986)

ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO KRINGS (1986)
Estratégias de compreensão
Estratégias de recuperação de equivalente
Estratégia de controle de equivalente
Estratégias de tomada de decisão
Estratégia de redução

Fonte: Adaptado de Krings (1986).

Krings (1986) trata de meta-estratégias, que são processos de compreensão e abstratos e não são comparáveis com as estratégias concretas como as semânticas e de produção como os demais autores citados. Logo, a primeira estratégia refere-se à compreensão. Quando não se entende aquilo que é transmitido na mensagem, parte-se para a busca do entendimento da informação, através da estratégia de compreensão. A compreensão é a tentativa de entender a mensagem na LF, sua primeira língua, para a LA, a língua que não é a sua língua nativa, assim como o oposto, da LF, a língua que não é a sua língua materna, para a LA, sua segunda língua. Assim, o intérprete procura dicionários monolíngues, bilíngues e outros; em seguida, busca utilizar as inferências, ou seja, o entendimento através do contexto, na própria língua, ou na outra língua em questão na tradução, bem como outras pistas que o texto pode oferecer que não são linguísticas. Se não for possível o entendimento, busca-se trocar de estratégia. Conforme Krings (1986, p. 268): “*The inferencing strategies aimed at filling gaps in the understanding of source – language text passages by relying on all types of interlingual, intralingual and extralingual knowledge*⁶”.

Assim, Krings (1986) propõe um modelo experimental para a atividade de tradução/interpretação, o qual o autor categorizou em cinco

⁵“Planos potencialmente conscientes para resolver um problema de tradução” (Tradução nossa).

⁶ “As estratégias de inferência são destinadas a preencher as lacunas/dúvidas na compreensão das passagens do texto na língua-fonte, baseando-se em todos os tipos de conhecimento interlingual, intralingual e extralingual”(Tradução nossa).

estratégias: as estratégias de compreensão supracitada, a estratégia de recuperação equivalente, a estratégia de controle equivalente, a estratégia de tomada de decisão e a estratégia de redução.

A estratégia de recuperação equivalente para Krings (1986) é a tentativa de recordar uma palavra – a qual conhece, porém, em um dado momento, não lembra. Para recordar, poderá aguardar uns instantes, buscar outra semelhante, lembrar-se de outra situação de aprendizagem ou buscar apoio através de outras línguas ou através de experiências sensoriais.

A estratégia de controle equivalente, de acordo com Krings (1986), é a preocupação que o tradutor tem em avaliar se a sua opção de palavras na LA foi a escolha mais adequada. Seria como uma avaliação das palavras utilizadas, a fim de verificar se seu uso foi adequado para a tradução. Esse controle será feito através do monitoramento da utilização das regras, avaliar o dicionário que utilizou e o local onde aplicou as regras utilizadas. Seria a avaliação dos próprios procedimentos aplicados.

Sobre a estratégia de tomada de decisão, Krings (1986) diz que é quando o tradutor tem algumas opções as quais ele acredita que são convenientes. Então, ele se encontra em um momento de dúvida, para, em seguida, optar pela melhor escolha.

Por fim, a estratégia de redução significa o tradutor dispensar aquilo que ele avalia prescindível ou não relevante para a tradução.

3.6 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO CHESTERMAN (1997)

Steiner (1988 apud CHESTERMAN, 1997) realizou um estudo que trata do estágio da comunicação da teoria da tradução, da preocupação com a linguagem em uso e não apenas com a tradução. Assim, a linguagem utilizada em um contexto maior, como uma ação humana, para alcançar um objetivo, é a problemática discutida.

Steiner (1988 apud CHESTERMAN, 1997) cita que os sujeitos realizam atividades que têm objetivos e, por meio das ações, buscam as metas. Logo, a estratégia é ter uma meta que está orientada. Assim, o ponto final, aquilo que se deseja atingir, é a meta da estratégia, e esta, por sua vez, parte sempre de um problema a ser resolvido. Dessa forma, os tradutores recorrem a estratégias para superarem os problemas encontrados na atividade de tradução.

Já Kiraly (1995 apud CHESTERMAN, 1997) considera que as estratégias podem ser mais conscientes ou menos conscientes. As conscientes são as que se pode ter mais controle e as inconscientes são provenientes daquilo que é mais intuitivo.

Jääskeläinen (1993 apud CHESTERMAN, 1997) define estratégias como um grupo de regras que servem para resolver desafios da tradução que são pontuais; logo, tais regras servem para se chegar aos objetivos previamente estipulados, da melhor forma possível. O autor afirma que há estratégias gerais, ou seja, estratégias globais referentes à escolha do gênero textual – para confirmar, por exemplo: se há ou não necessidade de atualização de palavras que são mais antigas para outras contemporâneas, a necessidade ou não da tradução de dialetos etc. – e que há outras estratégias locais, que são situações dentro da mensagem que requerem um olhar mais atento, como traduzir uma ideia em específico ou uma estrutura sintática.

Quanto à classificação, Gile (1992, 1995 apud CHESTERMAN, 1997) separa as estratégias em compreensão e produção. As de compreensão se referem a tudo que se relaciona com o entendimento da mensagem de origem, inclusive inferências, que estão ligadas a um primeiro momento da tradução. As estratégias referentes à produção são o resultado das estratégias de compreensão, as quais irão resultar na produção da transformação da mensagem destino mais apropriada. O foco principal das estratégias de produção é algo simples, como mudar alguma coisa; mas o problema é quando o tradutor não está satisfeito com aquilo que já foi realizado ou ainda não foi produzido. É óbvio que, em se tratando de pares linguísticos, ocorrerão mudanças; porém, deve-se pensar no sentido das possibilidades que estão presentes nas mudanças.

Assim, Chesterman (1997) se refere a essas mudanças propostas por outros autores, como: Vinay e Darbelnet (1958), Catford (1965), Nida (1964), Malone (1988) e Leuven-Zwart (1989, 1990).

Chesterman (1997, p.93) afirma que: “*I have drawn on all these in setting up my own classification*⁷”. Logo, com base nos autores supracitados, utiliza uma classificação própria, formada pelo apanhado de todas as colaborações desses estudiosos sobre tradução. Nesse sentido, o autor utiliza exemplos de uma revista de bordo de uma companhia aérea austríaca, entre o par linguístico alemão/inglês, e assim

⁷“Eu tenho utilizado todos estes para configurar a minha própria classificação” (Tradução nossa).

passa a classificar as estratégias de tradução encontradas. E essas estratégias não se restringem a um par linguístico em específico, pois podem ser adaptadas para outros pares linguísticos (CHESTERMAN, 1997).

Chesterman (1997) tratou das motivações que levam os tradutores a adotarem alguns tipos de estratégias e as razões para realizarem tal escolha. Essas motivações podem estar relacionadas a atender a expectativa da comunidade da Língua-Alvo, prestar contas do seu trabalho, seguir as regras da comunicação e estar em conformidade com os critérios de tradução.

Logo, Lefevre (1992 apud CHESTERMAN, 1997) tratou de motivações que levam os tradutores a omitir ou transformar algumas informações, que podem estar ligadas a motivações de cunho político, cultural, social ou ideológico de um determinado período em que se encontra a cultura daquela sociedade da Língua-Alvo, bem como a tabus sexuais.

Robinson (1987 apud CHESTERMAN, 1997) diz que, com o passar dos anos, as sociedades tendem a evoluir e algumas normas ou tabus podem ser rompidos e as possibilidades de estratégias de tradução acabam se ampliando.

As normas esperadas na tradução serão, de acordo com Chesterman (1997), os aspectos que envolvem a gramaticalidade, a aceitabilidade quanto à morfologia, à sintaxe e ao discurso.

Ao se refletir acerca dos subsídios necessários para a atividade de tradução/interpretação e de seus desafios, há autores que definem o que é um problema de tradução, e propõem soluções, conforme apontam algumas pesquisas e teorias sobre o tema na área dos estudos da tradução.

Em Chesterman (2000), há a exposição de estratégias que o tradutor utiliza durante a sua atividade, que são estratégias de pesquisa, estratégias criativas e estratégias de produção.

Kussmaul (1995 apud CHESTERMAN, 2000) expõe que as estratégias de pesquisa envolvem a busca de soluções para os desafios encontrados diante da tradução – por exemplo, como uma dificuldade para compreender a mensagem ou um desafio para produzir a tradução – que, em grande parte, referem-se a terminologias. As estratégias de pesquisa são: consultar um especialista da área com relação ao tema que se está traduzindo, pesquisar na internet, ler outros textos correlacionados com o tema e, até mesmo, trocar opiniões com colegas da área.

Kussmaul (1995 apud CHESTERMAN, 2000) analisa, ainda, as estratégias criativas, atitudes que irão colaborar para a atividade de tradução, porém não estão focadas diretamente na tradução – como relaxar por algum momento, e sair para caminhar, tomar um café, descansar por um tempo –, pois, dessa forma, o inconsciente pode ter um tempo para assumir tal desafio, e mais tarde será possível retornar com uma solução, visto que, no momento anterior, a tradução não estava fluindo.

As estratégias de produção sistematizadas por Chesterman (1997) são as que serão categorizadas, elucidadas e relacionadas com a atividade de interpretação em Libras, neste capítulo.

Chesterman (1997) relata que as estratégias de produção são utilizadas para resolver problemas e implicam um ajuste entre os objetivos e os meios. Esse autor menciona que os alunos deveriam saber identificar as estratégias e saber utilizá-las, em determinados momentos e saber as consequências das escolhas que pretendem realizar, fazendo através de uma reflexão do porquê esta e não a outra opção. A tradução se compara ao que Karl Popper falou sobre o progresso da ciência. Karl Popper disse que “onde há um problema, é necessário haver um meio para resolvê-lo”, é o uso de uma estratégia, que busca resolver este problema (CHESTERMAN, 1997).

Chesterman (1997) distingue as estratégias em globais e locais. As primeiras são a escolha do que o profissional irá traduzir, o que poderá permanecer semelhante entre as duas línguas e, se for no caso de um livro bastante antigo, se irá se modernizar a linguagem ou esta permanecerá semelhante, ou se optará por algum dialeto dentro da própria língua. As estratégias locais são as que, no presente estudo, serão as priorizadas e categorizadas.

Assim, na área da tradução, existem estratégias que se repetem entre os profissionais tradutores, tendo em vista que, pela prática, acabaram se tornando um padrão, ou seja, há tipos de estratégias que foram criadas e se tornaram uma tradição.

Translation strategies are also memes. They are memes, that is, insofar as they are widely used by translators and recognized to be standard conceptual too of the trade. Trainee translators learn them, and they are thus passed on from generation to generation as a meme-pool: not fixed for all time, however, but open-ended and

amenable to adaptation, variation and mutation.
(CHESTERMAN, 1997, p.87)⁸.

Respaldao nestas repetições acerca das maneiras de traduzir, ou seja, as formas de tradução que se tornaram uma tradição na área, Chesterman (1997) sistematizou seu estudo, ordenando três principais grupos, e, em cada um destes grupos, há dez subtipos; assim, ao todo, formam 30 tipos. Os grupos são denominados como estratégias de tradução sintáticas, estratégias de tradução semânticas e estratégias de tradução pragmáticas e seus respectivos subtipos, as quais serão descritas no decorrer deste estudo.

Todavia, Chesterman (1997) esclarece que, em alguns momentos, percebe-se que não há como realizar apenas um grupo de estratégias ou um subtipo, tendo em vista que há uma dependência entre elas e que estão correlacionadas – por exemplo, mexer na estrutura sintática e semântica influenciará na estrutura pragmática.

Chesterman (1997) utiliza siglas para separar as estratégias. Para as estratégias sintáticas, é utilizada a letra G; para as semânticas, S; para as pragmáticas, Pr. Segue a seguir um quadro com os grupos e subtipos para auxiliar na visualização.

Quadro 6 - Estratégias de tradução/interpretação segundo Chesterman (1997)

Estratégias de tradução/interpretação sintáticas (g)	Estratégias de tradução/interpretação semânticas (s)	Estratégias de tradução/interpretação pragmáticas (pr)
Tradução literal (G1)	Sinonímia (S1)	Filtragem cultural (Pr1)
Empréstimo (G2)	Antonímia (S2)	Mudança de explicitação (Pr2)
Transposição (G3)	Hiponímia/hiperonímia (S3)	Mudança da informação (Pr3)
Deslocamento de unidade (G4)	Conversão (S4)	Mudança interpessoal (Pr4)

⁸“Estratégias de tradução também são memes. Elas são memes, isto é, na medida em que elas são amplamente utilizadas por tradutores e reconhecidas como ferramentas conceituais e padrão do ofício. Os estudantes de tradução as aprendem, e elas são, portanto, transmitidas de geração em geração como uma fonte de memes (*meme-pool*): não fixa para sempre, no entanto, são abertas e favoráveis à adaptação, variação e alteração” (Tradução nossa).

Mudança na estrutura da frase (G5)	Mudança de abstração (S5)	Mudança de elocução (Pr5)
Mudança na estrutura da oração (G6)	Mudança de distribuição (S6)	Mudança de coerência (Pr6)
Mudança na estrutura do período (G7)	Mudança de ênfase (S7)	Tradução parcial (Pr7)
Mudança de coesão (G8)	Parafrasear (S8)	Mudança de visibilidade (Pr8)
Mudança de nível (G9)	Mudança nas figuras de linguagem (S9)	Reedição (Pr9)
Mudança de esquema (G10)	Mudanças semânticas (S10)	Outras mudanças pragmáticas (Pr10)

Fonte: Adaptado de Chesterman (1997).

3.6.1 Estratégias de tradução/interpretação semânticas

As estratégias semânticas manipulam o significado. São elas: S1: sinonímia, S2: antonímia, S3: hiponímia/hipernímia, S4: conversão, S5: mudança de abstração, S6: mudança de distribuição, S7: mudança de ênfase, S8: parafrasear, S9: mudança nas figuras de linguagem e S10: outras mudanças semânticas. E a terceira que são as estratégias pragmáticas que estão ligadas a seleção a seleção das informações e podem ter como foco a cultura do público ao qual é dirigida. (CHESTERMAN, 1997).

Segundo Chesterman (1997), as estratégias sintáticas ocasionam alterações na forma, as estratégias semânticas mexem no significado e as estratégias pragmáticas em toda a mensagem em si.

3.6.2 As estratégias de tradução/interpretação pragmáticas

Para Chesterman (1997), as estratégias pragmáticas são: Pr1: filtragem cultural, Pr2: mudança de explicitação, Pr3: mudança da informação, Pr4: mudança interpessoal, Pr5: mudança de elocução, Pr6: mudança de coerência, Pr7: tradução parcial, Pr8: mudança de visibilidade, Pr9: reedição e Pr10: outras mudanças pragmáticas.

Neste viés, é possível afirmar que estas estratégias estão presentes na interpretação das línguas orais e na interpretação em Libras, através da análise de interpretações e pesquisas.

À medida que estas estratégias avançam para a interpretação, pondera-se que são visivelmente aplicáveis quando na atividade de interpretação do Português Oral para a Libras ou vice-versa.

3.6.3 As estratégias de tradução/interpretação sintáticas

Para Chesterman (1997) as estratégias sintáticas ocasionarão mudanças na estrutura da Língua-Alvo e mexem com a forma. São elas: G1: tradução literal, G2: empréstimo com ou sem o calque, G3: transposição, G4: deslocamento da unidade, G5: mudança na estrutura da frase, G6: mudança na estrutura da oração, G7: mudança na estrutura do período, G8: mudança de coesão, G9: mudança de nível e G10: mudança de esquema.

Quanto às estratégias sintáticas, Chesterman (1997) afirma que G1 é a tradução literal, que se refere a buscar realizar a tradução o mais parecido possível com a mensagem original. Já a G2 (empréstimo) trata-se de utilizar a mesma palavra da LF, um exemplo é para os nomes próprios. Ou manter a palavra na LF e através do calque realizar a explicação do que se trata. A G3 (transposição) é a mudança na classe da palavra, como trocar o substantivo para verbo.

Um exemplo seria: “Eu fiz as compras no supermercado”. Na tradução/interpretação ficaria: “Eu comprei algumas coisas no supermercado”.

Na G4 (o deslocamento da unidade) pode ser como exemplo traduzir uma oração em uma frase. A G5 (mudança na estrutura da frase) trata-se de uma palavra modificar do plural para o singular ou o modo imperativo da frase para o modo indicativo. (CHESTERMAN, 1997).

De acordo com Chesterman (1997), a G6 (mudança na estrutura da oração) trata da transformação de uma parte da oração, pode ser trocar a ordem dos elementos. A G7 (mudança na estrutura do período) refere-se às particularidades na estrutura da LF e a realização de transformações que sejam para a segunda língua, referentes a regras que não possuem ou que são diferentes em ambas as línguas. A G8 (mudança de coesão) pode se referir a mudança no uso dos conectores, na transformação de uma língua a outra.

Segundo Chesterman (1997), a G9 (mudança de nível) trata-se de trocar o modo, do morfológico para o sintático. E a G10 (mudança de esquema) pode ser a questão mais voltada à forma, como as repetições e rimas.

Under semantic strategies I group kinds of changes which mainly have to do with lexical semantics, but do include aspects of clause meaning such as emphasis. Semantic strategies manipulate meaning. Several of these strategies derive from Vinay and Darbelnet concept of modulation.(CHESTERMAN, 1997, p. 101)⁹.

Em um primeiro momento pensou-se em analisar todas as estratégias semânticas, todavia para que fosse possível analisar com mais detalhes e profundidade os dados coletados, optou-se apenas por duas, as estratégias semântica sinonímia e antonímia, a fim de direcionar o foco da observação, bem como realizar a sistematização destas marcas nas interpretações em Libras.

A partir deste momento, se buscará na presente pesquisa alguns exemplos simples, utilizados na linguagem cotidiana, relacionados à interpretação do Português Oral para a Libras.

3.7 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SISTEMATIZADAS POR CHESTERMAN (1997) RELACIONADAS COM AS TRADUÇÕES/INTERPRETAÇÕES EM LIBRAS

Para Chesterman (1997) a S1, sinonímia é a busca por um sinônimo ou um termo semelhante de significado semelhante na Língua-Fonte.

Nas traduções/interpretações em Libras é possível utilizar o sinal de "ELE FALOU" ao invés de "ELE DISSE".

Segundo Chesterman (1997), A S2, antonímia, refere-se a o uso do sinônimo mais um elemento de negação.

⁹As estratégias semânticas incluem tipos de alterações que são principalmente voltadas à semântica lexical, mas também incluem os aspectos do significado da oração, como para dar ênfase. As estratégias semânticas podem manipular o significado. Várias destas estratégias derivam de Vinay e Darbelnet que tratam sobre o conceito de modulação. Tradução nossa.

Para se referir, por exemplo, à insegurança, na Língua Portuguesa, pode interpretar para Libras “segurança não tem”.

De acordo com Chesterman (1997), a S3 trata-se da hipernímia e hiponímia. A hipernímia refere-se às classes como: as religiões, as árvores, as frutas, que dão a ideia do todo.

Na interpretação do Português Oral para a Libras, pode-se utilizar da classe na LF. Um exemplo é quando se ouve, em língua portuguesa, o termo “religião”, e na interpretação se faz o sinal de três tipos específicos de religiões, como católica, protestante e evangélica, e não se interpreta o sinal religião.

Para Chesterman (1997), a hiponímia refere-se aos diferentes tipos dentro dessas classes, como ouvir, em Língua Portuguesa, nomes de tipos de frutas: laranja, limão, abacaxi etc. Na interpretação para Libras, implica utilizar o sinal da classe, do todo, e interpretar apenas o sinal de frutas ao invés de realizar o sinal de cada fruta dita.

Na S4, sobre a conversão, Chesterman (1997, p. 103) explica: *“Converses are pairs of (usually) verbal structures which express the same state of affairs from opposing view points, such as buy and sell”¹⁰*, por exemplo, ouviu-se na Língua Portuguesa,: “Pedro vendeu o carro para Maria”. Para Libras, ficaria: “MARIA COMPROU CARRO DELE PEDRO”. Isso pode ocorrer quando o intérprete conhece o significado daquela palavra ouvida na Língua Portuguesa, porém não lembra ou não tem o sinal naquele momento, então opta por realizar um sinal com significado opositor.

Segundo Chesterman (1997), a S5, mudança de abstração, significa utilizar um exemplo concreto, ao invés do abstrato, ou ao contrário.

Pode-se ouvir “Joana amou tanto que sentiu uma dor na alma”, só que, em Libras, poderia se interpretar a frase realizando o sinal apontando os dedos da mão para o peito e fazer o sinal de dor, ou seja, o termo alma, no primeiro momento, tem um sentido abstrato, pois alma não dói; entretanto, apontar para o peito irá transmitir a ideia de angústia.

Essa estratégia também pode ser ao contrário, do concreto para o abstrato. Sobre S6, destaca-se:

¹⁰ “Inversos são pares que (geralmente) são estruturas verbais que expressam o mesmo estado de coisas a partir dos pontos de vistas opostos, como comprar e vender” (Tradução nossa)..

This is a change in the distributions of the “same” semantic components over more items (expansion) or fewer items (compression). Expansion “dilutes” the text somewhat. Compression has the opposite effect, with a denser distribution¹¹. (CHESTERMAN, 1997, p. 104).

A mudança de distribuição é bastante utilizada nas interpretações para Libras principalmente quando ainda não há um sinal específico para aquela palavra ouvida na Língua Portuguesa, quando é necessário utilizar dois ou mais sinais para uma palavra. Podem-se utilizar mais itens ou menos itens, expansão ou compressão. Se, na Língua Portuguesa, ouve-se a palavra "dogma", e se não há sinal para Libras, pode-se optar por usar dois ou mais sinais que conceituem o termo "dogma" ou realizar atividade inversa.

A S7, de acordo com Chesterman (1997), trata-se de mudança de ênfase: colocar um tom enfático em uma palavra, na LF, e um mais sutil, suave na LA. Em Libras, pode ser através da intensidade no movimento da sinalização.

A S8 (parafrasear) pode se distanciar da tradução da mensagem, e dar uma espécie de explicação paralela para que haja a compreensão do que se trata; por isso, a ideia principal da mensagem é mais livre (CHESTERMAN, 1997). S8 ocorre também quando alguns surdos realizam os chamados gestos caseiros. O profissional intérprete busca, em alguns momentos, realizar uma interpretação com o objetivo de promover uma mediação comunicativa, elencar os elementos em que a mensagem seja passada de forma que o surdo compreenda do que se está tratando, de uma forma que seja utilizada para sua vida prática, havendo compreensão e funcionalidade na interpretação.

Chesterman (1997) afirma que a S9 (mudanças nas figuras de linguagem) representa as trocas nas expressões figurativas, ou seja, as frases de figuras de linguagem que podem se adequar e ser ditas como outra expressão figurativa que esteja em conformidade com a cultura da LA; porém, que tenham uma semelhança de sentido.

Para Chesterman (1997), os subtipos de estratégias – denominados como S10 – envolvem outras mudanças semânticas, e podem ser o fator dêitico, como “lá”, na LF, para “aqui” na LA.

¹¹“Esta é uma mudança na distribuição dos ‘mesmos’ componentes semânticos com mais itens (expansão) ou com menos itens (compressão). Expansão ‘dilui’ o texto um pouco. A compressão tem o efeito oposto, com uma distribuição mais densa” (Tradução nossa).

De acordo com Chesterman (1997), as estratégias pragmáticas envolvem mudanças em toda a informação. E estas, por sua vez, implicam transformações sintáticas e semânticas, na LA.

Com a busca pela relação das estratégias sintáticas do Português Oral para a interpretação em Libras, é possível observar que envolvem o uso do espaço, a localização dos sinais, respeitando-se a estrutura da Libras e seu movimento. A procura por dispor melhor os elementos no espaço, com a utilização de estratégias sintáticas, também contribui para o aspecto estético da língua.

Quanto às Estratégias Pragmáticas, Chesterman (1997) afirma que a Pr1 é uma filtragem cultural, visto que se opta por adaptar o que é pertinente à cultura da LF para a cultura da LA. No caso da Libras, pode-se citar como exemplo quando o emissor da mensagem diz: “Ouçam o que tenho para falar”. Essa frase poderia ser interpretada como: “ATENÇÃO AGORA EXPLICAÇÃO”, ao se realizar a adaptação cultural de um palestrante ouvinte para um público em que há surdos. Para pessoas não surdas, solicita-se a atenção através da audição. Na interpretação em Libras para público surdo, é essencial que haja a atenção através da visão.

Para Chesterman (1997), a Pr2 (mudança de explicitação) se refere a explicar elementos que são implícitos na mensagem da LF. E, em alguns momentos, até são acrescentados elementos na mensagem da LA.

APr3 (mudança da informação) trata das adições ou omissões. A adição terá como objetivo adicionar elementos ou informações conhecendo-se o público-alvo e a necessidade de crescer algo à informação que seja relevante e que esteja de acordo com a mensagem. A omissão é a priorização de alguns dados da informação, tendo em vista o tempo gasto para ouvir e, em seguida, produzir a interpretação na LA (CHESTERMAN, 1997).

A Pr4 (mudança interpessoal) envolve o uso de pronomes pessoais que poderão ser modificados pelo tradutor/intérprete. Ademais, a Pr4 pode ser relacionada à interpretação em Libras quando o emissor diz: “Eu e minha esposa fomos à praia nas férias”; em Libras, poderá se interpretar: “ELE COM ESPOSA DELE FOI PRAIA FÉRIAS” (CHESTERMAN, 1997).

A Pr5 (mudança de elocução) se refere ao modo do verbo, a substituir um pedido em uma ordem, ou a uma exclamação em uma pergunta retórica (CHESTERMAN, 1997).

A Pr6 (mudança de coerência) tem a ver com a ordem das ideias, destacando-se que esta ordem pode ser trocada dependendo do objetivo

da interpretação, a fim de se dar continuidade às etapas de desenvolvimento da lógica da mensagem (CHESTERMAN, 1997).

A Pr7 (tradução parcial) é uma parte da mensagem ou até mesmo um resumo da mensagem (CHESTERMAN, 1997).

Para Chesterman (1997), a Pr8 (mudança de visibilidade) ocorre quando, na tradução de livros, se percebe a presença do tradutor através de notas de rodapé ou até mesmo dentro da própria história. Na interpretação, pode-se notar essa presença quando a postura do intérprete se faz presente de alguma forma como algo pessoal na interpretação. Pode ser até uma expressão facial de desaprovação diante de algo com o qual não se sentiu bem; mas que, na mensagem original, na Língua-Fonte, não havia.

De acordo com Chesterman (1997), a Pr9 (reedição) implica mudanças radicais para a LA, o que não havia na mensagem da LF, pela necessidade de uma mudança de período ou de um termo que fazia parte de um século muito distante para a atualidade.

A Pr10 (outras mudanças pragmáticas) refere-se aos dialetos, sinais específicos ou utilizados em um determinado meio (CHESTERMAN, 1997).

Evidencia-se que todas as estratégias de tradução elucidadas anteriormente são escolhas realizadas pelo intérprete, sejam elas conscientes ou mesmo parecendo ter um aspecto de “imitação”, pelo uso repetitivo da prática interpretativa.

3.8 ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO SEGUNDO OS AUTORES ESTUDADOS NESTA PESQUISA

Nesse momento, optou-se por realizar uma análise das estratégias de tradução/interpretação estudadas até o momento. Esta análise será demonstrada através do quadro 3 a seguir, com o objetivo de comparar, entre os autores abordados, que tratam de estratégias que são comuns quanto à sua função, porém possuem nomenclaturas diferentes. Após, o título do quadro, na segunda linha, aparece o nome dos autores e, respectivamente, em cada coluna ficam as estratégias propostas. As estratégias estão relacionadas na mesma linha, para a compreensão de quem visualiza o quadro. Assim, é possível encontrar estratégias que se diferenciam na denominação, porém cumprem o mesmo objetivo.

Há estratégias que são únicas para alguns autores e não são discutidas por outros, e que, por isso, não estão contempladas no quadro.

Há, também, aquelas em que a nomenclatura se assemelha, mas o entendimento de sua função difere.

Quadro 7 - Análise comparativa das estratégias de tradução/interpretação segundo os autores estudados nesta pesquisa

KRINGS (1986)	BARBOSA (1990)	CHESTERMAN (1997)	NOVAIS (2009)	HORTÊNCIO (2005)	HEBERLE NOVAIS BASEADO EM AUBERT (2015)	BARBOSA (2015)
Redução	Omissão	-	Omissão	Omissão	Omissão	Omissão
-	Explicitação	Mudança de explicitação	Explicitação	Explicitação	Explicitação	-
-	Adaptação	Filtragem cultural	-	-	Adaptação	-
-	Melhorias	Reedição	-	-	Correção	-
-	Palavra-por-palavra	Tradução literal	-	-	Tradução literal	-
-	Transferência	Empréstimo	-	-	Empréstimo	-
-	Transposição	Transposição	-	-	-	-
-	Modulação	Mudança de abstração	-	-	-	-
-	Equivalência	Mudança nas figuras de linguagem	-	-	-	-
-	Reconstrução de períodos	Mudança na estrutura do período	-	-	-	-
-	-	Mudança interpessoal	Discurso indireto	Discurso indireto	-	-
-	-	Mudança de distribuição	-	-	-	Transposição
-	Compensação	Mudança de esquema	-	-	-	-
-	-	Tradução parcial	Síntese	Síntese	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

A relação de comparação, em busca de semelhanças demonstradas, não está fechada; logo, poderá ser ampliada e discutida em suas nuances por outros pesquisadores. No entanto, trata da busca de um exemplo e da aproximação dos estudos realizados por estes pesquisadores.

Assim, observou-se que, para Krings (1986), a estratégia de redução significa retirar aquilo que não é relevante para a LA, que se assemelha com a omissão.

Quanto à explicitação, todos os autores definem com o mesmo intuito: detalhar na LA aquilo que já está na LF.

Para Chesterman (1997), chama-se filtragem cultural o que para Barbosa (1990) e Heberle e Nicoloso (2015) é adaptação.

Para Chesterman (1997), a reedição não envolve apenas erros encontrados na LF que poderão ser corrigidos na LA, mas toda e qualquer modificação que tem como objetivo dar qualidade para a compreensão, inclusive mediante adaptações para uma linguagem contemporânea.

Chesterman (1997) e Heberle e Nicoloso (2015) consideram que a tradução literal visa a manter o mais parecida possível a estrutura sintática da LF com relação à LA; mas, Barbosa (1990) chama isso de tradução palavra-por-palavra. Já como tradução literal, Barbosa (1990) define que é a estrutura semântica parecida entre LA e LF.

Para Barbosa (1990), a transferência ocorrerá de quatro formas, como já foi discutido neste capítulo. Essa conceituação se assemelha a de Chesterman (1997) e Heberle e Nicoloso (2015), chamada de empréstimo; porém, estes últimos pesquisadores não classificam as formas como acontece tal empréstimo.

A ideia de transposição, para Barbosa (1990) e para Chesterman (1997), se aproxima quando ambos afirmam se tratar da troca entre classe de palavras.

A modulação para Barbosa (1990) e a mudança de abstração para Chesterman (1997) têm a mesma função com relação a mudanças de conceitos abstratos e concretos.

A equivalência para Barbosa (1990) e a mudança nas figuras de linguagem para Chesterman (1997) implicam uma busca, por exemplo, ditados populares, em línguas diferentes, em que, em ambas as culturas, o objetivo do dito popular é parecido.

A reconstrução de períodos para Barbosa (1990) e a mudança na estrutura do período para Chesterman (1997) também possuem o mesmo objetivo.

Chesterman (1997) trata da mudança interpessoal e Novais (2009) e Hortêncio (2005) conceituam como discurso indireto. Os três se referem a utilizar ora o pronome "eu", ora o pronome "ele", de acordo com a opção que melhor se adegue ao contexto.

A mudança de distribuição para Chesterman (1997) e a transposição para Heberle e Nicoloso (2015) são parecidas, pois determinam aumentar uma palavra da LF para várias na LA, a fim de atender a um conceito.

A compensação para Barbosa (1997) e a mudança de esquema para Chesterman (1997) esperam mais da questão estética da língua, o que tem como objetivo, as rimas.

A tradução parcial para Chesterman (1997) pode ser, também, um resumo da mensagem. E isso é o objetivo da síntese para Novais (2009) e Hortêncio (2005).

A mudança de elocução para Chesterman (1997) também pode ser reiterar uma determinada informação contida na mensagem; e equivale à repetição para Hortêncio (2005).

Algumas estratégias pareceram ser únicas, não mencionadas por outros autores, como são, para Heberle e Nicoloso (2015), os conceitos de erro e de transcrição. Em uma visão geral, seria quando a tradução/interpretação de fato não ocorreu em ambas as situações. Para Hortêncio (2005), há uma estratégia que foi citada apenas por ele, que se refere as interpretações em Libras, que é o uso de recursos visuais.

Cabe mencionar as estratégias em que a nomenclatura é similar, porém há o entendimento de funções diferentes. O decalque, para Heberle e Nicoloso (2015), refere-se à adaptação de palavras. Barbosa (1990) defende as mudanças quanto ao uso de sintagmas. A transposição, já citada anteriormente no quadro, para Heberle e Nicoloso (2015), implica aumentar os itens lexicais, as pesquisadoras dizem que é usar de dois ou mais sinais em Libras para conceituar uma palavra em português;

já para Chesterman (1997) e Barbosa (1990), é a mudança de classe das palavras. A modulação para Heberle e Nicoloso (2015) representa manter o sentido, enquanto para Barbosa (1990) envolve conceitos abstratos e concretos.

Muitas relações ainda são possíveis de serem realizadas entre esses pesquisadores citados e outros, pois as estratégias de produção com o foco na LA são as mais estudadas e discutidas. Nesse sentido, as estratégias de compreensão da LF poderiam gerar tema para futuras pesquisas envolvendo as atividades de tradução/interpretação, pois, para produzir, deve-se compreender primeiramente a mensagem na LF, o que é de suma importância para a qualidade na produção.

3.9 APRENDIZAGEM DAS ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

As estratégias de tradução/interpretação, anteriormente citadas, têm como propósito neste estudo, apresentar propostas de interpretação

em Libras que possam ser aplicadas. Este estudo vem ao encontro dessas estratégias objetivando que profissionais da área da interpretação em Libras consigam observar e refletir sobre as experiências que estão resultando em sucesso e outras que podem utilizar, como as adotadas por seus colegas de profissão e que não conseguem, por motivo de logística, talvez, promover encontros e compartilhar tais experiências.

Os intérpretes de Libras, que atuam em diversas áreas em ou nos diferentes níveis de ensino, podem não ter uma formação específica, seja para a saúde, a área jurídica, e outras; assim, poderão, com a ajuda de seus colegas, visualizar alternativas de interpretação em Libras frente aos desafios dos conhecimentos diversos com os quais se deparam.

Portanto, as estratégias de tradução/interpretação propostas pelos pesquisadores mencionados neste capítulo procuram corroborar com os estudos da interpretação, voltados a Libras, pois favorecem, com seus elementos teóricos e práticos, reflexões acerca da aplicabilidade na atividade de tradução/interpretação, do mesmo modo que colaboram com o trabalho dos profissionais intérpretes de Libras.

Considerando todos estes estudos, foram levantadas as seguintes estratégias que serão analisadas no escopo da presente pesquisa: estratégia de interpretação semântica sinonímia; estratégia de interpretação semântica antonímia.

4 METODOLOGIA

Este capítulo trata sobre o procedimento da pesquisa, o referencial teórico que a fundamenta, e o tratamento aos dados obtidos.

4.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

Esta investigação é de abordagem descritiva quanto aos objetivos. De acordo com Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Quanto ao procedimento, trata-se de um estudo de caso, tendo em vista que foram analisados dois exemplos. O estudo de caso, segundo Gil (2002, p. 54), consiste no estudo “[...] profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”. Ademais, caracteriza-se como uma investigação [...] qualitativa e quantitativa, pois no que se refere à abordagem qualitativa (OLIVEIRA, 1999 apud OLIVEIRA, 2007, p. 59) diz que:

[...] as abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais [...]. Ou seja, neste estudo, busca-se descrever as ações envolvidas neste fenômeno social.

Quanto ao aspecto quantitativo, Oliveira (1999 apud OLIVEIRA, 2007, p. 61) menciona que:

Este tipo de abordagem significa quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários, entrevistas, observações [...]. Logo, foi realizada a captura de vídeo, através de filmagens em sala de aula, bem como do áudio, através da gravação da fala do professor, a transcrição dos enunciados.

Assim, fez-se a categorização dos dados obtidos e a quantificação das estratégias semânticas sinonímias e antonímias presentes, através da

tabulação. Para Barros e Lehfel'd (2014, p. 110): “‘Tabulação’ é o processo pelo qual se apresentam os dados obtidos da categorização em tabelas”. Assim, a disposição dos dados graficamente auxilia o processo de inter-relação deles e também com as hipóteses de estudo.

Ocorreu a descrição através da análise e da discussão da coleta de dados diante das estratégias empregadas, em que se utilizou como *corpus* de análise as interpretações em Libras.

4.2 A SELEÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

O procedimento adotado foi a filmagem de dois intérpretes de Libras, havendo interpretação simultânea, enquanto interpretaram a fala do professor em sala de aula. O tempo de filmagem foi de aproximadamente uma 1h a 1h30 min em cada sala, e as análises ocorreram dos primeiros 15 minutos de gravação. Houve a gravação da voz do professor, e após ocorreu a transcrição do seu discurso, para que em seguida fosse realizada a análise com relação à interpretação em Libras.

Para a realização das filmagens, foi previamente solicitada uma autorização dos sujeitos envolvidos e da instituição na qual o profissional possui vínculo empregatício, havendo a autorização anterior do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC.

Os equipamentos utilizados foram: uma câmera de filmagem, um tripé, um celular e um *laptop*.

Por se tratar de uma pesquisa que necessitou filmar os intérpretes e gravar a voz dos professores, houve bastante dificuldade de encontrar sujeitos que se dispusessem a participar. Primeiramente, houve a tentativa de estabelecer um contato com três IES (Instituições de Ensino Superior) da região da grande Florianópolis, no primeiro semestre do ano 2015, em que havia possibilidade de conversar com sete intérpretes, para realizar um primeiro contato. Dos sete constatados, dois aceitaram o convite e um disse pessoalmente que não gostaria de participar da pesquisa.

Nesse sentido, quando se trata de filmagens, notou-se que há uma tensão bastante presente entre os profissionais, pois se percebeu um grande receio sobre a possibilidade de serem avaliados negativamente. Assim, indaga-se se essa situação é recorrente no meio de atuação, pois pode estar prejudicando de fato o desenvolvimento de pesquisas na área.

No segundo semestre, também se entrou em contato com uma instituição pública em que os professores e intérpretes através de *e-mail* se pronunciaram a favor da participação; porém, a resistência partiu da gestão responsável por pesquisas a qual alegou que somente aceitaria após o parecer do Cepsh da UFSC, entretanto, para que fosse favorável, primeiramente a instituição e os sujeitos de pesquisa precisariam assinar o termo de compromisso, para, em seguida, ser digitalizado e enviado para a Plataforma Brasil, do comitê; então, não foi possível coletar os dados nessa instituição pública federal.

Portanto, coleta de dados em sala de aula teve como situações desafiadoras, em primeiro lugar, a gestão da instituição, que precisou se posicionar – liberar ou não a pesquisa a ser realizada naquele espaço –, em segundo, o gestor imediato dos profissionais intérpretes de Libras, assim como o coordenador do curso da instituição em que se pretendia coletar os dados; em terceiro, os professores das disciplinas; em quarto, os intérpretes de Libras.

Assim, após inúmeras tentativas, foi possível a colaboração de quatro sujeitos de pesquisa, dois professores e dois intérpretes. Foram elencados alguns critérios para a escolha dos intérpretes, como formação em ensino superior, ter experiência mínima de um ano de atuação no ensino superior e ter idade acima de 21 anos.

Outro desafio decorrente das gravações em instituições de ensino foram os dias em que se precisou adiar ou trocar as datas. No dia em que haveria a disciplina, os profissionais estavam envolvidos com uma reunião do colegiado ou com atividades recreativas devido a uma data comemorativa, um dia de prova, um dia de apresentação de seminário dos alunos ouvintes em que a fala do professor era bem menor, e a um dia em que o aluno surdo faltou. Portanto, o agendamento da data sofreu interferência devido a alguns contratempos, e a coleta foi prorrogada. Antes da coleta dos dados, foi explicado para os intérpretes de que se tratava a pesquisa e todo o procedimento, bem como antes de coletar a assinatura dos sujeitos de pesquisa, no Termo de Esclarecimento Livre e Consentido, constava todas as informações sobre o projeto, no qual os intérpretes leram antes de assinar.

4.2.1 Os cenários da pesquisa

Primeiramente, foi assistido todo o vídeo, sendo selecionados os primeiros 15 minutos, para ambas as análises de estratégias de sinonímia e antonímia, visto que, em todas as coletas, os intérpretes atuavam por

mais de 1h sozinhos, e não havia dupla para dividir o trabalho em 20 minutos para cada um.

Nesse sentido, sabe-se que, em mais de 20 minutos de atuação, o intérprete de Libras passa a apresentar um desgaste físico e cognitivo. Logo, para preservar o trabalho da interpretação, optou-se por 15 minutos, tendo em vista que não havia duplas para revezar a interpretação (OLIVEIRA; ROSA; SANTIAGO, 2009)

Ao todo, foram realizadas três coletas de dados. Entretanto, a primeira coleta foi descartada devido à desistência do intérprete, inclusive após o início de análise parcial dos dados. Assim, houve uma segunda coleta, que será denominada aqui como coleta A, pois é a que, de fato, foi utilizada nesta pesquisa. A coleta A foi realizada em uma instituição de ensino superior pública, esta denominada neste estudo como Instituição A. A segunda coleta de dados analisada ocorreu em uma instituição pública do ensino básico, a qual será identificada como Instituição B.

4.2.2 As salas de aula, as disciplinas e os temas

Na Instituição A, a sala de aula será chamada de sala de aula A, a disciplina na qual foi realizada chama-se Gestão de Sistemas de Informação, de curso de graduação, em que se busca formar profissionais para atuar na coprodução de serviços públicos. A aula foi realizada no laboratório de informática, e os alunos, cada um em seus respectivos computadores, acompanhavam a aula expositiva; assim, por meio de *slides*, era mostrado o passo a passo, sobre o banco de dados, através do *software* Visage.

Na Instituição B, a sala de aula ficou denominada como sala de aula B. A coleta foi uma escola de ensino básico pública, sendo realizada na disciplina de geografia, do 9º ano. O tema desenvolvido na aula expositiva foi sobre o Continente Africano e seus aspectos: histórico-social, religioso, econômicos, culturais, territoriais, étnicos e linguísticos, também havendo apresentação de *slides*.

4.2.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram assim denominados: Instituição A, Professor A e Intérprete A; Instituição B, Professor B e Intérprete B.

O Professor A possui graduação em Ciência da Computação, mestrado e doutorado em Engenharia da Produção. A Intérprete A possui formação em Psicologia, mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho, e atua há oito anos na área de interpretação em Libras, e esses oito anos foram sempre no ensino superior. O contexto de trabalho dessa intérprete é, principalmente, o educacional e de conferência, e na área médica algumas vezes. Possui o Prolibras, nível superior, e tem 30 anos de idade. Na Instituição A, ela trabalha há um ano e meio. No contexto educacional tem experiência nos cursos de pós-graduação em Linguística, em Pedagogia, estudos da tradução, e na graduação em administração pública, Letras/Libras, Educação Física, Biotecnologia, Ciências Contábeis, Administração Empresarial, Moda, Ciência da Computação e Biblioteconomia. Atualmente, cursa algumas disciplinas da pós-graduação em estudos da tradução, na UFSC.

O Professor B é geógrafo (bacharel e licenciado). O Intérprete B é graduado em Letras/Português, atua há cinco anos e meio na área de interpretação em Libras, nos níveis básico e superior, possui o Prolibras, e tem 33 anos de idade. Na instituição em questão, trabalha há um ano e meio, atualmente realiza formação contínua através de cursos que são ofertados para intérpretes de Libras.

4.2.4 Instrumentos de análise

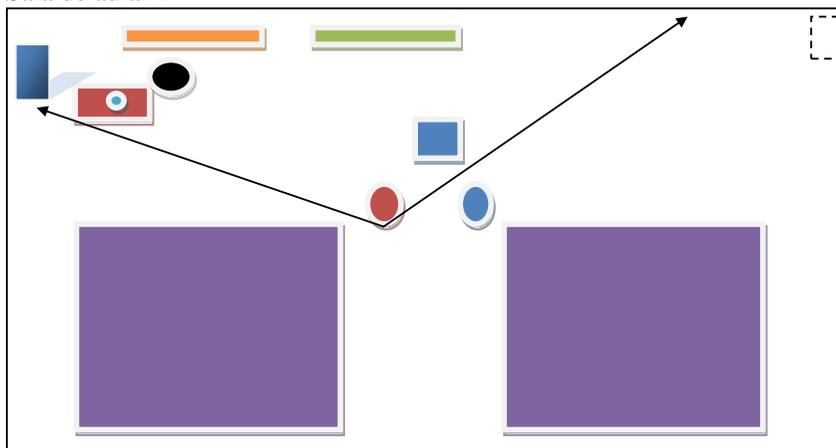
Nas duas instituições, em cada sala de aula, havia um aluno surdo e a média de alunos não surdos era em torno de 30. Os intérpretes ficavam sentados em frente ao aluno surdo.

Na sala de aula A, a câmera ficou disposta para filmar a imagem do intérprete juntamente com a imagem do professor, bem como do quadro onde eram projetados os *slides*. Também foi gravado o áudio da aula, com o telefone celular, em todas as coletas, a fim de garantir a gravação, e evitar problemas futuros com o áudio, porque a câmera poderia não captar o áudio de forma nítida. O que acabou por não ocorrer em nenhuma das situações, pois foi possível captar o áudio claramente na filmagem.

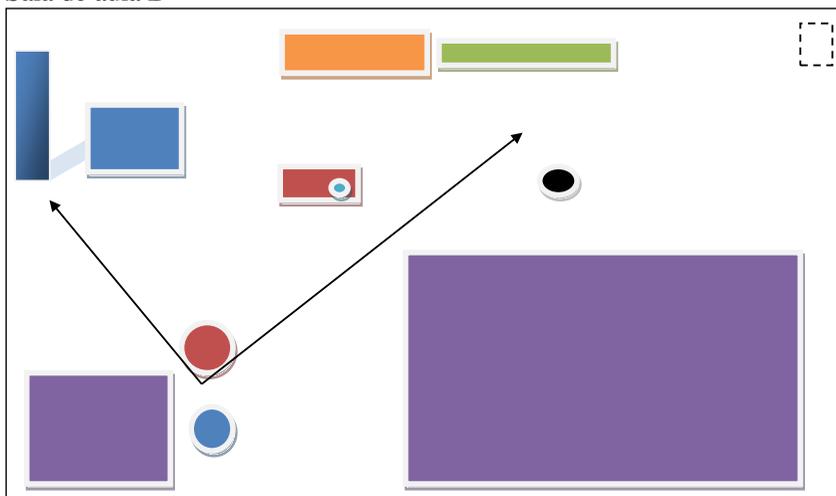
Na sala de aula B, a câmera ficou disposta para filmar apenas o intérprete, tendo em vista que o Professor B optou por não ser filmado, mas concordou que sua voz fosse gravada. A seguir, há dois mapas que mostram como foi disposta a câmera para a filmagem em cada sala de aula.

É importante destacar que, com relação ao mapa da sala de aula A, o Professor A se deslocou na sala de aula da esquerda para a direita; logo, no quadro A, optou-se apenas por demonstrar a primeira localização do Professor A, quando iniciou a filmagem, pois nos recortes de imagens que serão visualizados na parte da análise dos dados se perceberá a mudança de localização do professor.

Figura 18 – Localização do Professor
Sala de aula A



Sala de aula B



Legenda

	Intérprete de Libras		Professor		Slide		Celular
	Camêra		Aluno Surdo		Lousa		Janela
	Ângulo de filmagem		Alunos não surdos		Mesa do professor		Porta

Fonte: Elaborada pela autora.

As filmagens foram assim cronometradas: na sala de aula A durou aproximadamente 1h30min; na sala de aula B, em torno de 1h15min. As filmagens foram realizadas no segundo semestre do ano 2015. A primeira filmagem ocorreu na sexta-feira, no turno matutino; a segunda, em uma quarta-feira, no período vespertino. Houve uma gravação para cada coleta, e a gravação totaliza cerca de 2h45min. A opção por dispor a câmera nestes locais se deu para que o uso da imagem dos alunos (surdos e alunos não surdos) fosse preservada.

4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Optou-se por utilizar, nesta pesquisa, o ELAN¹², pois permite que as imagens sejam captadas e sincronizadas com a transcrição dos discursos do professor e a transcrição da Glosa, das interpretações em Libras. Assim, esse programa vem a agregar e auxiliar no armazenamento e na análise de *corpus* em Libras. Como recurso para ilustrar detalhes importante, fez-se o *print* de algumas imagens do Elan, a fim de demonstrar os sinais utilizados, por exemplo, das estratégias e da utilização do *software* Paint para realizar o recorte das imagens. Para manter o sigilo dos sujeitos de pesquisa, foi colocado um círculo escuro sobre a face dos participantes desta pesquisa que ilustram as fotografias (*prints* da tela) que serão apresentadas a seguir.

Após as filmagens, em seguida, optou-se por analisar, os primeiros 15 minutos. Os intérpretes não tiveram contato prévio com o material que iriam interpretar, e não houve a filmagem de nenhum aluno, seja surdo ou não surdo.

As intervenções de alunos não surdos e do aluno surdo – como dúvidas, opiniões ou complementações – foram retiradas da análise, ou seja, não foram consideradas, e descontadas do tempo total de 15 minutos. O máximo de intervenção contabilizado em um dos vídeos foi de um minuto aproximadamente, o que se considerou como um tempo irrisório.

¹²ELAN (*Eudico Language Annotator*) é uma ferramenta digital para o recolhimento do *corpus* em Libras, através da transcrição do áudio do discurso do professor e a transcrição da Glosa em Libras. Trata-se de uma ferramenta desenvolvida pelo Max Planck Institute de Psycholinguistics da Holanda. É um *software* disponibilizado gratuitamente na internet, sendo acessível para quem queira adquiri-lo (Tradução nossa).

4.3.1 Das estratégias semânticas sinonímias

A primeira análise foi com relação às estratégias de sinonímia em Libras. Inicialmente, assistiu-se todo o vídeo em busca da relação do que era dito pelo professor; após o que era sinalizado pelo intérprete. Assim, pode-se transcrever os enunciados do professor e também a glosa da interpretação. Em seguida, o critério para a escolha das palavras na Língua Portuguesa não envolveu aquelas que possuíam um significado aparentemente direto com um sinal em Libras correspondente, e sim aquelas que apresentaram outro sinal e que, em um primeiro momento, este parecia não ter sinônimo. O critério de escolha dos enunciados em busca das estratégias semânticas sinonímias estava de acordo com o objetivo da pesquisa, a fim de analisar se estas estratégias de fato contribuem com a interpretação em sala de aula, se são realmente utilizadas e, ainda, para verificar quais palavras foram empregadas. Nesse sentido, procurou-se verificar se os sinais eram ou não sinônimos. Por exemplo, se o professor falou modelo, o intérprete sinalizava o sinal de modelo. Porém, se o professor questionou: “Vocês entenderam?” E foi sinalizado: “VOCÊ PERCEBER?” Então, era destacado a palavra e o sinal. Logo, foi elaborado um quadro com a transcrição dos enunciados.

Após, foi pesquisado o significado das palavras no site “www.dicio.com.br”; em seguida, verificou-se se eram sinônimas no site “www.sinonimos.com.br”; por fim, as palavras e os sinais em glosa foram sublinhadas.

A seguir, destacam-se os enunciados e todas as possibilidades que cada sinal utilizado propicia de significados, como sinônimo.

4.3.2 Das estratégias semânticas antonímias

O critério para a escolha dos enunciados e das palavras elencadas para a análise das estratégias de interpretação antonímias em Libras são marcadas antes, durante ou após o sinal em Libras, o qual é uma sinonímia da palavra na Língua Portuguesa; por sua vez, esses elementos de negação se referem ao sinal que é um sinônimo.

Os elementos de negação em Libras encontrados foram: através do sinal de NÃO-TER em Libras, através do dedo indicador apontado para cima e em movimentos horizontais para a direita e a esquerda, e o dos movimentos da cabeça para os lados, horizontalmente para a direita

e a esquerda. Por isso, foi elaborada uma legenda a fim de diferenciar entre os enunciados transcritos cada um dos elementos de negação. Logo, as palavras estão destacadas entre os seguintes símbolos: sinal de NÃO-TER em Libras é identificado entre dois colchetes. O movimento com dedo indicador de NÃO é representado entre os símbolos de asteriscos. E o movimento com a cabeça, demonstrando negação, é representado entre chaves. Todos esses sinais estão em negrito, conforme ilustra o quadro a seguir.

Quadro 8 - Elementos adicionais de negação relacionados às estratégias semântica antonímia

Elemento de negação com o sinal de NÃO-TER	[]
Elemento de negação com o dedo indicador	* *
Elemento de negação com a cabeça	{ }

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.3 Obtidos na coleta A

O critério para a escolha das palavras também se submeteu a uma das hipóteses da pesquisa: “se a utilização da estratégia semântica antonímia com um elemento negativo agregado é uma opção de interpretação em Libras”. Logo, para a análise dos dados obtidos com relação a estratégias de antonímia, ouviu-se o discurso do professor e se buscou encontrar palavras com significados opostos dentro do contexto do próprio discurso relativo ao tema que era exposto nas aulas.

Não tendo sido encontrado no discurso do Professor A, buscou-se elementos de negação na interpretação em Libras, realizada pela Intérprete A. E, ao encontrar esses elementos, passou-se a verificar a sua relação com a palavra sinônimo relacionada com o Português a fim de constatar se havia ou não a presença das estratégias de antonímia na primeira coleta de dados. Assim, por meio do uso do programa Elan, foi possível transcrever a glosa da interpretação da Intérprete A e, após, a voz do Professor A, a fim de se buscar as suas relações.

Depois da transcrição, estas análises foram dispostas em uma tabela a fim de destacar os enunciados encontrados. Em seguida, com o auxílio do dicionário *online*, do *site* dos sinônimos e do *site* de antônimos, puderam ser delineados os resultados obtidos e destacá-los

em uma legenda organizada em cores, para discernir os usos de cada tipo de elemento de negação, que foram separados em três formas diferentes em Libras. Em seguida, foram destacados os elementos de negação realizados simultaneamente, assim como aqueles que não foram considerados como estratégias de antonímia, porém estavam presentes na transcrição.

4.3.4 Obtidos na coleta B

Com relação ao tratamento dos dados obtidos na coleta B, se fez o procedimento de ouvir o discurso do professor e pontuar onde estavam presentes as palavras que possuíam significados opostos, visando a analisar como seriam realizadas as interpretações para essas situações, se haveria o uso de sinônimos e de mais algum elemento de negação agregado. Assim, se constatou a presença de antônimos na fala do Professor B. Através do site “www.antonimos.com.br”, buscou-se averiguar se tais palavras se tratavam realmente de antônimos. Com os resultados, verificaram-se as respectivas palavras com significados opostos.

Em seguida, ao elencar tais palavras, fez-se a transcrição do discurso do Professor B e do discurso através da glosa da interpretação realizada.

A seguir, é apresentada a transcrição dos enunciados em que se verificou a presença de sinônimos, com a denominação: Professor A e Intérprete A. A primeira transcrição se refere à coleta de dados realizada na sala de aula A.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os quadros com a transcrição dos enunciados na coleta de dados A e na coleta de dados B, as figuras correspondentes ao uso das estratégias semânticas sinonímias e antonímias utilizadas, e as categorias de presença de dois elementos de negação realizados simultaneamente, presença de elementos de negação e estratégia de omissão.

Quadro 9 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/Sinonímias

ENUNCIADOS	PROF. A	INTER. A
1.	Vocês vão encontrar, além do modelo de relatório que já usaram, alguns modelinhos de <u>roteiro</u> “pra” entrevista. O fato é de que aquelas perguntas lá são bem detalhadas e, de certa forma, <u>expressam</u> esses pontos aqui.	NÓS VER TAMBÉM TEM MODELO <u>PROGRAMA</u> (PLANO) ENTREVISTA MAS ROTEIROS PERGUNTAS DETALHES TAMBÉM <u>MOSTRAR</u> (APRESENTAR) PRINCIPAL IMPORTANTE PRINCIPAL PERGUNTA
2.	Mais a frente... Veja, eu “to” <u>entendendo</u> a realidade deles. E eu “to” entendendo o fluxo de trabalho.	DEPOIS.... AGORA EU <u>PERCEBER</u> (COMPREENDER) COMO ETAPAS TRABALHO
3.	Como que é o passo a passo desde a <u>solicitação</u> do aluno até o registro da matrícula.	COMO REGISTRO ETAPAS EXEMPLO ALUNO <u>PEDIR</u> (REQUERIMENTO) PRECISA MATRÍCULA

4.	Posso matricular em duas disciplinas no <u>mesmo</u> horário?	POSSÍVEL HORÁRIO <u>IGUAL</u> (SEMELHANTE, ANÁLOGO) ENTRAR MATRÍCULA NÃO PODE
5.	Nosso hospital, é um hospital <u>privado</u> , com fins de lucro.	HOSPITAL <u>PARTICULAR</u> NÓS HOSPITAL PARTICULAR

Fonte: Elaborada/do pela autora.

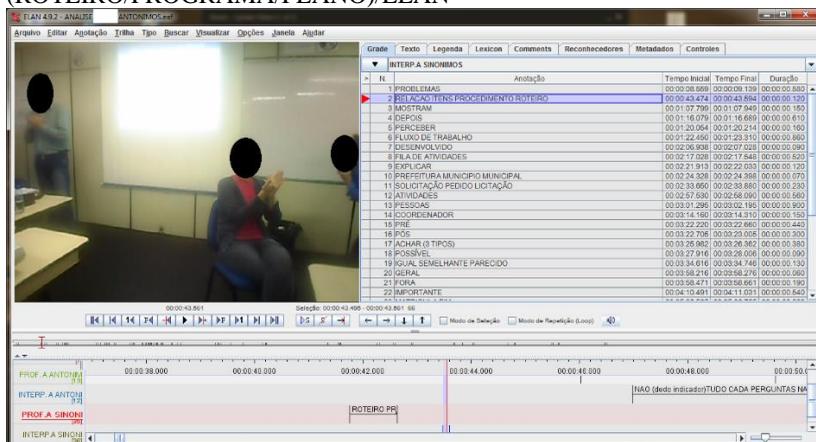
Em destaque, as palavras sublinhadas representam os sinônimos. E, na coluna à direita, nas glosas das interpretações, entre parênteses, estão todos os outros sinônimos que podem ser utilizados para aquele mesmo sinal. Nesse contexto, com um tema específico, foram destacadas, entre parênteses, outras possibilidades que um mesmo sinal pode abarcar.

5.1 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS SINONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA A

No quadro 5, é possível visualizar que, no enunciado um, o sinal utilizado para a palavra “roteiro”, também pode ser utilizado para PROGRAMA e PLANO. Que poderá ser visualizado nas duas figuras a seguir.

A primeira, a Figura 19 é utilizada para a demonstração da análise realizada no Elan. Como não foi possível colocar esse tipo de imagem, pois ela se tornou muito pequena para a visualização do sinal em Libras, ela será demonstrada no início das categorias; em seguida, serão apresentadas as figuras maiores, nas quais se consegue observar melhor o sinal.

Figura 19 - Sala de aula A/sinonímia (ROTEIRO/PROGRAMA/PLANO)/ELAN



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 20 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (ROTEIRO/PROGRAMA/PLANO)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 21 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (EXPRESSAR/MOSTRAR/APRESENTAR)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na Figura anterior, foi utilizado o sinal de MOSTRAR. E esse sinal é sinônimo de APRESENTAR.

Figura 22 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (ENTENDER/PERCEBER/COMPREENDER)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado dois, a palavra “entendendo” foi sinalizada como PERCEBER. Seu sinal também é um sinônimo para COMPREENDER, conforme pode ser observado na Figura 22.

Figura 23 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinóníma (SOLICITAR/PEDIR/REQUERER)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado três, a palavra dita foi “solicitação”. E, na interpretação, utilizou-se o sinal de PEDIR, que é representado pelo mesmo sinal usado para o termo REQUERIMENTO, demonstrado na Figura 23.

Figura 24 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (MESMO/IGUAL/SEMELHANTE/ANÁLOGO)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado quatro, a palavra dita foi “mesmo”. Que na interpretação foi definida com sinal de IGUAL, o qual também é sinônimo para SEMELHANTE e ANÁLOGO, o que pode ser visualizado na Figura 24.

Figura 25 - Sala de aula A/Estratégia semântica sinonímia (PRIVADO/PARTICULAR)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado cinco, a palavra em destaque foi “privado”. E o sinal utilizado foi de PARTICULAR. Conforme aparece na Figura 25, observando-se a mão direita da intérprete.

Portanto, com o intento de promover a reflexão sobre as diversas imagens selecionadas e analisadas, cabe mencionarmos que foi possível contabilizar o uso de seis estratégias de interpretação semântica sinonímia em Libras na sala de aula A.

5.2 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS ANTONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA A

No quadro 6, estão as transcrições dos enunciados dos locutores, professor e intérprete, e que revelam os dados encontrados. Na coluna à esquerda, denominada Professor A, estão transcrições dos enunciados orais do Professor A. Na coluna à direita, aparece “Inter. A”, que se

refere a glosa dos enunciados em Libras realizada pela Intérprete A. Ambas as colunas se inter-relacionam através dos enunciados.

Quadro 10 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/Antonímias

ENUNCIADOS	PROF. A	INTER. A
1.	Tem pré e pós-convicções e <u>regras</u> que norteiam uma matrícula?	<u>REGRAS</u> ANTES DEPOIS MATRÍCULA TEM? NÃO-TER?
2.	Posso me matricular em 20 disciplinas em {um semestre}?	MATRÍCULA 20 MATRÍCULAS UM{SEMESTRE}
3.	Posso me <u>matricularem</u> duas disciplinas no mesmo horário?	DÁ HORÁRIO IGUAL {FREQUENTAR} {MATRÍCULA} {NÃO PODE}
4.	Posso me <u>matricular</u> em uma disciplina que tem um pré-requisito que eu não fiz ainda?	EXEMPLO P-R-É-R-E-Q-U-I-S-I-T-O »NÃO« FAZER <u>MATRÍCULA</u>
5.	Qual é a <u>satisfação</u> hoje do aluno com esse processo? Ah... É péssimo! Ok... Qual é a minha meta?	ALUNO GOSTAR NÃO GOSTAR MATRÍCULA {GOSTAR NÃO} {INFERIOR}
6.	Identificar se eu tenho um <u>convênio</u> aceito pelo hospital.	PRECISA SABER SE TEM ACEITAR <u>CONVÊNIO</u> HOSPITAL *NÃO*ALGUNS ACEITAR
7.	Aí... Você vai ganhar aquela pulseirinha, é isso.... Classificar o nível de <u>urgência</u> .	PULSEIRA SABER AVALIAÇÃO URGENTE <u>URGENTE</u> *NÃO*

Fonte: elaborada/do pela autora.

Para as estratégias de interpretação semânticas antonímias em Libras, foram empregadas três subcategorias, assim denominadas: negação com o dedo indicador, negação através do sinal de NÃO-TER em Libras, e negação através dos movimentos da cabeça.

5.2.1 Negação com o dedo indicador

É possível constatar a presença da estratégia de interpretação semântica antonímia nos enunciados seis e sete.

Figura 26 - Sala de aula A/Antonímias/CONVENIO/ELAN

The screenshot displays the ELAN 4.9.2 software interface. The main window shows a video recording of a person sitting at a desk in a classroom. The interface includes a menu bar (Arquivo, Editar, Anotação, Trilha, Tipo, Descar, Visualizar, Opções, Janela, Ajudar) and a toolbar with various editing tools. The central area is divided into two panes: a video view on the left and a list of annotations on the right. The annotations list is titled 'INTERP. A ANTONÍMIAS' and contains 12 entries, each with a grade, text, and time intervals. The bottom of the interface shows a timeline with a play button and a search bar.

Grade	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecadores	Metadados	Controles
1	1	NÃO (DEDO INDICADOR) TUDO CADA PREGUNTA MAS NÃO PRECISA (CABEÇA) TUDO					
2	2	REGRAS ANTES E DEPOIS REGISTRO TEM? NÃO TEM (CABEÇA) NÃO?					
3	3	VER SE NÃO: NÃO (CABEÇA) NÃO (DEDO)					
4	4	MATRICULA 20 MATRICULAS 1 SEMESTRE (SEMESTRE) FEZ NEGAÇÃO COM ...					
5	5	LA HORARIO QUAL EN FIM (PREGUNTAS) ENTRAR CABEÇA FAZ NEGAÇÃO ...					
6	6	EXEMPLO FINE RE-CAUSA-1-1-1-1 FAZER NA RECULA (CABEÇA) MAS DEPOS ...					
7	7	MATRICULA NÃO (NÃO) CABEÇA E NÃO (DEDO) INDICADOR					
8	8	QUALQUER NÃO (DEDO) INDICADOR CABEÇA (PREGUNTAS) MAS INEÇÃO COM ...					
9	9	PRECISA SABER SE TEM ACELERAR UNIMED HOSPITAL NÃO (DEDO) INDICADO ...					
10	10	FULSERA SABER AVALIAÇÃO (NÃO) URGENTE DO NÃO (DEDO) INDICADO ...					
11	11	AT ESTADO LAR. A ESTADO (DEDO) NÃO (DEDO) INDICADOR CABEÇA ...					
12	12	EXEMPLO EU NÃO (DEDO) INDICADOR/ VAI CASA SE SAO DO NÃO (CABE ...					

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 27 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/CONVÊNIO



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Conforme o enunciado seis, é possível visualizar, nas Figuras 26, 27 e 28, o sinal de CONVÊNIO, a fim de declarar que havia convênio médico ou plano de saúde que não era aceito pelo hospital.

Figura 28 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 29 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/URGENTE



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado sete, para se referir ao sinal de URGENTE, a fim de esclarecer que o atendimento no hospital dependia do grau de urgência ou não, para elaborar o nível de gravidade na saúde do paciente e classificar tais riscos formando uma ordem de atendimento, foi realizado o sinal de URGENTE mais a negação com o dedo indicador, o que é demonstrado nas Figuras 29 e 30.

Figura 30 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

5.2.2 Negação através do sinal de NÃO-TER

Constatou-se a presença da estratégia de interpretação antonímia no enunciado de número um, quando, na interpretação, foi usado o sinal em Libras NÃO-TER para se referir ao sinal de REGRAS.

Figura 31 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/REGRAS



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na enunciação um, o sinal é empregado para explicar que, na realização de uma matrícula, há ou não a presença de norteadores que gerenciam a execução de uma matrícula nas instituições de ensino superior (Figura 31 e Figura 32).

Figura 32 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia (Negação através do sinal de NÃO-TER)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

5.2.3 Negação através do movimento da cabeça

Verificou-se, no enunciado dois e no enunciado três das interpretações, a presença da estratégia de interpretação antonímia, através do movimento da cabeça. Como os dados dos sujeitos de pesquisa precisam ser confidenciais, não será possível visualizar a cabeça; portanto, será exposto apenas o sinal realizado em Libras. Cabe ressaltar que, durante a realização do sinal, concomitantemente, foi realizado o movimento de negação com a cabeça.

Figura 33 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/FREQUENTAR (Negação através do movimento da cabeça)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado dois, houve a sinalização do elemento de ligação de negação para se referir a não possibilidade de um aluno de FREQUENTAR 20 disciplinas em um mesmo semestre, conforme ilustra a Figura 33.

Figura 34 - Sala de aula A/Estratégia semântica antonímia/MATRÍCULA (Negação através do movimento da cabeça)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com relação ao enunciado três, houve a negação com a cabeça para o sinal de FREQUENTAR, bem como para o sinal de MATRÍCULA, ou seja, o sinal foi usado para contextualizar que não era possível frequentar duas disciplinas no mesmo horário, nem para realizar a matrícula para duas disciplinas diferentes que possuem horários iguais, porque ocorreria o choque de horários. Isso pode ser visualizado no sinal de MATRÍCULA (Figura 34).

Assim, a partir dessas ponderações, mediante a análise destes dados coletados, na sala de aula A, forma contabilizadas cinco estratégias de interpretação semânticas antonímias em Libras.

5.3 SINALIZAÇÃO DE DOIS ELEMENTOS DE NEGAÇÃO REALIZADOS SIMULTANEAMENTE

Quanto aos enunciados cinco e três, foi essencial fazer uma reflexão acerca das sinalizações, pois se notou que, no enunciado cinco, foi utilizado o sinal de GOSTAR NÃO na interpretação. E esse sinal é

realizado com a mão no PA, no peito; após, a O em direção para fora do peito. Quando é realizado para fora, com esse M, indica que “desgostou”. Esse sinal foi realizado simultaneamente com o movimento da cabeça como elemento de negação agregado.

Ademais, no mesmo enunciado cinco, foi possível perceber que, ao sinalizar INFERIOR, foi realizado o movimento da cabeça indicando a negação. No enunciado três, a interpretação é complementada com a sinalização de NÃO PODE ou também compreendido como OCUPADO. O sinal foi igualmente realizado concomitantemente com a negação da cabeça, ou seja, os antônimos PODE/NÃO PODE – na Língua Portuguesa, possível/impossível ou ocupado/desocupado – passam a ter ênfase na sinalização da negatividade.

5.4 PRESENÇA DE ELEMENTOS DE NEGAÇÃO

Nos enunciados a seguir, foram encontrados outros elementos de negação agregados, porém como não havia um sinal que fosse considerado como sinônimo do enunciado oral, não foram consideradas estratégias de interpretação antonímia em Libras, entretanto optou-se por demonstrar nesta pesquisa, a fim de apresentar outras negações presentes e que contribuem para manter o sentido na interpretação. Aqui apresentados como enunciados: A, B e C.

Quadro 11 - Transcrição dos enunciados da sala de aula A/antônias

Enunciados	Prof. A	Inter. A
A)	Vocês não vão usar cada pergunta daquelas...	*NÃO *TUDO RELAÇÃO PERGUNTAS [PRECISAR] TUDO
B)	O que vocês acham?	VER SIM OU »NÃO« ?
C)	Atestado... amos lá!	ATESTADO MÉDICO {NÃO} SIM
D)	Não libera o paciente enquanto ele não tiver... Com o mínimo... Uma saúde minimamente estável...	EXEMPLO EU *NÃO*VOU CASA SE SAÚDE BOA *NÃO* [VAI] CASA

Fonte: elaborado pela autora.

Nos enunciados A e D, há a presença do elemento de negação com a cabeça, nos sinais em Libras de **PRECISAR** e **VAI** respectivamente. Que se compreende como não precisa e não vai. O enunciado A indica que não será necessário, não precisa utilizar todas as perguntas elencadas pelo professor, colocadas no roteiro para uma entrevista, a fim de realizar a pesquisa para a disciplina. E, no enunciado D, a interpretação buscou um sentido, ao afirmar que não será possível ir para casa o paciente, que ainda não se encontra bem de saúde.

Nos enunciados A e D, há a presença do elemento de negação realizado com o dedo indicador. O enunciado A não irá ser utilizado em todas as perguntas. E o enunciado D, após o “SE SAÚDE BOA *NÃO*”, também se refere a não ir para casa.

O enunciado »NÃO« está entre estes dois símbolos » «, significa a realização da negação através do dedo indicador e mais a negação com a cabeça, com sinais realizados simultaneamente. Neste estudo, questiona-se se ambos, ao serem realizados concomitantemente, reforçam a não possibilidade de matrícula de 20 disciplinas em um semestre como exemplo de intensidade na fala ou se poderia a negação da cabeça passar a dar o sentido de positividade de oposição. E, também, reflete-se sobre o fato de o "não" realizado com o dedo indicador passar a ter o entendimento de possibilidade de realizar a matrícula em 20 disciplinas em um semestre.

No quadro a seguir, é apresentada a transcrição dos enunciados ditos pelo Professor B e pelo Intérprete B, denominados como Professor B, na coluna à esquerda e Inter. B, na coluna à direita.

Quadro 12 - Transcrição dos enunciados da sala de aula B/sinonímias

ENUNCIADOS	PROF. B	INTER. B
1.	<u>Retomando</u> as <u>últimas</u> aulas, certo?	AGORA NÓS <u>VOLTAR</u> AULA <u>PASSADO</u>
2.	Mas principalmente retomando o histórico <u>potencial</u> do Continente Africano antes da chegada do Europeu	MAS PRINCIPAL VOLTAR HISTÓRIA COMO <u>FORÇA</u> ÁFRICA, MAS ANTES PESSOAS EUROPA CHEGAR
3.	A partir deste momento, aqui que <u>agrava</u> a situação do subdesenvolvimento africano	PORQUE AGORA <u>DIFICULDADES</u> AGORA ÁFRICA COMEÇA
4.	Assim, como aconteceu na América também, são eventos <u>paralelos</u> , todos aqueles eventos iniciando a exploração europeia	TAMBÉM COMEÇO IGUAL AMÉRICA MOMENTO ÁFRICA AMÉRICA <u>IGUAL</u> MOMENTO
5.	“Pra” gente desmistificar, desmentir, desmontar, aquela imagem, aquela <u>ideia</u> , carregada, preconceituosa, de que o Continente Africano sempre foi subdesenvolvido	COMO <u>PENSAMENTO</u> DELES TEM DISCRIMINAÇÃO COMO EU PENSAMENTO ÁFRICA PENSAMENTO DESENVOLVIMENTO POUCO
6.	Isso é um problema já <u>natural</u> da África	PROBLEMA <u>PRÓPRIO</u> ÁFRICA
7.	Que a África tinha seu	ÁFRICA TEM

	<u>potencial.</u>	<u>POSSIBILIDADES</u>
8.	Aí eles vêm “pra” uma segunda leva de exploração, mais intensa, mais <u>severa</u> . E, agora, com outros países em cima disso.	AGORA TROCAR MASSACRAR LOCAL AGORA <u>RIGOROSO</u> PEGAR PEGAR PEGAR RÁPIDO FORTE
9.	Aparece Itália, Alemanha... e Bélgica... Se eu não me engano, além dos outros países que já estavam explorando, <u>motivados</u> pela Revolução Industrial.	AGORA COMEÇAR ITÁLIA SEGUNDO ALEMANHA TERCEIRO PÁIS DIVERSOS TAMBÉM PEGAR PORQUE <u>INFLUENCIAR</u> PEGAR PEGAR PEGAR MATERIAIS ESPECÍFICOS INDÚSTRIA
10.	Então, vamos <u>seguir</u> ...	<u>SEMPRE</u>
11.	O grande lema era: ouro, <u>grandeza</u> e <u>glória</u> .	O QUE MOTIVAR PRIMEIRO OURO SEGUNDO <u>SUPERIORIDADE</u> TERCEIRO <u>FAMA</u>

Fonte: elaborado pela autora.

Logo, observou-se que havia estratégias de interpretação semântica sinonímia, as quais serão analisadas a seguir.

5.5 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS SINONÍMIA EM LIBRAS NA SALA DE AULA B

No enunciado um, notou-se que a palavra “retomando”, tem o sentido de reiniciar, recomeçar; então, o sinal utilizado foi VOLTAR,

que também é um sinônimo, em Libras, para a palavra na Língua Portuguesa. Isso pode ser observado na Figura 35 e, mais claramente, na Figura 36.

Figura 35 - Sala de aula B/Sinônimas/(REINICIAR/RECOMEÇAR/VOLTAR)/ELAN

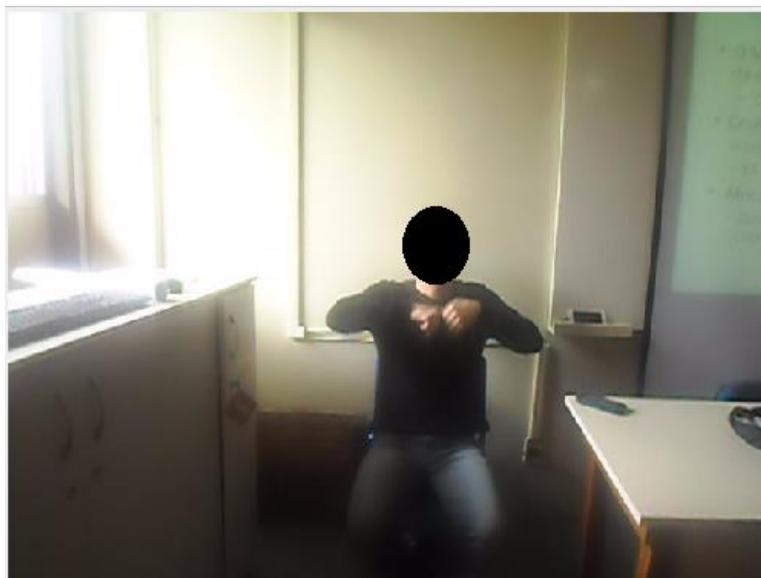
The screenshot displays the ELAN 4.9.2 software interface. On the left, a video window shows a person in a classroom setting. The main area contains a list of annotations with columns for 'Grado', 'Texto', 'Legenda', 'Lexicon', 'Comments', 'Reconhecedores', 'Metadatos', and 'Controles'. The annotations are as follows:

Nº	Texto	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	anotação	00:00:00.230	00:00:00.760	00:00:00.530
2	RETOMANDO	00:00:05.938	00:00:06.476	00:00:00.538
3	AGORA NÓS VOLTAR AULA PASSADO	00:00:07.003	00:00:11.163	00:00:04.160
4	MAS PRINCIPAL VOLTAR HISTÓRIA COMO POTÊNCIA AFRICA MAS ANTES PESSOAS E	00:00:25.990	00:00:36.300	00:00:10.310
5	PORQUE, SÓ, PORQUE, AGORA, DIFICULDADES, AGORA, AFRICA, COMEÇA, PORQUE	00:00:37.489	00:00:44.919	00:00:07.430
6	AGORA MOMENTO	00:00:48.540	00:00:51.540	00:00:03.000
7	TAMBÉM COMEÇO IGUAL AMERICA MOMENTO AFRICA AMERICA IGUAL MOMENTO	00:00:56.973	00:01:02.963	00:00:05.990
8	COMO PENSAMENTO DELES TEM DISCRIMINAÇÃO COMO EU PENSAMENTO AFRICA PE	00:01:02.963	00:01:04.763	00:00:01.800
9	PROBLEMA PRÓPRIO AFRICA	00:01:42.761	00:01:51.131	00:00:08.370
11	PRÓPRIO	00:01:53.427	00:01:53.746	00:00:00.319
12	NEGATIVO DIMINUIR DESCENDENTE	00:02:06.249	00:02:06.023	00:00:00.224
13	AFRICA TEM POSSIBILIDADES	00:02:13.997	00:02:16.037	00:00:02.040
14	PEGAR APROPRIAR-SE	00:02:55.033	00:02:56.376	00:00:01.343
16	EMBORA, EMBORA, EMBORA, PLURAL	00:03:04.139	00:03:04.619	00:00:00.480
16	PLURAL	00:03:36.833	00:03:37.643	00:00:00.810
17	AGORA TROCAR MASSACRAR LOCAL, AGORA RIGOROSO PEGAR PEGAR RAP	00:03:59.889	00:04:06.719	00:00:06.830
18	AGORA COMEÇAR ITALIA, SEGUNDA ALEMANHA, TERCEIRO PÁS DIVERSOS, TAMBÉM	00:04:07.241	00:04:22.391	00:00:15.150
19		00:04:22.321	00:04:22.971	00:00:00.650

At the bottom of the interface, a timeline shows the video segments for 'professor', 'INTERPRETE B', 'PROF. ANTONIO', and 'INTERPRETE ANTONIO' with their respective time intervals.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 36 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinônima (REINICIAR/RECOMEÇAR/VOLTAR)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

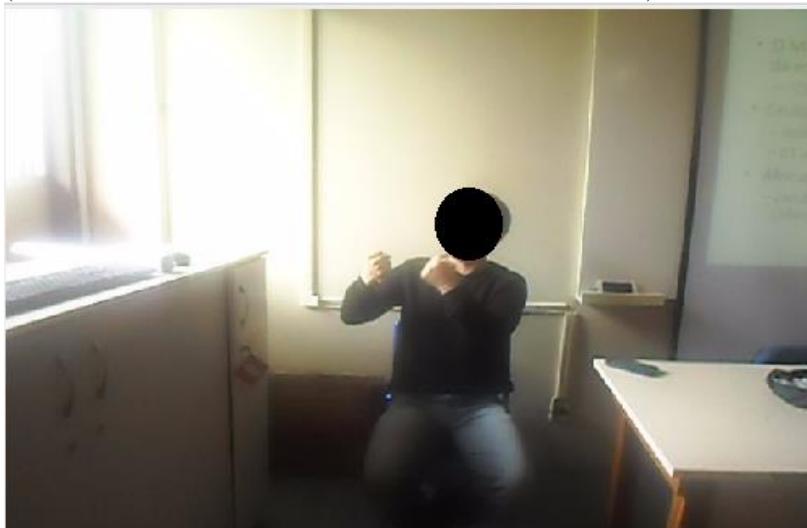
Figura 37 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (ÚLTIMA/PASSADA/PRECEDENTE/ANTERIOR/ANTECEDENTE)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No mesmo enunciado a palavra utilizada pelo Professor B foi “últimas”; nesse caso, foi interpretada para Libras como PASSADAS, ou seja, serve também para precedentes, anterior e antecedentes, conforme mostra a Figura 37.

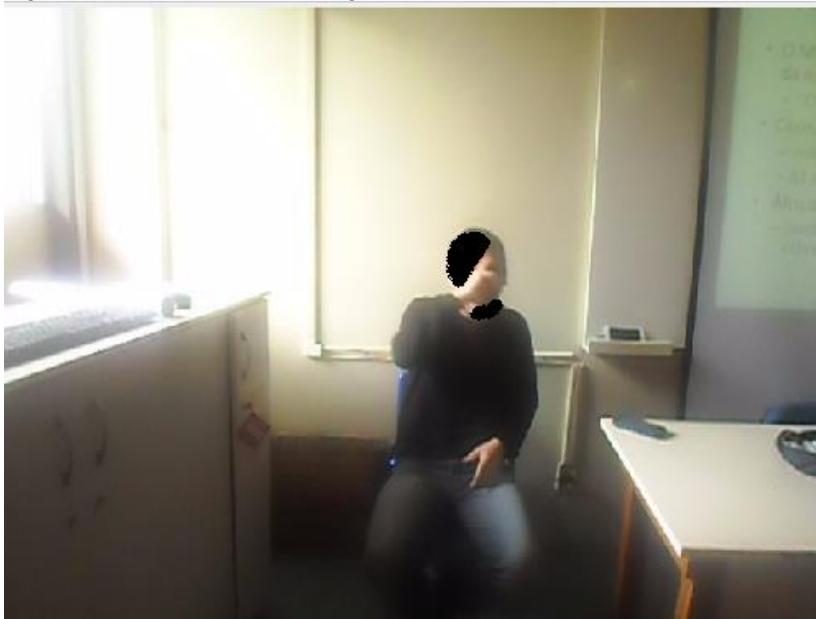
Figura 38 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (POTENCIAL/EFICIÊNCIA/CAPACIDADE/RENDIMENTO)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado dois, a palavra utilizada pelo Professor B foi “potencial”. Nesse contexto tem o sentido de eficiência, capacidade e rendimento. Então, o sinal realizado foi de FORÇA, conforme apresenta a Figura 38.

Figura 39 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado três, a palavra utilizada pelo Professor B foi “agrava”, e em Libras o sinal utilizado foi DIFICULDADES, que possui o sentido de agravar, piorar e intensificar. Sinal este realizado na testa, conforme mostra a Figura 39.

Figura 40 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (PARELELO/IGUAL/SIMULTÂNEO/CONCOMITANTE)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado quatro, a palavra utilizada pelo professor foi “paralelos”. A interpretação recorreu ao sinal de IGUAL, com o mesmo significado para simultâneo e concomitante (Figura 40).

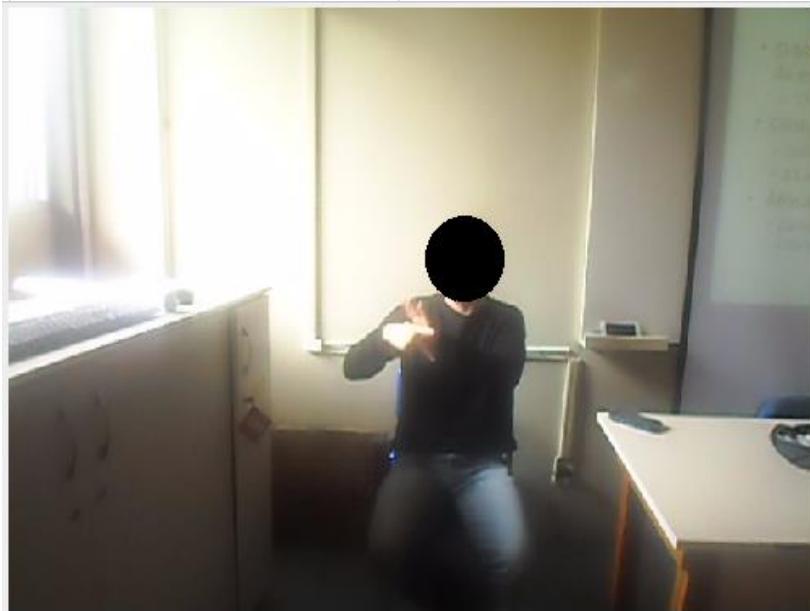
Figura 41 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (IDEIA/PENSAMENTO)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado cinco, a palavra dita foi “ideia”. Na interpretação, o sinal foi de PENSAMENTO, para dar o sentido de imaginar uma determinada situação, uma visão sobre um determinado tema, o que se observa na Figura 41.

Figura 42 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (PRÓPRIO/ESPECÍFICO/INERENTE)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado seis, para a palavra “natural”, foi utilizado o sinal de PRÓPRIO em Libras para se referir àquilo que é específico, inerente (Figura 42).

Figura 43 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinônima (POTENCIAL/POSSÍVEL/POSSIBILIDADES)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para a palavra “potencial”, utilizada no enunciado sete, foi utilizado em Libras, o sinal de POSSÍVEL, o qual, nesse contexto, passa a ter o sentido de possibilidades, demonstrado na Figura 43.

Figura 44 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (SEVERO/RIGOROSO/RÍGIDO)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A palavra empregada no enunciado oito foi “severa”. O sinal realizado foi de RIGOROSO, o que traz um sentido de rígado, representado na Figura 44.

Figura 45 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (MOTIVAR/INFLUENCIAR/INSTIGAR/PROVOCAR)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado nove, a palavra utilizada pelo Professor B foi “motivados”, que foi interpretada como INFLUENCIAR. Quando pesquisada no sentido contrário, primeiramente consultando o dicionário, a palavra influenciar surge como sinônimo da palavra motivar, e esta possui o sentido de instigar, provocar (Figura 45).

Figura 46 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (CONTINUAR/AVANÇAR/SEGUIR)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado dez, para a Libras, o sinal utilizado foi de: CONTINUAR, ou seja, avançar, para a palavra dita na Língua Portuguesa, que era “seguir” (Figura 46).

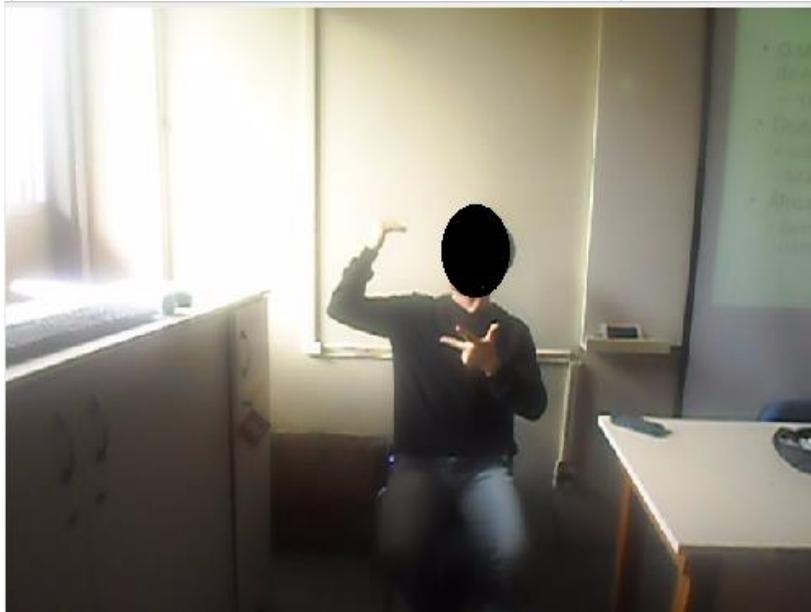
Figura 47 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (GRANDEZA/SUPERIORIDADE/SUPREMACIA)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No enunciado 11 foi utilizado para a palavra: “grandeza”, usando-se o sinal de SUPERIORIDADE, com o sentido de supremacia, que pode ser visualizado na Figura 47.

Figura 48 - Sala de aula B/Estratégia semântica sinonímia (GLÓRIA/FAMA/RECONHECIMENTO/NOTORIEDADE)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por fim, para a palavra “glória”, o sinal utilizado foi FAMA, que possui o sentido de reconhecimento e notoriedade. Foi realizado o sinal com a mão direita do intérprete, conforme mostra a Figura 48.

Ao todo, foram analisadas treze estratégias semânticas sinonímias.

5.6 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICAS ANTONÍMIAS EM LIBRAS NA SALA DE AULA B

A seguir, é apresentada a transcrição dos enunciados do Professor B, na coluna à esquerda, e do Intérprete B, na coluna à direita, para se referir a presença de antônimo.

Quadro 13 - Transcrição dos enunciados da sala de aula B/Antonímias

ENUNCIADOS	PROF. B	INTER. B
1.	E mostrando o potencial africano antes da chegada do europeu. “Pra” gente desmistificar, desmentir, desmontar, aquela imagem, aquela ideia, carregada, preconceituosa, de que o continente africano sempre foi subdesenvolvido.	“TB” MOSTRAR POTENCIAL “PQ” EUROPA CHEGAR ATUALMENTE INTERESSE ÁFRICA COMO PENSAMETO LOCAL TEM DISCRIMINACAO (PRECONCEITO) COMO PENSAMENTO ÁFRICA PENSAMENTO DESENVOLVIMENTO POUCO
2.	Ainda o foco não era a exploração do subsolo, por exemplo. Eram “só” estes produtos, especiarias “pra” <i>status</i> , “pra” nobreza. Certo? Produtos de valores.	MAS FOCO SÓ MINERAL *NÃO* ABAIXO SOLO TERRA ABAIXO *NÃO* DIVERSOS E-S-P-E-C-I-A-R-I-A-S BASTA
3.	Primeiro... Que navegar por esses territórios desconhecidos é sempre um receio.	PORQUE NAVEGAÇÃO <u>CONHECIMENTO</u> *NÃO* ALGUNS EVITAR PROBLEMAS
4.	Imagina... Não tinha mapeamento, não tinha <u>conhecimento</u> desta região aí.	ONDE ESPALHAR COLONIZAR MAPA AMÉRICA <u>CONHECER</u> \ <u>NÃO-TER</u> / <u>CONHECIMENTO</u> LOCAL \ <u>NÃO -TER</u> /

5.	Só que, na América, a gente não tinha tantos <u>pontos</u> de exploração como na África.	MAS AMÉRICA\ NÃO-TER / <u>PONTOS</u> [NÃO]POUCO TEM OURO CONCENTRADO RESUMIDO LOCAL SÓ UM
6.	Como também nunca encontraram tanta prata, tanto ouro, como em Potosí, na Bolívia.	TERCEIRO BOLÍVIA, SEGUNDO TERCEIRO LOCAL, MAS TEM OURO ENCONTRAR

Fonte: elaborado pela autora.

Segue-se a categorização das estratégias de antonímia em Libras, conforme aspectos apresentados anteriormente, que são: negação com o dedo indicador, negação através do sinal de NÃO-TER em Libras e negação através dos movimentos da cabeça.

5.6.1 Negação com o dedo indicador

Foi possível perceber que, no enunciado três, há a presença da negação através do dedo indicador. O enunciado dito pelo professor que foi a palavra desconhecido, foi interpretado como CONHECIMENTO NÃO, em Libras, ou seja, usou-se um recurso sintático. Conforme as Figuras 49, 50 e 51 ilustram a seguir:

Figura 49 - Sala de aula B/Antonímias/CONHECIMENTO/ELAN

The screenshot displays the ELAN 4.5.2 software interface. On the left, a video window shows a person sitting at a desk in a classroom. The main area on the right contains a table with columns for 'N.', 'Anotação', 'Tempo Inicial', 'Tempo Final', and 'Duração'. Below the table is a timeline with playback controls and a list of participants: 'professor', 'intérprete B', 'PROF ANTONÍO', and 'INTERP ANTONÍO'. Two text boxes are overlaid on the timeline, containing the following text:

PRIMEIRO QUE NAVEGAR POR ESSES TERRITÓRIOS DESCONHECIDOS E S

PORQUE NAVEGAÇÃO CONHECIMENTO NAO - APENAS DEDOS INDICADOR - CABEÇA NÃO MEXE

N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1		00:00:00	00:00:27	00:00:27
2	TE MOSTRAR POTENCIAL FO EUROPA CHEGAR ATUALMTE INTERESSE AFRICA COMO P	00:01:36:648	00:01:51:028	00:00:15:380
3	MAS FOCO SO MINERAL NAO - CABEÇA E DEPO INDICADOR COM NEDAÇÃO, ABAXO SOL	00:05:14:019	00:05:19:691	00:00:05:672
4				
5	DIVERSOS E-S-P-E-C-A-R-I-A-S BASTA	00:05:19:082	00:05:23:988	00:00:04:296
6	PORQUE NAVEGAÇÃO CONHECIMENTO NAO - APENAS DEDOS INDICADOR - CABEÇA NAO	00:05:23:989	00:05:29:791	00:00:05:771
7	ONCE ESPANHOL DO ONZAR MAPA AMERICA CONHECIMENTO TEM CABEÇA REAÇÃO	00:11:16:839	00:11:21:639	00:00:05:799
8	MAS AMERICANO TEM - (SEM A CABEÇA) - PONTOS NAO CABEÇA) POISSO TEM OURO C	00:11:53:649	00:12:01:224	00:00:07:674
9	MAS AMERICANO TEM - (SEM A CABEÇA) - PONTOS NAO CABEÇA) POISSO TEM OURO C	00:14:02:648	00:14:14:479	00:00:11:832
9	OMITO A PALAVRA INCONTA	00:14:19:147	00:14:24:870	00:00:05:823
10	TERCEIRO SOLVA, SEGUNDO E TERCEIRO LOCAL MAS TEM OURO ENCONTRAR	00:14:26:600	00:14:33:190	00:00:06:590

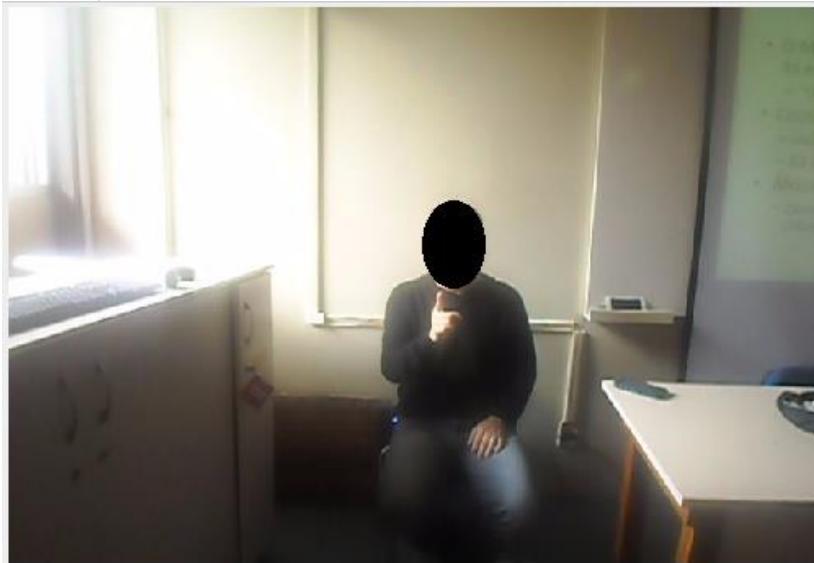
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 50 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/ CONHECIMENTO



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 51 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia (Negação com o dedo indicador)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

5.6.2 Negação através do sinal de NÃO-TER

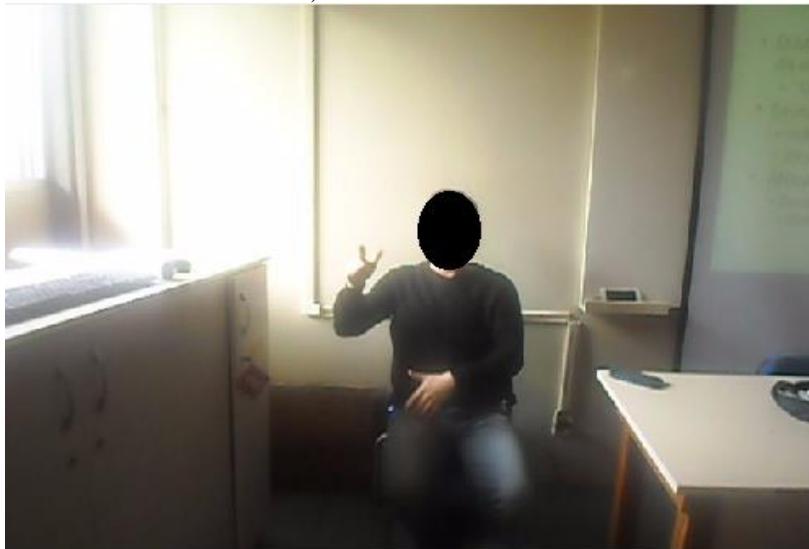
A negação através do sinal de NÃO-TER é encontrada no enunciado cinco, em que NÃO-TER, em Libras, sinal que se refere a América, conforme mostram as Figuras 52 e 53.

Figura 52 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/AMÉRICA



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 53 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/AMÉRICA (Negação através do sinal de NÃO-TER)

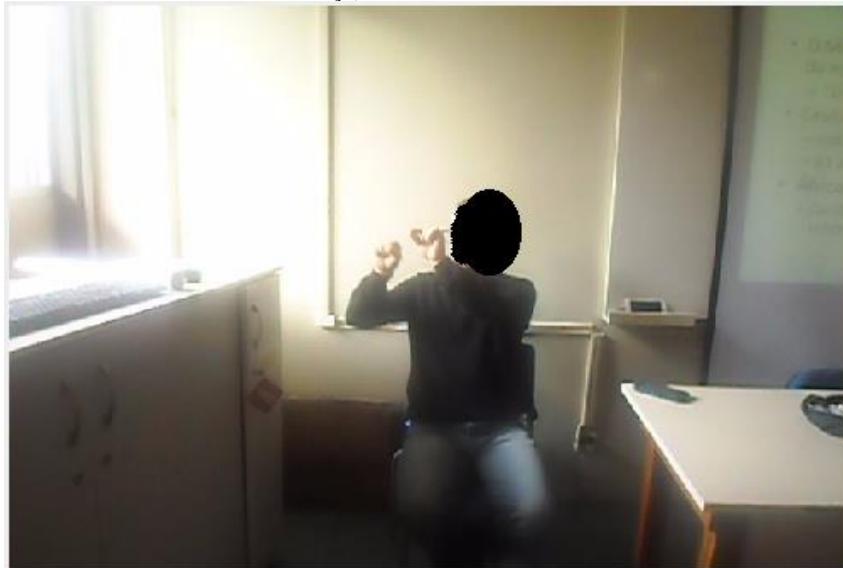


Fonte: Acervo pessoal da autora.

5.6.3 Negação através do movimento da cabeça

No enunciado cinco, é possível observar que, na interpretação, há o sinal de NÃO, e este se referiu aos pontos de exploração na América, o que pode ser visto na Figura 54.

Figura 54 - Sala de aula B/Estratégia semântica antonímia/PONTOS (Negação através dos movimentos da cabeça)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao todo, foram analisadas três estratégias semânticas antonímias. Além disso, cabe mencionar outra situação que surgiu nesta análise da interpretação B, envolvendo a presença da estratégia de omissão, descrita por Barbosa (1990), Novais (2009), Hortêncio (2005) e Barbosa (2014). Só que, neste estudo, não se objetivou analisá-las, tendo em vista que são vistas como ferramentas do intérprete de Libras; então, caso fosse analisada, apresentaria sua fundamentação. De acordo com Barbosa (2014), é possível esse aspecto ser analisado, mediante entrevista retrospectiva a fim de verificar qual a demanda da interpretação naquele momento, para as interpretações em Libras. Isso poderá ser verificado na Figura 17.

5.7 SINALIZAÇÃO DE DOIS ELEMENTOS DE NEGAÇÃO REALIZADOS SIMULTANEAMENTE

Nos enunciados dois e quatro, notou-se a sinalização de dois elementos de negação, realizados concomitantemente.

No enunciado dois é possível observar que na glosa MAS FOCO SÓ MINERAL *NÃO*, o Intérprete B, realizou a negação juntamente com os movimentos da cabeça. E no enunciado quatro, ao realizar o sinal de NÃO-TER, o intérprete também realizou a negação através do movimento da cabeça. Assim, como analisado anteriormente isto caracteriza-se por dar ênfase ao enunciado.

5.8 PRESENÇA DE ELEMENTOS DE NEGAÇÃO

Outro aspecto a ser analisado no enunciado dois é quanto ao acréscimo do NÃO por último, ou seja, na fala: ABAIXO SOLO TERRA ABAIXO *NÃO*. Logo, devem ser analisados os elementos de negação que estão presentes:

Primeiramente, aqueles que estão presentes no discurso do professor, que poderão ser ou não interpretados para Libras.

Em seguida, aqueles que estarão presentes na interpretação em Libras, e que poderão se dividir em três tipos: os interpretados, os acrescidos e os que são considerados estratégias de antonímias.

Quanto aos acrescidos, foram colocados na interpretação como ferramenta na transformação da informação, e não terão, necessariamente, um sinal em Libras como sinonímia agregado. Já as estratégias de interpretação semântica antonímia terão um sinal em Libras, sinônimo ao qual o elemento de ligação se refere.

Assim, no enunciado dois, outro aspecto é que o enunciado na glosa MAS FOCO SÓ MINERAL NÃO é a interpretação da fala do professor, e a parte de ABAIXO SOLO TERRA ABAIXO NÃO foi um acréscimo que não se trata de estratégia semântica de antonímia, pois não há um sinal que seja sinônimo do português ao qual a negação se refere.

5.9 ESTRATÉGIAS DE OMISSÃO

Foi possível observar a presença da omissão no enunciado um e no enunciado seis. No enunciado um, no discurso do professor, há as palavras que foram ditas: desmistificar, desmentir e desmontar. Essas palavras são pares de oposição com: desmistificar/mistificar, desmentir/mentir e desmontar/montar. Percebeu-se que não foram interpretadas.

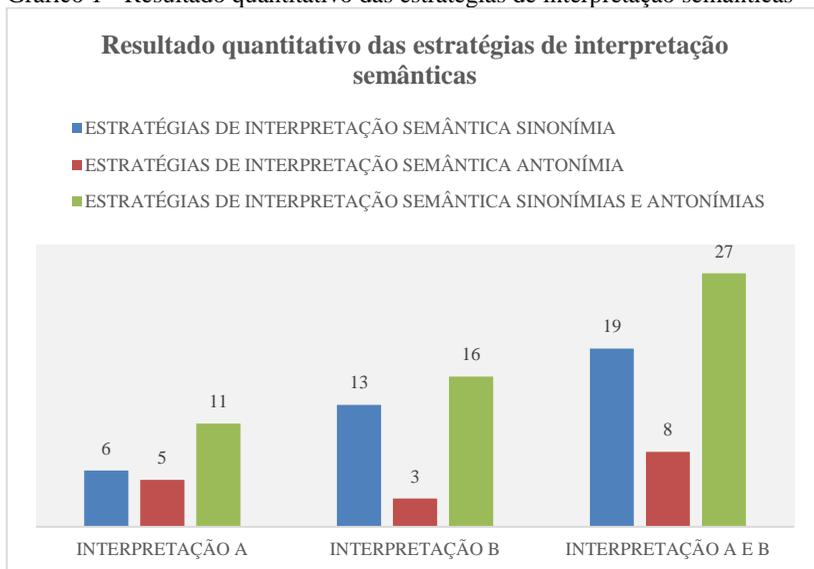
Quanto ao enunciado seis, não ocorreu a interpretação da palavra “nunca”, dita pelo professor, e que forma par de oposição com

nunca/sempré. Entretanto, a mensagem foi transmitida, e a interpretação foi realizada. Foi conservado o objetivo da transmissão da mensagem, o que não prejudicou o seu sentido.

5.10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta pesquisa, foi possível observar que, tanto para a análise dos dados A quanto para a análise dos dados B, as estratégias de interpretao semânticas sinonímia e antonímia estavam presentes. Assim, optou-se por organizar um gráfico e quantificar a presença de tais estratégias em ambas as análises, a fim de ilustrar a quantidade de estratégias utilizadas na interpretao A e na interpretao B, tanto as semânticas sinonímias quanto as semânticas antonímias.

Gráfico 1 - Resultado quantitativo das estratégias de interpretao semânticas



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relao ao número de glosas que foram realizadas, na interpretao A, foram transcritas quarenta e oito glosas, sendo que se somou onze estratégias de interpretao semântica sinonímia e antonímia, ou seja, aproximadamente vinte e dois por cento, do total de glosas transcritas. Isto , uma quantidade considerada razoável de

estratégias de interpretação semântica sinonímia e antonímia em vista do total de glosas.

Para a transcrição das glosas na interpretação B, foram realizadas trinta e oito glosas, sendo que apareceram dezesseis estratégias de interpretação semântica sinonímia antonímia, o que gerou, aproximadamente quarenta e dois por cento do total de glosas. Assim, esteve presente as estratégias de interpretação semântica sinonímia e antonímia quase na metade das glosas transcritas. Uma quantidade considerada alta.

Desta forma, para as estratégias semânticas sinonímia na interpretação A, foram encontradas seis. Já as estratégias de interpretação antonímia foram cinco. Logo, ao todo, foram contabilizadas 11 estratégias.

Na interpretação B, foram encontradas treze estratégias semânticas sinonímias, e três estratégias semânticas antonímias, totalizando 16 estratégias.

Juntando as interpretações A e B, foram analisadas 16 estratégias semânticas sinonímia e oito estratégias semânticas antonímias. O total de estratégias foi de 27.

Portanto, percebeu-se que as estratégias de interpretação semântica sinonímias são as mais utilizadas, logo estão em maior quantidade, conforme mostra o quadro 8.

Nesta pesquisa, as estratégias de interpretação semântica antonímias estão em menor quantidade, visto que elas foram as menos utilizadas nesses contextos em específico; todavia, em outras situações de análise, podem ser obtidos resultados diferentes acerca do uso de tais estratégias.

Durante a análise dos vídeos, outras estratégias de interpretação semânticas – não menos importantes – não puderam deixar de ser observadas. Estas não são o foco deste estudo; entretanto, demonstram as diversas possibilidades de interpretação em Libras. Algumas não serão descritas, mas citadas como exemplo: as mudanças de abstração e as mudanças de distribuição. Certamente outras estratégias, sejam elas sintáticas ou pragmáticas, também estavam presentes, como os apontamentos para o quadro, localizando um item para o aluno surdo. Devem, ainda, ser mencionados alguns detalhes como: as expressões não manuais inerentes a Libras, condizentes com a tonalidade da voz do professor para interrogações; o direcionamento do olhar para um aluno não surdo, quando este tomou o turno, para falar; o uso dos classificadores e soletração.

Indubitavelmente, todos os aspectos citados e outros a mais tornam a interpretação em Libras riquíssima e colaboram para a compreensão e a aprendizagem do aluno surdo em sala de aula.

CONCLUSÕES

Ao se pontuar onde estão presentes as estratégias semânticas sinonímias e antonímia na interpretação em Libras, em sala de aula, não se pretende engessar a interpretação ou afirmar que esta somente poderá ocorrer de determinada forma, pois assim poderia ser considerada de qualidade.

Nesta pesquisa, certamente não se pretendeu definir que para “tais e tais palavras” devam ser usados “estes ou aqueles sinais” ou “estas ou aquelas estratégias”. Este estudo possibilitou compreender e visualizar que, através da marcação das estratégias de interpretação semânticas sinonímias e antonímias, pode-se demonstrar – dentro do universo de possibilidades das interpretações em Libras – a utilização apenas de duas delas, inicialmente.

As sinonímias encontradas nesta pesquisa não se tratam de sinonímias absolutas, conforme Lyons (1986), ou seja, aquelas que contemplam todos os aspectos necessários para ser sinônimos, como significado descritivo, expressivo e social.

Quanto as antonímias não foram encontradas e sim as estratégias semântica antonímia, ou seja, o sinônimo mais um elemento de negação, Chesterman (1997).

Conforme Geraldi e Ilari (2001), as sinonímias encontradas faziam parte do mesmo conjunto, possuíam a mesma igualdade de sentidos – não alteravam o sentido do enunciado, inclusive de afirmação para negação, por exemplo, ou vice-versa –, e não estavam relacionadas a um contexto pejorativo. Também não se tratou, dentro da própria Libras, sobre os sinônimos regionais.

Na área dos estudos da interpretação em Libras, comprovar a existência de tais estratégias, mediante pesquisas, permite tornar didáticas essas ferramentas, tendo em vista que as estratégias de interpretação semânticas sinonímias e antonímias são conhecidas e notórias, sendo utilizadas em outros pares linguísticos. E a entrada desse saber para a área da interpretação em Libras comprova que esta, como língua que é, também permite o uso desses meios.

Esta pesquisa permitiu, inclusive, uma reflexão acerca do plano de ensino que poderia estar presente nos currículos de cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras/português. Isso poderia gerar uma prática reflexiva da interpretação, mediada por um processo dialógico com a fundamentação teórica para os próprios profissionais.

Este estudo também pretendeu apoiar os professores que atuam em sala de aula com a presença dos intérpretes de Libras, esclarecendo

que é possível visualizar e compreender a maneira como se efetiva a interpretação dos conhecimentos desenvolvidos em suas aulas. A fim de que fomente a parceria e a troca entre estes dois profissionais, que atuam cotidianamente juntos.

Outro aspecto relevante é passar esse conhecimento para os alunos surdos, que são o público-alvo das interpretações em Libras, pois poderão ter acesso a esta pesquisa. O tratamento e a análise dos dados indicam como ocorrem as interpretações.

Como perspectiva, é importante mencionar que se pretende continuar com outras pesquisas que visem a observações do uso das demais estratégias semânticas, assim como das estratégias sintáticas e pragmáticas, inclusive em outros contextos, não somente no educacional.

Este estudo promoveu uma reflexão sobre como pesquisar as estratégias – sejam elas semânticas, sintáticas ou pragmáticas – que envolvem outras modalidades de interpretação, ou mesmo entre língua de sinais, de outros países e a Libras.

Esta pesquisa não visa a contribuir apenas com relação à interpretação do Português Oral para Libras, ela poderá servir como fonte de pesquisa para alunos surdos, quanto ao Português Escrito; afinal, no capítulo que se referiu à análise dos dados, foi possível demonstrar, por meio das figuras, os sinais que foram utilizados. Na seção que trata das estratégias semânticas sinonímias, por exemplo, o aluno surdo poderá realizar o caminho inverso: visualizar o sinal em Libras e relacioná-lo com as possíveis sinonímias na Língua Portuguesa. Há o entendimento de que, na língua Portuguesa, assim como em outras línguas, uma palavra poderá adquirir vários sentidos de acordo com o contexto em que é produzida. Desta forma, a presente pesquisa auxiliará o aluno surdo nestas relações acerca dos significados e dos sentidos na leitura e interpretação de textos, bem como em suas produções textuais.

Portanto, percebeu-se que foi possível constatar que as estratégias semânticas sinonímia e antonímia são utilizadas em sala de aula e contribuem para as interpretações em Libras. Elas auxiliaram a construir o sentido do discurso na LA, proferido na LF, ajudando, ainda, nas explicações sobre os temas que foram desenvolvidos em sala de aula. As interpretações foram compreendidas e ambas as estratégias são bastante utilizadas, como foi possível constatar na análise dos dados e na quantificação demonstrada através do Gráfico 1, que foi apresentado no capítulo anterior.

As sinonímias contribuíram na busca por sinais que tivessem o mesmo significado; porém, inicialmente, demonstravam ser sinais que

não tinham uma relação direta com a palavra pronunciada pelo professor. As palavras elencadas na Língua Portuguesa, para serem utilizadas na estratégia semântica sinonímia foram: roteiro, expressam, entendendo, solicitação, mesmo, privado, retomando, últimas, potencial, agrava, paralelos, ideia, natural, potencial, severa, motivados, seguir, grandeza e glória.

As palavras escolhidas para a estratégia semântica antonímia, foram: regras, semestre, matricular, satisfação, convênio, urgência, conhecimento, américa e pontos.

Foi possível, também, apresentar a comprovação da utilização da estratégia semântica antonímia, com um elemento negativo agregado, para as interpretações em Libras. Verificou-se que representava negação através do sinal de NÃO-TER em Libras, com a negação realizada pelo dedo indicador e através da negação realizada com os movimentos da cabeça.

Logo, esta pesquisa permitiu visualizar duas estratégias semânticas que são amplamente utilizadas em sala de aula: sinonímia e antonímia. Como elas fazem parte da prática da interpretação em Libras, poder descobrir os elementos de negação que estão relacionados à antonímia em Libras especificamente, e poder registrar esse fato através da elaboração da presente dissertação representa uma contribuição para as interpretações em Libras em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. **A fidelidade no processo e no produto do traduzir**. Trabalhos em Linguística aplicada. v. 14. Unicamp: Campinas, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002.
Disponível em: <www.abntcolecao.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2015.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBOSA, Diego Mauricio. **Omissões na interpretação simultânea de conferência**: língua portuguesa – Língua Brasileira de Sinais. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:<[http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Diego_Mauricio_Barbo sa_-_Dissertacao.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Diego_Mauricio_Barbo_sa_-_Dissertacao.pdf)>. Acesso em: 9 jul. 2015.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. Lei nº.10.436, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 12 jun.2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº. 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2 set. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 12 jun. 2015.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm>. Acesso em: 16 ago. 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 16 ago. 2015.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation**: the spread of ideas in translation theory. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.

CHESTERMAN, Andrew. Teaching Strategies for Emancipatory Translation. In: SHÄFFNER, Christina; BEVERLY, Adab (Ed.). **Developing Translation Competence**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2000.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

COUTO, H.H. Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

CRUZ, Ronald Taveira da; LIMA, Ediane Silva. Alguns aspectos semânticos da Libras: um estudo do léxico de seus sinais em suas relações de sinonímia, antonímia, homonímias, homógrafas e polissemia. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL 2014), 17, João Pessoa – PB, 2014. **Anais...** João Pessoa – PB, 2014. Disponível em:

<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0367-1.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

ERGONOMIA. NORMA REGULAMENTADORA 17. Disponível em: <<http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/nr/nr17.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

GERALDI, João Wanderley; ILARI, Rodolfo. **Semântica**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HEBERLE, Viviane Maria; NICOLOSO, Silvana. As modalidades de tradução aplicadas à interpretação em língua de sinais brasileira. In: QUADROS, Ronice Müller de; RODRIGUES, Carlos Henrique. (Org.) Estudos da tradução e da interpretação, **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 197-235, 2015.

HORTÊNCIO, G. F. H. **Um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/GermanaFontouraHolandaHortencio.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução Izidor Binstein e José Paulo Paes. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRINGS, Hans P. Translation Problems and Translation Strategies of Advanced German Learners of French (L2). In: HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana. (Eds.). **Interlingual and Intercultural Communication: discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies**. Tübingen: GunterNarr, 1986.

LACERDA, Cristina B.F. de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 5ed. Mediação: Porto Alegre, 2013.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbugue e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

MAGALHÃES, Ewandro. **Sua majestade, o intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Posição-mestre**: desdobramentos foucaultianos sobre a relação de ensino do intérprete de língua de sinais educacional. 2013. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Coral gardens and their magic**. 2 ed. Bloomington: Indian University Press, 1965.

METZGER, Melanie. Os destaques das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no contexto acadêmico da interpretação comunitária. In: QUADROS, Ronice Muller de (Org.). Tradução/interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, v.2, n. 26, p.13-61, 2010.

NOBRE, Maria Alzira; PIRES, Cleidi Lovatto. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva (Org.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

NOVAIS, L. **O intérprete de Tribunal, no Brasil**: *peritusperitorum?* 2009. 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível

em:<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9348>. Acesso em: 7 jul. 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Juliano S.; ROSA, Marcilene M.S.; SANTIAGO, Judith V.B. A carência de cuidados na prevenção de DORT na atuação do intérprete de Libras. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES, 10, Ouro Preto, 2009. **Anais...** Ouro Preto, 2009.p.909-916.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **Delta**, v. 19, São Paulo: 2003.

PEREIRA, Maria Cristina. Interpretação interlingue: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Caderno de Tradução**, v. 1, n. 21, 2008. p.135-156.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de Libras**. v. 1. Rio de Janeiro: Regional & LSB Vídeo, 2006.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub; ZIPSER, Meta Elisabeth. **Introdução aos estudos da tradução**: teorias, histórias, reflexão e prática. 2ed. Florianópolis: UFSC, 2011.

QUADROS, Ronice M de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

REGO, Tereza Cristina. **Vygostsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans Josef. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra García Reina; Celia Martín de León; Heidrun Witte. Madrid: Akal, 1996. [1984].

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMANN, Werner [et al](Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. v.1: alemão- português. Tradução de Margarete Von MuhlenPoll. Florianópolis, UFSC, 2001.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: Português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Rimar_Ramalho_Segala_-_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2015.

SILVA, Heber de Oliveira Costa. **Tradução e dialogismo**: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Universitária da Ufpe, 2011.

SOBRAL, Adail. **Dizer o 'mesmo' a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Service Livraria, 2008.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 20, p. 51-67, 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 10 jan.2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes & Formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Declaração do I Fórum dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais das Instituições Federais de Ensino**. Disponível em:<http://forumtipife.paginas.ufsc.br/files/2015/01/Relat%C3%B3rio_final_F%C3%B3rum.04_02_15.pdf>. Acesso em: 07abr. 2015.

VIANA, Branca. Teoria da Relevância e interpretação simultânea. In: ALVES, Fabio; GONÇALVES, José Luiz (Org.) **Relevância em tradução**: perspectivas teóricas e aplicadas. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2006.

WEININGER, Markus J. **Estrela guia ou utopia inalcançável** - uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation: Herausgegeben von Gerd Wotjak. Frankfurt: Peter Lang, 2009.